



JULHO

1720

223

Revista Feminina



ANNO VII

PREÇO 1\$200

NUM. 74

Casa Allemã
FUNDADA EM 1883



Confecção para mocinhas

Lindos modelos de Paris

Tailleurs, vestidos e manteaux

RUA DIREITA
16 - 18 - 20

Schädlich & Co.

"O PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.
Se começa a ter pouco, serve-lhe o PILOGENIO, porque impede que o cabelo continue a cair.
Se ainda tem muito, serve-lhe o PILOGENIO, porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para a extinção da caspa

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette-OPLOGENIO

Sempre "O PILOGENIO"

"PILOGENIO" SEMPRE

A' VENDA em todas as pharmacias, drogarías e perfumarias

LYCETOL GRANULADO GIFFONI DISSOLVE E EXPELLE O ACIDO URICO

RESISTE MARAVILHOSAMENTE PELAS SUBSIDIAS MEDICAS
CONTRA
DIATRESE URICA—COLICAS NEPHRITICAS
CALCULOS BILIARES
ARTHRITISMO—RHEUMATISMO
→ GOTA ←

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS DO BRASIL
DEPOSITO GERAL DROGARIA GIFFONI

DE
FRANCISCO GIFFONI & C.^{IA}—RUA 1.^a DE MARÇO 17
RIO DE JANEIRO

A' ILLUMINADORA



Alberto dos

Santos & C.

Rua da Boa

Vista, 47

SÃO PAULO

Artigos de iluminação em geral

MATERIAL ELECTRICO

Motores, Dynamos, Pilhas, Lam-

padas electricas economicas, etc.



VINHO BIOGENICO

(Vinho que dá vida)

Para uso dos convalescentes, das puerperas, dos neurasthenicos, anemicos, dyspepticos arthriticos. Poderoso tonico e estimulante da "Vitalidade", o VINHO BIOGENICO é o restaurador naturalmente indicado sempre que se tem em vista uma melhora da nutrição, um levantamento geral das forças, da actividade psychica e da energia cardíaca.

E' o fortificante preferível nas convalescenças, nas molestias depressivas e consumptivas, (neurasthenia, anemia, lymphatismo, dyspepsias, adynamia, cachexia, arterio-sclerose), etc.

Reconstituinte indispensavel ás senhoras, durante a gravidez e após o parto, assim como ás amas de leite. E' um poderoso medicamento bioplastico e lactogenico.

Receitado diariamente pelas sumidades medicas

Encontra-se nas boas pharmacias e drogarías. Deposito Geral:

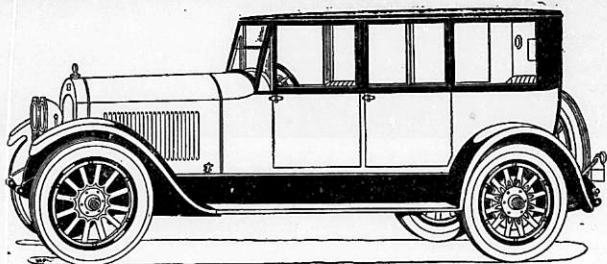
PHARMACIA E DROGARIA de — FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.^a de Março, 17 — Rio de Janeiro

ANDAR 13

EST. 19

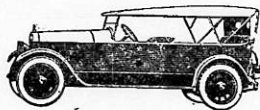
de 1900



"Cole" Limousine de grande luxo



Cole 2 lugares



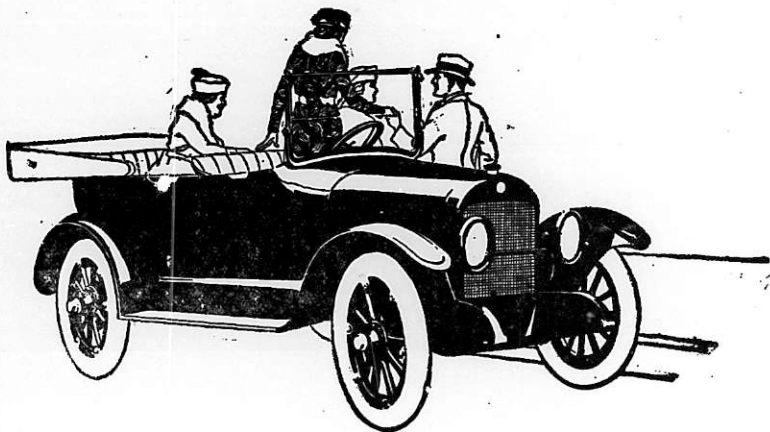
Cole 7 lugares



Cole 2 lugares

Luxo — Conforto — Elegancia — Durabilidade

Oito cylindros, oitenta e cavallos, motor de aviação



"Dort" O carro ideal para o interior

Quatro cylindros, trinta e cinco cavallos, muito simples e de construcção perfeita.
Stock de peças sobrecellentes

PEÇAM DEMONSTRAÇÕES

ISRAEL COMPANY LIMITADA

RUA FLORENCIO DE ABREU N. 79

TELEPHONE CENTRAL N. 92



CEROTINA

Quem não conhece este admirável creme brilhante para calçados deve usal-o e assim se convencerá rapidamente da sua excellencia e real utilidade

Usae a CEROTINA e o vosso calçado terá um brilho que fará inveja ao Sol

Deposito Geral: **CASA DO OTTO**

LARGO DA MEMORIA N. 12 — Piques
SÃO PAULO

Importação e exportação de couros e artigos para sapateiros e selleiros

QUEREIS CASAR BEM E LOGO?

VISITAE POIS

AO BAZAR DE MEIAS

Rua Santa Ephigenia, 126 - 128

onde podereis fazer um bello enxoval tanto de MEIAS de seda, lã, fio de Escocia e algodão fino, como de

RENDAS de linho, valencianes, filette e genipur feitas a mão e a machina.

BORDADOS estrangeiros e nacionaes em tiras, tecidos e aparelhos para toilette e cama; artigo feito com muito capricho tanto a mão como a machina isto além dum completo sortimento de TECIDOS BRANCOS, como morins estrangeiros, cretones de todas as larguras, nanzuks, linhos, filós e mol mol.

Não façam as vossas compras antes de verifiarem os preços do

Rua Santa Ephigenia, 126 - 128

AO BAZAR DE MEIAS

SEIOS

Desenvolvidos - Fortificados -
Aformoseados



COM

A PASTA RUSSA

Do Dr. G. RICABAL

O unico REMEDIO que em menos de dois mezes assegura o desenvolvimento, a firmeza dos SEIOS, sem causar damno algum á saude da Mulher

"Vide os attestados e retrospectos que acompanham cada caixa"

A' venda em todas as PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS de PERFUMARIAS DO BRASIL
Deposito em S. Paulo: DROGARIA BARUEL

Aviso - Remette-se registado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil, mediante a quantia de 10\$000, enviada em carta com VALOR DECLARADO, ao Agente Geral — J. DE CARVALHO

Rua General Camara, 225, sobrado
(Junto á Avenida Passos)

CAIXA POSTAL N.º 1724 — Rio de Janeiro

Marmoraria Tomagnini

Especialidade em tumulos
de marmore e
granito polido

DIETRASANTA (Carrara) Italia

S. Paulo
Rua Paula Souza, 85
Telephone, 3378 - Central

Cirurgião Dentista Aubertie

ESTOMATOLOGISTA

TRATA E CURA A PYORRHEA

(PU'S E DENTES ABALADOS)

Com os seus medicamentos, productos de estudos systemáticos durante doze annos e chama a attenção dos que soffrem desta pertinaz molestia, relativamente ás observações effectuadas no seguinte trabalho.

A PYORRHEA ALVEOLAR NA ETIOLOGIA DO CANCRO NO TUBO DIGESTIVO

E' de presumir que o cancro seja sempre consecutivo a uma inflamação chronica mais ou menos persistente e que o estado septic do bocca seja uma das causas predisponentes mais frequentes. Numa estatística minuciosamente estudada, verificou-se que 86 oje dos casos de cancro na mulher e 85 oje nos homens eram provenientes do canal alimentario e seus annexos.

Deante de uma porcentagem tão assustadora foi necessario averiguar a causa, e os resultados colhidos foram os seguintes:

Examinados 143 cancerosos constou-se a existencia da "pyorrhéa alveolar" em diferentes graus de intensidade em 142 doentes, sendo um unico, resultado negativo. Eis o resultado dos estudos:

1.º Não incluindo o cancro dos orgãos sexuaes, mais de 86 oje de todos os casos de canceros encontram-se nas vias digestivas.

2.º As inflamações chronicas dos orgãos sexuaes e outras partes do corpo predispoem como, aliás é reconhecido, ao desenvolvimento do cancro.

3.º Na maioria, as pessoas soffrendo de cancro das vias digestivas e das glandulas annexas, apresentam uma pyorrhéa alveolar, em estado adiantado, subsistindo ha longos annos.

4.º E' facto bem conhecido que a deglutição constante do pús póde produzir, effectivamente, em numerosos casos uma gastrite chronica.

5.º A maior parte das pessoas soffrendo de cancro no estomago, soffreram de gastrite chronica antes do desenvolvimento da affecção neoplastica maligna.

As consultas iniciais e outras informações são prestadas gratuitamente.

Rua Florencio de Abreu n.º 7 — São Paulo — Telephone Central, 1538.

HOTEL AVENIDA

RIO DE JANEIRO

O HOTEL AVENIDA communica aos seus clientes que as grandes obras de adaptação de conforto moderno, iniciada ha mais de seis mezes, se acham em via de conclusão, dispondo já de um bom numero de quartos promptos a serem occupados.

DIARIAS: 14\$000 a 20\$000

Endereço telegraphico:
"Avenida"

PHARMACIA FABIANO - CAMPINAS



**CREME
ENCANTADOR
DA BELLEZA**

ORFILA

FINALMENTE PERFUMADO CONTRA
CRAVOS, ESPINHAS, E MANCHAS DA
PELE
A VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS,
DROGARIAS E PERFUMARIAS
S. PAULO

DEPOSITARIOS:
SOCIEDADE ANONYMA COLOMBO
SANTOS

Guilherme Wessel
Cliches
 Telephone
 22001.
 (Cidade.)
 Rua dos Guapenazes 155.
 São Paulo.

Casa de moveis GOLDSTEIN

A MAIOR EM S. PAULO

JACOB GOLDSTEIN

Grande sortimento de moveis de todos os estylos e qualidades. Camas de ferro simples e esmaltadas, colchoaria, tapeçaria, louças e utensilios para cosinha e mais artigos concernentes a este ramo. Preços vantajosos. Tenho automovel á disposição dos interessados, sem compromisso de compra, telephonar para 2113 Cid. Vendas só a dinheiro.

Rua José Paulino n.º 84

Collecção

da

"Revista Feminina"

Já se acha á venda, nesta redacção, pelo preço de 25\$000, a collecção da nossa revista referente ao anno de 1919. E' um grosso volume, elegantissimo, encadernado em percaline, em diversas cores, e com dizeres dou-rados no lombo. As familias que, por descuido ou inadvertencia, deixaram de assignar a nossa revista, não devem perder a oportunidade de adquirir, encadernada, toda a collecção. E' uma obra preciosa, cheia da mais interessante materia e é, ao mesmo tempo, uma obra de luxo que servirá de ornato para uma sala de visitas ou gabinete.



Não Chores! Eis aqui

UM CREME SANATIVO
Mentholatum
 "Indispensavel no Lar"

O melhor amigo dos meninos, para golpes, contusões, arranhaduras, queimaduras, cortaduras, etc., etc.

Sanativo e cicatrizante

Muito eficaz para a dor de cabeça.

A venda nas Pharmacias, Drogarias e Perfumarias.

THE MENTHOLATUM CO. (U. S. A.)
 BUFFALO, N. Y.

União Agentes para o Brasil

PAUL J. CHRISTOPH CO.

RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO



Balão de 1 onça



Lata de meia onça

Livraria Francisco Alves

Caixa Postal, L
End. Telegr.: FILIALVES
Rua Libero Badaró, 129
S. PAULO

Contos de Luz; versos de Luiz Guimarães Filho, musicas do Dr. Carlos de Campos e desenhos de Corréa Dias. 1 grande vol. ricamente impresso e encadernado 20\$000
Fructa do Matto; romance por Afranio Peixoto, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.

Marta; romance por Medeiros e Albuquerque, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.

Heróis e Bandidos; por Gustavo Barroso, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.
Apotheoses; poesias por Hermes Fontes, 1 vol. br. 3\$000, enc. 4\$000.
Rhythms e Idéas; poesias por Luiz Murat, 1 vol. br. 3\$500.

Conspirações; pelo General Dantas Barreto, 1 vol. br. 3\$, enc. 4\$000.
Viagens e Canguas em Matto Grosso; pelo Com.ª Pereira da Cunha, 1 vol. illustr. br. 5\$000.

Poesias; 3.ª serie por Alberto de Oliveira, 1 vol. br. 4\$000, enc. 5\$000.
Paris; (impressões de um brasileiro), por Nestor Victor, 1 vol. br. 3\$000.

Cantigas das creanças e do povo e danças populares, por Alexina de Magalhães Pinto, 1 vol. cart. 4\$000

Crianças Pallidas, Lymphaticas, Escrophu. sas, Rachiticas ou Anemicas



O **JUGLANDINO** de **GIFFONI** é um excellentre constituinte dos organismos enfraquecidos das crianças, *podereoso tónico depurativo e anti-escrophuloso*, que nunca falha no tratamento das molestias consumptivas acima apontadas.



É superior ao oleo de figado de bacalhão e suas emulsões, porque contem em muito maior proporção o *tannino da noqueira (Juglans Regia)* e o *Phosphoro Physiologico* medicamento eminentemente vitalisador, sob uma *forma agradável e inteiramente assimilavel*.



É um xarope saboroso que não perturba o estomago e os intestinos, como frequentemente succede ao oleo e às emulsões; dahi a preferéncia dada ao **JUGLANDINO** pelos mais distinctos clinicos, que o receitam diariamente aos seus proprios filhos. — Para os adultos preparamos o **VINHO IODC TANINICO GLYCERO-PHOSPHATADO**.

Encontram-se ambos nas boas drogarias e pharmacias desta cidade e dos Estados e no deposito geral:
Pharmacia e Drogaria de FRANCISCO GIFFONI & C.ª
Rua Primeiro de Março, 17 — Rio de Janeiro

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. É um grosso volume, nitidamente impresso em finissimo papel e ornado com mais de 150 illustrações onde se vem magnificos contos instructivos, moraes e interessantissimos como enredo que farão as delicias das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. — Vende-se nesta Redacção. Preço 5\$000. Pelo correio registrado 6\$000.

COMPANHIA MECHANICA E IMPORTADORA DE SÃO PAULO

SÃO PAULO - 36, Rua 15 de Novembro, 36

RIO DE JANEIRO - 25, Avenida Rio Branco, 25

SANTOS - Rua Santo Antonio, 108-110

LONDRES - Broad Street House

New Broad Street, E. C.

Codigos em uso: A. B. C. 5.ª edição, A. I., A. Z., WESTERN-UNION,
LIEBER'S e RIBEIRO - Endereço Telegraphico: "Mechanica"

Unicos agentes dos afamados automoveis "**SPA**"

Procurem desde já informações

A GRANDE MARCA MUNDIAL

Fazendas
de Modas



Armarinho
Roupa branca

Rua Libero Badaró 100

São Paulo - Brazil

Casa Lemcke

Fazendas,

Modas,

Roupa branca

Armarinho

Vendas á dinheiro com 10 %

Rua Libero Badaró, 100 - 104

TELEPHONE N. 258 - CAIXA POSTAL N. 221

A NORTISTA

RENDAS DE BILRO
DE LINHO

Feitas exclusivamente á
mão desde
300 REIS

Rico sortimento em ap-
plicações de FILET, Bil-
ro, Crivo, etc., etc.

PREÇO DE RECLAME
PEÇAM AMOSTRAS

Alvaro Coelho & Irmãos

RUA RIACHUELO N.º 13

Telephone, CENTRAL 2593

São Paulo



CLINICA DENTARIA E --- STOMATOLOGICA ---

do
CIRURGIÃO DENTISTA

Dr. Francisco Fiori Wassall

RUA DE SÃO JOÃO, 14 (sobr.)

— SÃO PAULO —

AFFECCÕES CUTANEAS



O UNGUENTO
DE DOAN, é
maravilhoso
para curar to-
das as enfer-
midades cuta-
neas, taes co-
mo Eczema,
Herpes, Sarna,
Dartros, es-
camas da pe-
le, hemorrhoi-
des, assim co-
mo qualquer
outra affecção
dessa nature-
za. A irritação
ou inflamma-
ção que causam estas enfermidades, aliviam-se
logo, mediante o uso deste magnifico unguento. É
um antiseptico excellent: pôde applicar-se sem
temor; não secca nem se desprende com facilidade.
Tem curado radicalmente casos de eczema, depois
de muitos annos de contrahida. Como artigo de
toilete, é de inestimavel valor, pelo que muitas
familias usam-no para o tratamento de arupções
nas creanças mais pequenas, e para feridas, es-
pinhas, etc.

Si o senhor soffre de qualquer destas enfermi-
dades, dirija-se immediatamente a uma pharmacia
e adquira uma caixa do Unguento de Doan. Todo
viagante, proprietarios de predios, agricultores, etc.,
devem tê-lo na sua casa, pois é um artigo que se
necessita em todo o momento.

A venda em todas as pharmacias. Solicite nosso
folheto sobre as enfermidades da pelle, que nós lh'o
enviaremos absolutamente gratis.

FORTER-McCLELAN Co.

CAIXA POSTAL 1062

RIO DE JANEIRO

CREME DA INFANCIA

(Sociedade Anonyma Fecularia Paulista)

S. PAULO — RUA DAS PALMEIRAS, 129-A

Alimento das crianças e dos dis-
pepticos, assim o attestam varios
clinicos cujos attestados serão
publicados

Vende-se nas principais
pharmacias e drogarias

30

ATTESTADO

Attesto que a farinha "CREME DA INFAN-
CIA" pela sua simplicidade e qualidades nutri-
tivas é a que melhor satisfaz as exigencias do
organismo das crianças, favorecendo-lhe seu
perfeito desenvolvimento.

São Paulo, 22 de Julho 1911.

Assig.

Dr. MARGARIDO FILHO
(Firma reconhecida)

Conserve a sua cutis, fina, macia e assetinada



"Uma cutis como de creança"!... Mas poderá alguém deixar de conhecer o que é que faz a pelle de uma creança tão bonita?

Mais que qualquer outra cousa é a grande suavidade, o fino tecido e a cor tão natural e bella que esse conjunto lhe empresta, o qual tanto nos homens como nas senhoras frequentemente se perde pelo descuido de uma atarefada vida ou pela hygiene mal comprehendida. Um pouco de paciencia e teremos tempo para tudo.

Não pôde começar mais cedo do que hoje a impedir essa tendencia fatal da pelle que vae gradualmente piorando. Vejamos:

Já examinou o seu rosto á luz clara e forte? Não lhe parece que os seus póros vão engran-

decendo, que a supuração no seu rosto se torna desagradavel pela oleosidade que lhe dá, que uns pequeninos pontos negros lhe apparecem á superficie? Se assim é comece hoje mesmo este especial tratamento:

Momentos antes de se deitar mergulhe uma toalha em um pouco de agua quente, applicando-a em seguida sobre o rosto até ficar avermelhado. Agora tome nos dedos um pouco de "CREME ZABELLA" e applique-o geralmente por toda a pelle fazendo em seguida uma massagem ligeira, até o rosto ficar quasi secco.

Então com a agua morna se lava muito bem, applicando logo a seguir uma passagem com agua fria. Sempre que seja possivel termine esta operação friccionando a cara com um pedaço de gelo.

Compre hoje mesmo um pequeno pote de "CREME ZABELLA" em qualquer drogaria, perfumaria e pharmacia ou dirija-se ao depositario.

Consultas gratis e exstrictamente confidenciaes pelo correio,

BENIGNO NIEVA
Depto. "Hygiene e Belleza"
Caixa Postal 979
RIO DE JANEIRO

Consultorio Technico
Mme. ZABELLA
Rua do Paysandú N.º 101
RIO DE JANEIRO

Os magros que queiram estar gordos podem ganhar 5 ou mais kilos de carnes



Olha para aquelle par de rachiticos: porque não tomaram o COMPOSTO RIBOTT para ganhar forças, vigor, vitalidade e energia?

O "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato-ferruginoso-organico) é uma combinação scientifica composta de sete ingredientes dos melhores de que dispõe a profissão medica para produzir carnes e forças. Tomando-o com cada refeição, mistura-se com os elementos sacharinos e feculosos que elles contêm em rica nutrição para o sangue e os tecidos do corpo, com resultados immediatos e satisfatorios. Succede com frequencia que uma pessoa que se submete a um tratamento do "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato-ferruginoso-organico) augmenta de 5 á 7 e 1/2 kilos de peso num só mez. A sua acção é inteiramente natural e absolutamente inoffensiva; está recommendado por medicos e pharmaceuticos de nomeada.

AVISO IMPORTANTE: Comquanto o "COMPOSTO RIBOTT" (phosphato-ferruginoso-organico) tenha decerto produzido os mais satisfatorios resultados no tratamento da indigestão nervosa e outros desarranjos do estomago, aquelles doentes não desejosos de accrescentarem mais 5 kilos de carnes ás que já possuem, não devem tomal-o.

A' venda nas boas pharmacias e drogarias.

Unico depositario no Brasil

BENIGNO NIEVA - Caixa Postal, 979 - RIO DE JANEIRO

Assinatura anual para todo o Brasil 15\$000
Assinatura com registro 20\$000
Idem para o estrangeiro 30\$000

Revista Feminina

Redação

AVENIDA S. JOÃO N. 87

Primeiro andar

Telefone N. 6659 Cidade

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, JULHO DE 1920

NUM. 74

JULHO

Nacionalismo é uma expressão de moda que nesta estação anda em todas as bocas. Nacionalismos o commercio, nacionalismos a navegação, nacionalismos as indústrias e nacionalismos os honores. É o estrébilho que se ouve dos salões das bolsas, onde se "warrantam", se "debutantam" e se "coupinizam" valores, até à dorada futilidade dos "chê-tangos", onde uma sociedade de "orange-tangos" se requebra em "reg-times", "fox-trot", e ainda demais trotes, suspirando numa algazarra que nem é língua, nem é linguagem.

E é uma palavra da moda, nada mais. Passará a estação, passará aquella erupção de nacionalismo que grassa como o sarampo em exanthema nua da cor suave das flôres do pecciguero. Pois que espécie de nacionalismo temos praticado? Nenhum. Rhetorica, nos produziu o cruzamento do português com pura rhetorica, essa rhetorica perniciosa que a preta no typo palrador, aliás vivo, do mulato perspicaz de sangue quente que se põe de mãos nos quadris à frente das auctoridades, das columnas da Ordem, a perguntar-lhes em nome da ordem si "sabem, acaso, com quem estão falando", quando não se atropela em pôs aquellas mesmas formidáveis sustentáculos do prestigio das leis a lhes berrar ás pegadas o classico "Não pode!"

Retiremos do cómputo a militarização obrigatória, que como seu nome indica não representa uma conquista cívica senão uma medida administrativa e forçada, e ao chegar-mos ao centenário de nossa independência podemos gahar-nos de em tão pequeno prazo termos conseguido perder a nacionalidade. Perder a nacionalidade é facto... As vezes dizemos as coisas assim, com esta rudeza de pedra chafurada, e causa isso incommodo ao senso indolentemente conservador que caracteriza nosso povo, parecendo que ulhamos de esconso, pessimistas, para aspectos raciaes, e de fito para personalisações idealistas de um radicalismo inoportuno. Não, E' que me não deixo arrastar arboites pelo optimismo, e, brasileira, brasileira que ama acima de todas as cousas sua pátria grandiosa, vejo, ouço, sinto, cheiro, toco a cadaverisação de nossa nacionalidade com funeraes pagos pela Nação, e honras de chefe de Estado, cujo cadáver se manda injectar de formal para que muito de golpe lhe não trabalhem as p...drões nos marinhos delicadas das obvanchis de laudres, de jogadores, e de bebecos emquanto a deplumam de suas riquezas para pobreszas democraticas... Olhae, si tendes curiosidade com mãos lezes e minuciosos olhos. Vêde essas mulheres que passam quasi nuas, á moda franceza. Levam nas mãos um romance francez. Vêm de um collegio de irmãs francezas. Não para um cinema de farceez americano. De passagem, entre a decimação de uns versos em francez e o canto de um romance italiano ou allemão ou inglez, enquanto abrem o seu "necessaire" e se carnham nos labios, e se sarapintam as faces, e se apallham o semblante com o alvaído dos polvilhos cheirosos de Paris, ou vem, apressadamente, as frases de amor metidas em francez, metidas em outras linguas, que lhe diz um peralvilho. Aquelle peralvilho nasceu aos seios de uma "nurse", aos poucos annos internaram-no num collegio estrangeiro, annos mais retransferiram-no por umas malas postaes para uma universidade americana ou europeia. De volta, pratico em

dar pontapé em bolas de vento, sua gloria suprema é "shootar". O mundo para elle é uma bola de vento, o esforço um pontapé, a gloria um "goal". Quem habita o mundo? Dois animaes: elle, em princípio logar, seu alfaiate em segundo.

Ha alguém mais no mundo? Ha: a secia que tem dote. Este animalzinho traz consigo um satellite: a modista, animal polyvalente, ora polvo, ora andorinha. Completa-se o universo com dois animaes de importação: o *garçon* e a *femme de chambre*. Esti formoso um lar brasileiro para um *match* de *football*, com do's estrangeiros... nascidos aqui. Um *petit déjeuner* pela manha, um *supper* depois do theatro, uns *boubons* e um *five-o'clock*, romance francez, theatro francez ou italiano, creança franceza, um apouco á Luiz XVI, um outro á Mapple, de Londres, tapearias de Arrás, — aquelle delicioso caual de nacionalistas só se lembram do Brasil quando a intervallos estendem os braços e exclamam:

— Que choldra é isto! Que saudades da Europa!

A noite, quando seroam, de dia, quando negociam, á tarde, quando bebem chá inglês, á toda a hora, ali no lar ou alhures, vivem a repetir a ovidios nacoes ou estrangeiros o eterno thema: Não supporto mais isto! Ainda não fui para a Europa porque a guerra a desorganiza. Mas tão cedo posso, quero ver "isso" pelas costas... Que vida adoravel se passa ali, que mulheres, que vinhos, que liberdade! Isto é uma aldeia: sabe-se da vida de toda a gente. Oh... estou por aqui!

Digam-me agora: E' exagero, ou já ouviram isto mais de uma vez? Poderão responder-me que estou colhendo exemplos nos meios, relativamente restrictos, das capitães para pretender uma generalisação inadmissivel. Mas é que aquellos meios, como o de todas as capitães do mundo, são os que animam o resto da nação, são os sóes irradiantes da luz, do calor e da vida que vão animar o resto do paiz. Sobre isso não ha duvida alguma. Foram sempre Paris, Londres, Berlim, Roma, S. Petersburgo que dearam as palavras de evolução a seu paiz. No Brasil, sempre a'inda por muitos annos Rio de Janeiro e S. Paulo, as duas capitães centreas, que enviaram a suas irmãs os correios do modo. São os dois grandes hortos florestaes de onde pode sair a baa do tal semente: o trigo ou o escafacho. E', pois, nefas que ha a trabalhar por esse espirito de nacionalismo que é nosso dever conservar. O primeiro passo é nacionalizar a educação, como a fonte segura da formação psychica dos povos. E' não ter a toleima, a estultice, o hallof preconito de supportarmos que nossas filhas só serão chiques e nossos rapazes desempenados si os entregarmos a educadores estrangeiros, geralmente gubres e lamentáveis provincianos que aqui aportam com bagagem modesta e que logo se veem arvorados e petrechosados em Petroses. Precisamos libertar-nos da falsa idéa que não temos educadores, pois foram os nossos educadores que prepararam a geração dos grandes vultos do futuro que, si não sabiam jogar "football" não tiveram na Republica nem um só vulto que lhes transferisse das mãos a taça do campeonato moral. Muito mais grandiosa foi nossa historia, nos evos, que a dos romanos, e a dos nossos educadores foi confiada a formação de nossa alma, do que ora com a

importação de affectadores de caracteres que nos affectam, apenas, á moral de seus paes de origem, e assim nos desgalham da arvore de nossa nacionalidade, quebrando e destruindo a sua formosa fronde de tradições. Eis ali o grande perigo. Estamos preparando gerações de francezinhos, de "juvens-filhas" e de "noitres-mères", e de angelinhos "footballers", ou de teutos orgulhosos de sua ascendencia allemã; estamos fazendo das arterias de nossos filhos um churico internacional, ao mesmo tempo que de seus cerebros um cosmorama europeu; e quizamos assim nossa patria pelas vertedais falsas que levam as raças á dissolução.

Vejam os exemplo de S. Paulo. Por que foi elle grande até ha pouco como o maior carvalho de nossa floresta federativa? Por que o bandeirante lhe havia herdado o amor entranhado de sua terra, porque o bandeirante lhe havia ensinado a amar S. Paulo, sobre todas as cousas, e o Brasil sobre S. Paulo, porque o bandeirante lhe havia dado o exemplo do sacrificio do individuo por sua raça e por sua terra. Este antigo espirito paulista que é preciso não desvirtuar, que é preciso que barre as portas de nossos lares ás invaesões de um capitalismo estrangeiro que traz consigo no seu bojo de riquezas adventicias, e ganhas sabe Deus como, todas as pragas de suas laixas origens, todo o archaismo de suas ambições e inescrupulosas visões da moral. E' este antigo espirito paulista — que é o mesmo espirito antigo do gaúcho, do pernambucano, do mineiro, de todos os antigos brasileiros — que é necessário semear nos tullos de cultura de nossa instrução, fazer prosperar na estufa de nossas almas, e distribuir como benedicta viciosa ás gerações que surgem.

A escola brasileira, o collegio brasileiro, mas perfeitamente brasileiros, convenientemente brasileiros, ardentemente brasileiros! Não preparemos assim gerações de radicais e nascentes "enturmidas" ou "cã" de "bon-jour" e de "merci", nem as menos ridiculas e fufas "juvens-filhas", polhadas de gallinha impertinente com seus "parados" e sussurrantes "ouis, ouis", de bacenidos cor de rosa e leite, mas puerosermos uma geração de brasileiros para habitar o Brasil...

O paiz que entrea o espirito, ainda amoldavel como a cera molle, de seu filho á sua genitura, fatalmente alienígena de um educador estrangeiro, num internato onde nada o assiste das tradições gloriosas de nossa raça para lhe inculcar o nobre orgulho de sua terra, não deve ser admitido em uma lista nacionalista, porque nem é paiz, nem é brasileiro: como paiz furtu a seu lar uma fidelidade, como brasileiro furtu a sua patria um combatente.

Anna Rita Malheiros.

(Collaboração especial para a "Revista Feminina")

Nota da redação. — As brilhantes chronicas de Anna Rita Malheiros costumam ser transcritas por collegas do norte e do sul do paiz, por diários do Rio, e, ultimamente, pelo nosso maior prosador Coelho Neto em sua excellentissima revista ATHLETICA. Muitos daquelles nossos collegas, porém, occultam a origem da transcrição, o que nos é doloroso, pois perlem uma oportunidade de sermos conhecidos nos evos, e que, á immenso, nos reclamam a que temos justo direito. Esperamos que tal não se continue a dar).

OS NOSSOS CONCURSOS

ENTREGA DO PREMIO A' VENCEDORA DO QUARTO PREMIO

O mais modesto dos nossos concursos foi este, aberto em fevereiro e encerrado no mez passado. O objecto do concurso foi uma toalhinha para creado-mudo, quadrada, e de dimensões que podiam variar de vinte a vinte cinco centimetros para cada lado.

As concorrentes foram: Lisa (Capital), Garota (Uberaba), Bília (Capivary), Araguay (Recife), Lucia (Pennapolis), Amorosa (Capital), Lúgia (Santos), Bellinha (Ceará), Corinna (Campinas), Dora (S. Paulo), Arabella (Parahyba do Norte), Marieta (Rio), Dulce (Rio), Oscarina (Bauru'), Lila (Barretos), Malva-Rosa (Sergipe), Houbigant (Rio), Rosinha (Capital), Branquinha (Bage), Elza (Rio Grande do Norte), Nympha (Batataes), Felicidade (Campos), Euphrosina (Nicteroy), Aracy (Vassouras), Ary (Guaratininguetá), Alina (Pinda), Castorina (Fortaleza), Delta (Laranjeiras), Deolinda (S. Carlos), Malvina (Limeira), Auta (Matto-grosso), Alexandra (Capital), Angelica (Goyaz), Altina (Altinopolis). Ao todo trinta e quatro concorrentes.

Reunida a comissão julgadora a 15 do mez passado, em nossa sala de exposição, houve por bem, depois de examinados cuidadosamente as trinta e quatro peças, adjudicar o primeiro premio, de 50\$000, a concorrente d. Everalda Ribeiro, de Uberaba, que assignou com o pseudonymo de "Garota", distinguindo com menção honrosa d. Maria de Lourdes Amor ("Amorosa", Capital), d. Ignez Borba ("Araguary", Recife), d. Helena Corrêa Vaz ("Lucia", Pennapolis), d. Maria de Lourdes Conforti ("Bília", Capivary) e d. Maria Luiza Gomes Pinto (Lisa), (S. Paulo).

A peça premiada tem vinte centimetros de cada lado, semelhando um minuscuro lenço trabalhado em linho finissimo. Os bordados são feitos com extraordinario capricho, revelando, por parte da

sua autora, uma grande paciência e um notavel gosto artistico, porque a peça, em seu conjuncto e nos seus detalhes minimos, é, no genero, um verdadeiro trabalho de arte.

O trabalho de d. Maria de Lourdes Amor ("Amorosa") é feito em linho fino com lindos e perfeitos bordados a machina, apresentando cada um dos bordados uma graciosa variante. Os bordados, com relevo sobre cordonnet, apezar do seu meticuloso acabamento, têm um aspecto um tanto ou quanto pesado. Sem embargo, é uma bonita peça, distinguida, justamente com menção honrosa.

O trabalho de d. Maria de Lourdes Conforti

("Bília") é em linho com bordados nos angulos e o centro vasio. É uma peça muito delicada, mas um pouco pobre como concepção.

O de d. Helena Corrêa Vaz ("Lucia") tem uma margarida em cada angulo e é cercado de uma linda renda feita á mão, que, porém, não condiz muito com os motivos centrais.

O de d. Maria Gomes Pinto ("Lisa"), com a renda que o contorna, feita á mão, e o motivo central, é bastante gracioso.

O de d. Ignez Borba ("Araguary") em velludo de tom escuro com bordados amarelos, é muito interessante.

A comissão julgadora distinguuiu tambem com menção honrosa, além dessas peças, mais uma outra cujo nome e pseudonymo não nos chegaram ás mãos. Trata-se de uma peça de trinta e seis centimetros de cada lado, em linho grosso, com bordados em forma de bicos em torno e passado com fita cor de rosa. É uma peça tambem muito graciosa e de grande effeito.

A autora desta peça far-nos-ia um grande favor se nos enviasse o seu nome.

Fica, pois, á disposição de d. Everalda Ribeiro, de Uberaba, a quantia de 50\$000, referente ao seu premio.



Artística toalhinha para creado-mudo, trabalho de d. Everalda Ribeiro, de Uberaba, que obteve o premio em nosso quarto concurso.

A proposito de uma chronica de Anna Rita Malheiros

D. Anna Rita Malheiros, na sua chronica relativa ao mez de Março, refere-se a uma festa onde travou relações com uma senhora, uma legitima representante da família Andrada, que se pos a criticar com azedume os más costumes actuaes da sociedade paulista. D. Rita Malheiros, que mal conhecemos pessoalmente mas com cujo espirito vimos, de ha muito, privando, é uma escriptora que se caracteriza pelo seu ardoroso amor á verdade. É provavel, pois, que a sua chronica seja uma reprodução exacta dos factos que se deram. E' provavel tambem que seja um simples artigo de phantasia, tendo a escriptora aproveitado a representante de uma velha familia paulista para fazer sahir dos seus labios conceitos de critica aos más costumes da nossa sociedade. Os escriptores têm essa liberdade.

A proposito dessa chronica, algumas descendentes dos Andradas e Paula Souza, de Paes Leme, de Amador Bueno e do Senador Vergueiro, enviaram esse artigo de protesto, que publicamos.

Algumas leitoras paulistas da "Revista Feminina", admiradoras sinceras de D. Anna Rita Malheiros, a egreja collaboradora da nossa apreciada revista, declararam-se justamente magoadas com o exagero da escriptura chronica do numero de Março, chronica que o eminente escriptor Coelho Netto, com justificavel enthusiasmo transcreveu integralmente em sua bella revista, precedendo-a dos mais delicados e demonstrativos encomios.

Como em um brilhante de primeirissima agua resalta uma jacá, assim aquila em nosso escripto, o facto de ter sido tão pouco gentil a brilhante chronista com os que em S. Paulo gentilmente a convidaram para uma festa.

"Nessa festa de alta elegancia" (palavras da chronista) "apresentava-se a melhor gemma da boa e velha nobreza paulista, e muitos que em negocios e operações de aventura ganharam mais nobreza do que as que trazem aquellas tradições de moral".

Estamos firmemente convencidos de que se trata de uma narração com muita phantasia. Ideada pela talentosa chronista com o fim de verberar severamente actos de sociedades novas "que não tem mais gente nem lingua", e que, de todo, não é a unica a reprovar...

Teria sido D. A. R. M. convidada por um dos grupos de sociedades de alluvão, um tanto desclassificadas, que surgem nos grandes centros prósperos, ás quas comparecem, por vezes, pelo acaso e condescendencias de relações sociais, algumas damas de antigas familias paulistanas. Deve ser isso mesmo, pois muito expressivamente expõe o fundo desagrado e constrangimento de uma descendente dos Andradas, que ao seu lado se sentava.

Que bellas e enthusiasmas descrições poderia apresentar a illustre escriptora, se tivesse tido ensejo de assistir a festas de arte em algum dos salões da velha aristocracia da nossa capital, a representações de finas comedias em portuguez de bom tom, não sómente para fazer rir, mas tambem com o fim de commover e educar, comedias simples, de costumes nacionaes, tão introduzidas hoje, e que algumas familias paulistas foram as primeiras a fazer representar em seus salões, ha muitos annos. A "Cela dos Cardeaes" e outras, foram levadas varias vezes em S. Paulo e em Campinas, interpretadas por cavalheiros do mais alto destaque e por damas e senhoritas do nosso esol de primeira bella interpretação, falia honra á intelligencia dos interpretes em qualquer meio culto.

Que formosas exposições lhe seriam suggeridas se tivesse tido oportunidade de assistir a audições musicas de discipulas do exilimo maestro Andrada, compositor de finas canções brasileiras, apreciadissimas aqui, no Rio de Janeiro e no estrangeiro, adaptadas a primorosas poesias dos nossos mais delicados cantores. O velho professor, com sua digna consorte, prepararam grandemente, durante varias decenas de annos, formosos grupos de distinctissimas amadoras, artistas que poderão apresentar-se com brilhantismo nos melhores centros civilizados, artistas que finalmente interpretam e com verdadeira comprehensão da arte, produções dos melhores autores estrangeiros, como dos nossos mais festejados compositores nacionaes, e dos geniaes brasileiros Carlos Gomes e Padre João Maurício, sendo que as deste ultimo por circumstancias não foram ouvidas na capella Sixtina, tendo sido notadas para essa rara distincção.

Quantos professores conhecidissimos e compositores de alto valor têm sabido apresentar entre nós artistas de fama mundial e amadoras notaveis, muitas das quaes se

encarregam agora de formar proficientemente bellas amadoras da divina arte?

Nunca assistiu D. Anna R. M., em S. Paulo, a uma das innumeradas e brilhantissimas festas de arte, que tão frequentemente offerece aos seus associados a festejadissima e benemerita Sociedade de Cultura Artistica... Pois é pena, porque teria o ensejo de fazer sobre a gente culta que a frequenta, bellas referencias. E' pena que só tivesse occasião de exercer o seu espirito de observação e a sua jocosidade sobre essa festa... como diremos... indecorosa, para uma capital com fóros de civilisada!

Não teria ouvido por acaso falar a eminente chronista nas pomposas festas "brasileiras" organisadas pelo saudoso Affonso Arinos, e depois do seu infausto passamento, nas magnificas representações do "Contractador do Diamantes", no nosso sumptuoso Municipal, cuja interpretação foi confiada a damas e senhoritas, a cavalheiros de destaque do nosso alto meio social, que todos se sahiram com grande distincção, graça e talento incontestaveis? — Assim podemos referir-nos ás interessantes e tão apreciadas "festas regionaes" (ou regionalistas) organisadas pela esforçada "Cigarra" em beneficio de instituições pias; ainda ultimamente, em beneficio do Hospital de Creanças, organizada pela nossa benemerita Cruz Vermelha, levaram á scena, no Municipal, com muito successo, entre outros apreciados numeros, linda opereta de festejados autores brasileiros, interpretados com intelligencia e doçura por senhoritas e rapazes da nossa sociedade.

Ha mais annos, deliciou-se o publico paulista com apraziveis e atrahentes festas no antigo theatro Santa Anna, tambem em beneficio, como é usual em S. Paulo, ideadas e interpretadas por senhoras, jovens e creanças da melhor gemma da boa nobreza paulista, com gosto distincto, talento e muita graça. E' verdade que cantaram com summo encanto um acto em francez da delicada "Mireille"... Com fina graça foram interpretados mimosos papeis, e entre outros, em um papel de destaque, joven e talentosa descendente dos Andradas, mais tarde applaudida calorosamente em concerto no "Trocadero" em Paris e em outras capitales europeas, tendo sido convidada lá para dar concertos na capital da Eumania, onde deveria fazer-se ouvir na velha corte, tão amiga das artes, ao que ella não pôde annuir.

Na animada e culta Campinas, onde a sua "Cultura Artistica" organisa frequentemente interessantes e apreciadas festas de arte, em que representam composições delicadas de autores nacionaes, levantaram, ha varias decenas de annos, por subscrição popular, o edificio para uma escola memoria do seu illustre conterraneo Correia de Mello, as primeiras vultuosas sommas foram resultado de lindas representações levadas no seu theatro S. Carlos, e interpretadas com infinito encanto por meninas e creanças da primeira sociedade campineira. Apparatos magicos infantis, escriptas por espirituoso patricio e um commovente drama do saudoso Cezario Motta, no qual já patenteava a sua antiga e grande preocupação com a — Instrução Publica —, foram tambem levadas á scena com exito.

O eminente escriptor Coelho Netto pode dizer algo sobre a encantadora interpretação, dada ha uma decena de annos, á sua soberba "Pastoral", com lindissimos numeros de musica do festejado A. Nepomuceno, com graciosa naturalidade, interpretada pelas gentis "calpirinhas" patricias de Carlos Gomes.

E por falar em Carlos Gomes, bem poucos agora em nossa terra podem ainda vibrar de pura emoção proporcionada a raros privilegiados, que são os paulistas que ficam ainda, e que ha cerca de quarenta annos tiveram a suprema ventura de assistir á primeira sollemnissima audição do formosissimo Hymno da Independencia dos Estados Unidos da America do Norte, encamandada pela grande nação a um brasileiro, um campineiro mundialmente festejado.... Essa audição extranatural foi ouvida — pela primeira vez — no palco do theatro São Carlos de Campinas, debaixo de um chuveiro de ouro e de petalas de rosas e sob os mais delirantes e commoventes applausos. Que mais poderemos acrescentar a esta radiosa e inesquecivel recordação, gratissima á alma paulista? Não! não estamos em perigo! Socegum os patriotas da nossa terra!

Algumas descendentes dos Andradas e Paula Souza, de Paes Leme, de Amador Bueno e do Senador Vergueiro.

ARTE CULINARIA

Acha-se exposta á venda, nesta redacção, a terceira edição do "Adaluis", que é o melhor e o mais precioso livro para uso das donas de casa.

Todas as suas receitas são experimentadas e todas ellas são de facil execução. Preço, \$2000.

Enviem pois o seu endereço e a quantia de dois mil réis em sellos, e receberão pelo correio o precioso e utilissimo livro.

LINGUA BRASILEIRA

(Carta aberta a d. Anna Rita Malheiros
a propósito da sua chronica "Abril".

Exma. Senhora:

Volto a escrever-vos, mas, antes de tudo, peço-vos que me não tomeis por importuna e que me leiaes com benevolência, porque não estando na altura de refutar a opinião de uma escriptora reconhecida, a minha resposta não é em tom de replica. Quão voltar ao assumpto, apesar disso, affim de rehabilitar-me no vosso conceito. Na minha missiva a vós endereçada pedia que apresentasseis a idéa como feminina, não precisando apparecer o meu nome e que fosse apoiada por vós. Pedindo isso, estava subentendido que, si não fosse accetta, ficaria sem resposta ou que a ella não fariéis allusão; era natural, ficando o dito por não dito. Surgiu a idéa... mas sem o vosso apoio, juntamente com o meu nome, vendo-me, por isso, na obrigação moral de justificar perante vós o que disse. Não tenho a minima intenção em melindrar-vos ou não fiquei absolutamente molestada com a vossa reprovação, como poderia parecer antes de expor a minha justificação. Tenho empenho em fazê-la, não por desaffrontar-me, pois repito, não fiquei resentida, mas porque terei muito gosto em que mudasseis a opinião que ficastes fazendo de mim. Ser-me-á muito grato e dar-me-ei por satisfeita si ficar apreciada por vós num conceito menos desfavoravel.

Deprehendi pela vossa resposta que não fui entendida claramente, visto não ter o habito de escrever. Talvez tivesse deixado tão obscura a exposição da idéa que nem por ser lida, com benevolência, por pessoa instruida e de alta comprehensão, não fosse ainda assim possível chegar ao fundo. Pensei tambem que talvez tivesse omitido alguma pontuação ou malvra, e que não desse por isso, mesmo quando reii, e que, assim transtornado, ficou o contrario do que era para ser; não obtendo, por esta razão, o apoio que sollicitei de vós. Vou esforçar-me por desmascarar o mal entendido, respondendo por partes cada objecção por vós feita.

O que escrevi não está filiado ao nacionalismo iconoclasta, pois fiz sentir que era justamente para firmar nossa nacionalização que ha seculos vem se formando e não ha *alguma* mescla, que se fazia necessaria tornar em realidade a idéa. A Patria nova ou velha ao meu ver não pôde desligar-se das heranças e atavismos, mas deve augmental-os e aperfeiçoal-os quando bons, fazendo o possível para diminuir e extirpar quando máos, para dar a uma raça robusta e uma nação forte. Assim se tem procedido para com os animaes inferiores, accentuadamente com os cavallos de corrida, que hoje formam uma raça tão distincta. Porque se não fazer o mesmo com a especie humana em beneficio de cada individuo em particular e em bem geral da raça? Nós brasileiros com muito mais razão devemos nos esforçar affim de accelerar com o nosso apoio individual a evolução ascendente do nosso Brasil.

— Um filho, pôde ter *personalidade sua, absolutamente sua*, apesar de herdar o nome, qualidades e mesmo dinheiro do pai, uma vez que chegue ao maximo do seu desenvolvimento.

Para que haja a acção houve primeiro o pensamento, assim é preciso a idéa ou *concepção theoretica* para se pôr depois em pratica, ou ser tornada em realidade. Os *seus* *ideales* ou poucos ir-se-ão juntando até se avolumarem. Sendo esses ecos de uma *aspiração verdadeiramente nacional* terão por base o racional patriotismo, podendo chegar a um resultado pratico.

Um homem, tendo chegado á sua emancipação, e permanecendo sempre dependente de sua mãe paterna, em que não seria louvado. Ao contrario, um outro, que seja activo, tendo chegado á virilidade e procura tomar estado, constituindo familia e um novo lar, semelhante ao de seus pais, porém moderadamente e forçosamente mais aperfeiçoado pela regra geral das coisas, ou pela evolução, creio que procedeu como um homem de bem. Ainda mais, todos os moços que tenham o moral perfeito e cujas mães tivessem por elles zelado e educado, não procurariam fazer outra coisa. Este acto reverteria em bem, não só pessoal e como social e religioso, sendo assim tambem patriótico e altruista.

O homem de bem constitui novo lar: mais alegre, mais aperfeiçoado, semelhante porém, nas bases fundamentais ao de seus progenitores, quer dizer com isso que se sentiu capaz e vigoroso tanto physica como intellectualmente. Procedendo assim, não foi por desprezo ou por envergonhar-se dos pais.

Abriendo aqui parenthesis accrescente: na minha opinião um filho nunca se deve envergonhar dos pais seja em que caso for. Si estes forem grandes e dignos de louvores é justo e bello que o filho junto aos seus pais tenha louvores. Sendo humildes ou por qualquer infelicidade merecedores do desprezo da sociedade, cabe ao filho lastimal-os e respeitál-os. Nesse triste caso, o silencio, mas nunca o desprezo. Depois de longo parenthesis volto ao

assumpo: O filho que se emancipou e criou um novo lar, honra os progenitores, augmentando-lhes os descendentes para seguir em mesma trilha do bem já iniciada por elles. Continúa a respeitando os paes e a casa, onde nasceu, fazendo-os rejuvenescerem nos netos: isto é honroso e nobre, sem contestação.

Porque nosso nae é velho, devemos-lhe mais respeito e carinho. Si attingirmos uma condição social mais elevada do que a d'elle, ainda é a elle que devemos, pois foi por seu influxo que estamos no alto. Bastava para respeitál-o e amál-o, unicamente lhe devermos o ser: si existimos é porque elles existem ou existiram. E aqui vem ao caso dizer: si falamos a lingua dos portuguezes é porque foram os nossos ascendentes, ficando fóra de discussão, que si devemos respeito aos paes, os nossos ascendentes deveram forçosamente ser envolvidos nesse mesmo respeito.

Respondendo á parte seguinte: — Acho que devemos tomar um meio termo: não *sofistas*, nem *sentimentalistas*, *ni pífios*. Não precisamos banir nem *desprezar tradições* para sermos modernos e adeantados, respeitmol-as como aos nossos avós, mas esse respeito não deve passar dos limites, porque assim prejudicaria a deantamento da nação. Consvando-se tudo pelo recelo de parecer-mos arrastadores, ficariamos estagnados.

Continuando, permitti e desculpae-me o discordar sobre o que disseis-ter a respeito da nossa evolução, pois posso discordar sobre um assumpto, estando-se em boas relações. O Brasil, com um seculo de existencia independente ou mesmo os quatro que de facto possui, está na phase do engrandecimento; ainda não chegou ao apogeo, que é o ponto culminante para depois começar a descida. Um seculo para uma nação é mocidade senão infancia, está longe, portanto, da velhice ou do declinio.

Parece-me que a comparação de *hoito pela manha* para dizer, um tanto apaixonadamente pois para a vida de uma pessoa é muito poetica e linda, mas a vida de uma nação requer uma comparação que não seja tão delicada. Não sei se interprete mal o sentimento de quem fez a comparação, mas não posso prever, pois sobre o meu e tambem pelo que tenho ouvido decantar sobre o amor materno, creio que a roseira se sentiria feliz sacrificando-se para sua filha bem amada, rosa, brilhar e deslumbra e ser rainha onde quer que annucesses. Si a rosa desprezasse o *tronco envelhecido*, não só eu, mas todos que soubessem desse máo sentimento da rosa, reprovariam o energeticamente. Ella emancipou-se porque estava em pleno vigor, em todo o seu desenvolvimento, e foi brilhar no *feitim da vida*, mas a emancipação d'elle não implica o desprezo pela roseira. A pessoa emancipada não quer dizer que não precisa de mais ninguem no mundo; nós todos somos dependentes mutuamente. Essa dependência, no entanto, não prejudica a emancipação da pessoa ou nação. Emancipada, ainda assim, precisa e depende até certo ponto das demais. Emancipação não é ser hostil e desprezar tudo e todos, mas é integridade pessoal e integridade nacional. Afinal nem precisava falar tanto sobre emancipação, pois é sabido que uma independência absoluta não pôde haver. Depois não se trata agora da emancipação do Brasil que já é independente ha muito. Pálei em commemorar á data desse acontecimento, com um acto que concorresse para o engrandecimento, sendo, ao meu ver, a realiação da referida idéa.

Segundo a outra comparação, estou de inteiro accordo a respeito do equilibrio da vida e da necessidade de ter o Brasil que tudo esteja bem organizado para evitar fracassos.

Justamente por ser a lingua um *organismo vivo*, penso que a idéa, sendo adoptada, seria como uma medida hygienica com que se conseguisse evitar as *indigestões e dores de cabeça*. Era mesmo para incitar e até forçar, por assim dizer, que o *pnstio* fosse procurado na *própria lingua*. Uma vez que no decorrer do tempo se tornou a lingua nacional e que agora se dispusessem a utilizá-la, os presuntos, conservas e latarias seriam por completo banidos, reconhecidos como inúteis e mesmo prejudiciaes.

Uma lingua deve ser uma lingua e por isso mesmo é que precisa ter o nome proprio e uma grammatica na qual se arrime: isto não impõe que repudie o patrimonio. As *linguas* portuguezas são de reconhecido valor, mas antigas. Cãmbos e os outros citados sendo *estupendos oriveis clausos*, são tambem de outra especie. Tiveram suas *indigestões* no ambiente portuguez e tinham almas portuguezas. Não é por menosprezo que desse modo me expribo, pois sou brasileiro descendente de portuguezes e não de outra nação, mas para provar o acerto da idéa de que as *linguas* antigas foram transformadas por oriveis modernos que tambem o Brasil os possui. Ficaram novas dando mais

renhe as pedrarias e ficando também o outro mais lúido, por serem executadas no ambiente brasileiro e por airmas brasileiras. Não foi preciso repudiar-se coisa alguma, tudo foi aproveitado: o ouro e as pedras. O caso das joias írem sendo transformadas, não deve melindrar os portugueses. Ao contrario, muito deverão ufanar-se e orgulhar-se de ser grande e forte, estando na altura de seus ascendentes, a nação que elles provelo, como um pae por ver que seu filho é vigoroso e está em destaque.

O Brasil decadente seria a vergonha para Portugal que o iniciou e durante certo tempo o impulsionou. Decadindo, desvalorizaria a raça, ao passo que, progredindo, confirmaria a grandeza.

Si preparam o exoval de nossa emancipação, não temos mais que usar-o e nisso não vai mal nenhum, pois é natural e de praxe que ao dispormo-nos a tomar estado, emancipando-nos, por esse facto, os nossos com muito gosto cuidam ou auxilliam a cuidar do exoval.

Uma lingua brasileira? Não precisamos formal-a: foi-se formando no decorrer do tempo. Aqui repeti o que escrevi a primeira vez, pois para mim esse é o ponto capital. "São já decorridos cem annos, por assim dizer, pois apenas faltam dois para a grande data. Durante todo esse tempo não se tornou então o Brasil apto por dar o nome de "LINGUA BRASILEIRA" ao idioma que VEIO SE FORMANDO EM NOSSO SEIO? No memoravel dia seria oficialmente reconhecida e adoptada, podendo o Brasil dispensar o empréstimo como ha um seculo atrás a tutela". Note-se que não disse formar uma lingua e depois baptisá-la com o nome de brasileira. Disse tirar a denominação de lingua portugueza que até hoje estava emprestada aos brasileiros e oficialmente ser tomada a denominação de "LINGUA BRASILEIRA" — esta denominação com a evolução no decorrer do tempo e poder viver á parte da portugueza apesar de ser della filha e, como tal, semelhante.

Nós temos escriptores de nomeada, de reconhecida competência, estylistas consummados e poetas denominados principes da literatura". José de Alencar, Machado de Assis, Coelho Netto, na prosa; Gonçalves Dias, Fagundes Varella, Castro Alves, Alvares de Azevedo, Olegario Mariano, Olavo Bilac, no verso. Todos esses têm escripto em brasileiro, pode dizer-se: corações, almas e inspirações brasileiras em ambiente brasileiro e em estylo brasileiro. Não precisaram usar termos de calão que só ficam bem na esphera inferior onde nasceram. Existir calão no Brasil, não é desdouro: todos os países o possuem, sem por essa razão ficarem com os seus brios empanados. Mesmo que assim não fosse, havendo uma parte dos brasileiros que fazem questão de macaquear tudo o que os estrangeiros têm, creal-o-lão para attingirem na propria opinião a altura dos imitados. O que acontece nos outros países é que o calão, sendo das classes inferiores, sem educação e sem instrução, creado por ellas e para uso proprio, ali permanece. Aqui, porém, o calão ouza ás vezes, subir ás escadarias dos palácios e das escolas e o mais bonito é que é bem recebido. Ha pessoas de classe boa que para desgosto nosso têm a fraqueza de pensar que uma conversação não é atrahente ou espirituosa sem estar temperada com os taes termos de calão, não só brasileiros como também francezes e de outras nacionalidades. Provo com isso que o Brasil, possuindo um calão, delle não necessitava para formar ou enriquecer o vocabulario da lingua brasileira. O brasileiro que zelar pela pureza da lingua, já deixando de parte a educação, não usará taes palavras que absolutamente não nos empobrecem.

A lingua brasileira, tendo-se formado no decorrer do tempo, resentia-se da falta de uma grammatica na qual se apiasse, como uma arvore nova, firmada a uma escora ou estaca, para melhor resistir ás intempéries e bem enraizada tornar-se frondosa e bella. Pensando nisso é que depois escrevi: "Nesses dois annos não haverá possibilidade de ser elaborada uma grammatica brasileira, entrege essa incumbencia a brasileiros competentes". Todas as linguas possuem sua grammatica. A brasileira, possuindo-a também, vinha definir muitas incertezas e contradicções existentes. Faria, o calão recolher-se para a esphera onde nasceu, repatriaria para sua patria e todos os estrangeirismos. Seria muito util para mestres e alumnos: — Uns aceitavam o *ch, th, ph, rh*; outros, omitindo-os, não está escrevendo errado por isso. As treanças encontram ás vezes a machada do írem com a chaminá para cima e outras vezes para baixo: machada. O cavallo ora apparece com as duas orelhas, e outras vezes com uma só: — cavallo. Mal identico acontece a vacca que de vez em quando surge aos olhos das crianças, desprovida de uma das chifres: — vacca. O *x* usado no lugar do *z* e no lugar do *s*, e am em vez de *no* é mais ou menos a vontade de cada um. As letras dobradas estão nas mesmas condições; os que aceitam estão certos e os que as repudiam também o estão. Quando apparece a separação das syllabas, uns optam para que as referidas letras fiquem juntas e outras que sejam separadas, dando-se o mesmo com o *se* e com *et*. Viria a grammatica curar ou melhorar a orthographia chamada brasileira.

Na prosodia também ha balburdia: uns discutem que tal ou tal palavra é breve, outras que é longa. Palavras ha que ora são tomadas como femininas, ora masculinas. Na syntaxe ha discussões mesmo entre os grammaticos. A grammatica sendo bem organizada poria tudo isso em pratos limpos.

Não temos que formar uma lingua autonoma senão dar

o nome de brasileira á portugueza que, no nosso ambiente foi evoluindo no decorrer do tempo, tornando-se nacional, requerendo, por isso, um nome apropriado, sem deixar, porém, de ser semelhante.

A razão é ter a lingua evoluído e o Brasil estar apto para ter denominação propria no seu idioma. O nosso sotaque ser outro, o termos muitas palavras differentes e tantas outras razões que mencionarei anteriormente, não servem de pretexto, mas sim para robustecer a primeira, que, aliás, disse não precisava, pois só por si é bastante conveniente e forte.

Os vocabulos, porém, não formam um dialecto: acham-se satisfactos inseridos na lingua, enriquecendo-a e melhorando-a. Em Portugal também, de cidade para cidade, de aldeia para aldeia, além dos costumes serem differentes, o sotaque e muitas expressões também o são; no entanto a lingua é uma geral, não sendo considerada dividida em dialectos porque todos se entendem e o mesmo se dá no Brasil. Portanto, consideremo-nos felizes por nos ser pouado trabalho identico ao que a Italia tem com os proprios. Sobre os estrangeirismos quasi nada tenho a acrescentar. Já tem sido muito combatidos por diversos publicadores, podendo-se destacar entre esses o sr. Monteiro Lobato pelo espirito e energia com que o fez. Está mais que provado que as referidas palavras estrangeiras têm correspondentes perfectos em nossa lingua e não ha necessidade; podemos banil-as que nenhuma falta nos fazem.

O estrangeirismo é um vicio infelizmente muito arraigado em grande parte do "élite" e mesmo em muito que não tem o prazer de ser do "high-life" e não ha intenção de "chic" ou "smart" uma conversação saturada de estrangeirismos. Os "menus" são temperados a franceza; nos "ateliers" as "medusellas" ou "medames" procuram o "delier cri" das modas, etc. etc. Seria um interminavel rosario se tivesse de enumerar tudo o que ha de "chic" e delicado nas "causeries". O que importa dizer é que um vicio pôde ser abandonado, ainda que custe. Por amor o que se não faz? Todos os que se prezam de ter amor pelo Brasil, e que trabalham para nossa nacionalisação, podem e devem largar o referido vicio.

Respondendo a outro topico: "De maneira alguma poderia haver proposta para uma reforma violenta, que, por ser de pouca ou nenhuma utilidade, a execução tornar-se-lia difficilissima, sendo impossivel".

A evolução se dá naturalmente, isto é sabido, logo não implica offensa aos portuguezes. A evolução da lingua não foi uma cousa premeditada e criminosamente executada com intenção de desprezar-los; não tendo havido intenção, também não houve apparencia. Ainda assim, para salvaguardar qualquer interpretação, escrevi na primeira missiva: "Mira isso no entanto tão sómente o engrandecimento de Brazil ficando longe de ser offensiva ou de menosprezo á nossa antiga metropole".

Destacando o trecho que escrevestes: "Um trabalho lento de remodelação plasmica se processo naturalmente, mas se operou como devia operar dentro da propria lingua, como se renova toda a natureza dentro de suas leis, como reverdecem os campos, como florescem os jardins, como amanhece o dia e entardece a noite". Encosto-me a elle, pois foi justamente o que disse, porém prosaicamente sem os relevos e belleza de que vos servistes.

Valendo-me de uma comparação, prosigo: Tendo uma velha arvore, em vez de ficarmos cuidando della, si tirarmos um galho para plantal-o, fomos impulsionados por um movimento de bom senso, destituído, portanto, do orgulho de inspecção. Esclarecendo a comparação: insisto, ao ser tirado o galho, não foi com intenção de desprezar o velho tronco, que certo não ficará definhando com essa falta, pois outros, os verdadeiros donos, delle cuidarão com carinho. O galho, tendo sido plantado por nós, está claro que nos caberá delle cuidar com desvelo, afim de se arvigorar, tornando-se arvore frondosa como a mãe. Crescendo, será semelhante; porém nova, o que acontece com mãe e filha. Esta poderá ser parecida, mas sendo jovem, terá mais vitalidade, mais belleza, mais elegancia e muitas vezes mais intelligencia e instrução.

O Brasil, sem demerere o passado de Portugal, pôde decantar o proprio, que já o possuiu; tem historia, vultos eminentes, etc. Os brasileiros, estimando e respeitando os portuguezes como antepassados, precisam estender esse respeito aos outros elementos que formaram a raca brasileira. A homenagem prestada poderá escapar á comprehensão mas como nossos antepassados merecem esse tributo, sendo também por nós que assim procedemos. Os portuguezes nos deram a cor branca justamente com a civilisação, sentimentos cultivados e um exemplo. Os brancos, sendo os mais cultos e mais nobres, como tal relegados para a senzala, por isso não deixaram de ter também alguns prediçados. Eram os braços que executavam toda a sorte de trabalho, sustinham assim o Brasil. Era uma raca pura, com media, forte e vigorosa perto da natureza. Vigorosa, transmittiu-nos a força animal e alguns sentimentos bons, embora em estado inculco. Uns o intellecto, outros a força que para pezar, afinal não entendido, alguns brasileiros vão junto com a cor. Como consolo, no entanto, ha a opinião abalizada do sr. Graça Aranha na "CHANAAN", onde amplia o thema por elle estabelecido: — Quem não tiver a gota de sangue africano, não é forte, comprehendido, e vencedor.

Desde treze da Manhã tudo nivera em silencio. A mescla de senzala sempre esteve de portas a dentro sem deslustrar o Brasil. Final a "Lingua Brasileira" não ficaria

feia, enriquecida com alguns vocabulos e expressões dos pretos. Apparceria no idioma o terceiro elemento para juntar-se ao portuguez e ao tupy ou guarany, tornando-a com isso até mais completa. Teríamos na lingua os tres representantes dos elementos da nossa raça, prestando homenagem aos tres conjuntamente.

Quanto aos imigrantes, as portas podem continuar abertas aos substitutos dos braços escravos. Elles podem participar das riquezas do nosso Brasil, competindo a nós, porém, não deixar que ultrapassem os limites. Que sejam nossos conductores e amigos, participando das regalias que esses titulos auferem, mas que se não consista que sejam invasores ou usurpadores. Afinal elles até já se estão incorporando na nossa raça, dando filhos brasileiros ao Brasil. Não quer isso dizer, no entanto, que têm o direito de prejudicarem ou tolherem o andamento da nossa civilisação. Para impedir isso, cabe aos brasileiros fazer com que esses filhos nascidos do paes estrangeiros, mas em nosso solo, sejam brasileiros de coração, equivalendo dizer, generosos e bons, respeitando e amando com o mesmo coração a Patria dos seus progenitores. Por tudo isso honra e reconhecimento aos estrangeiros; mas para demonstrar a nossa gratidão e admiração não se faz mister tornarmos-nos pequenos dando valor só ao que é estrangeiro. Sejamos brasileiros e orgulhosos e aprendamos a amar o Brasil com o sr. Affonso Celso no seu primoroso: "Porque me ufano de meu país".

A lingua que nos acalentou na infancia nos trouxe a independência, pode agora, ao chegar o primeiro centenario da gloriosa data, apresentar-se augmentada e embelezada para receber oficialmente a denominação adequada de "Lingua Brasileira".

Ao terminar, peço-vos que não repareis nas falhas que possa ter, principalmente na falta de ligação de uns pe-

riodos com outros, occasionada pela falta de habito de escrever. Fui respondendo a cada objecção na ordem em que appareciam, sem me lembrar que as objecções estavam colligadas, as respostas poderiam ficar sem confituação, não havendo um arranjo prévio. Espero de vossa bondade que não serão levados em conta esses defeitos e desço que desta vez eu me tenha feito comprehender.

Peço-vos tambem mil desculpas e que vos dignaes receber os sinceros e respeitosos cumprimentos de quem é feliz por continuar a ser vossa fervorosa admiradora.

MARIA DA COSTA AMORIM

P. S. — Ao terminar o que ahi vai, abri o "Sertão em flor" do sr. Catullo da Paixão, para lê-lo e na nota prévia num transcripto da "Revista do Brasil" foi grande a minha alegria ao deparar com a mesma idéa. Bem sabia eu que não era a unica e nem a primeira a tê-la, e até disse isto na missiva anterior. O motivo, da alegria foi vê-la apoiada em letras redondas, como se usa dizer. A idéa está da portuguezia...

O que penso ser novo e que propuz para ser levado á publicidade, como idéa feminina, por intermedio do organ especial para isso — a REVISTA FEMININA — é que fosse solenemente adoptada a denominação adequada na occasião dos festejos do primeiro centenario, data por excellencia propria para isso. A idéa feminina levada á realidade, seria o feminismo ter o gosto e a importancia de tomar parte nos grandes festejos. Era esse todo o meu empenho, movida por espirito de união á classe.

A MESMA.

Vesperaes ou Matinée

A intromissão continua de termos e expressões alienigenas em nosso idioma é uma das formas da desnacionalisação crescente em que vamos. A linguagem que se está falando não mais nas altas camadas, em que sempre se usaram expressões de affectado estrangeirismo, senão tambem nas proprias camadas populares, do antigo portuguez pouco ou nada tem, porque o pouco que tem é de ruim calão. Ora de todas as riquezas de um povo seu maior patrimonio é, por sem duvida, o seu idioma. Nelle se expressam todas as vozes de sua alma, nelle gemem todas as dores, e cantam todas as suas alegrias. Que maior thesouro haverá que esse thesouro da alma, que esse amontoado de gemas e de rutilas pedrarias, onde o espirito recreado pôde ir buscar todas as mil côres da fantasia, ou ir colher todas as lagrimas de suas maiores dores. O brasileiro, entretanto, cujo desperdicio de riquezas tem sido até hoje proverbial, de tão faustoso patrimonio pouca cura tem tido. Vocabulario riquissimo como é o nosso, deante do qual o francez e o italiano são pobres mendigos, ahi está elle inçado de francesismo e italianismo, transformado numa colcha de retalhos internacionaes, despersonalizado, sem raça, sem patria, sem tradições. O portuguez que se fala em nossos salões é um desproposito e incontinente despejo de fezes de calões de outros idiomas, é um angu' indigesto, é uma pretenciosa algaravia, na qual se mettem a cada momento palavras francezas ou italianas ou inglezas, e raramente, uma lidima expressão portugueza. Num recente trabalho publicado na *Revista de Lingua Portuguesa* Claudio de Souza chama a essa lingua que por ahi se fala "uma algaravia de cães de importação, de marinheiros e de embarcações". É, positivamente, no que se vai transformando o portuguez. E', pois, de louvar o esforço de todos os que se empenham para salvar a nossa maior riqueza de uma dissolução fatal.

O artigo de Claudio de Souza, a que alludi, refere-se a muitos gallicismos que andam desassombrados na lingua vulgar, e fornece as expressões portuguezas correspondentes. Entre elles um ha, o de "matinée", applicado aos espectaculos e festas diurnas, que parecia já inextirpavel. Aquelle escriptor propoz para substitui-lo a linda palavra portugueza "vesperal", que tanto mais se justifica quanto aquelles espectaculos só por um idiotismo da lingua se podiam chamar matiné (de *matin*, manhan), quando sempre se realizam á tarde, na hora das vespersas. Vespéral, tão acertada foi a escolha, entrou desde logo nos annuncios de theatros do Rio, e acaba de ser adoptado pela Prefeitura do Rio para as temporadas do theatro Municipal, nos annuncios da Companhia Lyrica, e das que se succederem naquelle theatro.

Em S. Paulo o "Estado de S. Paulo", o nosso grande órgão de publicidade, adoptou a expressão proposta por Claudio de Souza, que assim entrou definitivamente na nossa linguagem. No interior de nosso Estado tambem vespéral tornou-se expressão corrente.

Não é, portanto, tão difficil ir limpando a lingua dessa saburra grossa de estrangeirismos. O eminente escriptor dr. Carlos Góes acaba de publicar um optimo Dicionario de Gallicismo, e o dr. Laudelino Freire, apaixonado cultor de nossa lingua, está publicando em sua Revista um outro. Os estudiosos, e os patriotas do verdadeiro patriotismo, encontrarão naquelles repositórios o sufficiente para se forrarem do uso de expressões estrangeiras, que longe de demonstrar erudição, demonstram ignorancia, porque, como dizia Eça, as linguas estrangeiras devemos sabel-as patrioticamente mal e a nossa patrioticamente bem...

S. Paulo.

(Para a "Rev. Feminina").

Professora Maria Angelica.

Crianças

Publicamos, a seguir, um lindo conto de Vicente de Carvalho; lindo pelo seu ambiente, pela sua candura, pela sua deliciosa e encantadora desfecho. Repare-se para aquelas alminhas, para sua raciocínio, para os sentimentos que se esboçam em tão galante quadro, que é uma pequena fôa literária. Vicente de Carvalho, um de nossos maiores poetas, é, também, um prosador elegante, cheio de colorido e de imprevisão, que seduz, encanta e empolga. "Crianças", no gênero, é um fino lavor de artista, uma tela preciosa.

Era o dia de S. José, daquelle velha, barbudo, calvo São José, com a sua túnica vermelha caindo dos hombros, nas mãos o cajado de amendoira milagrosamente abotoado em flores, e que, desde longínquos avós de cuja memória já só elle restava, se mantinha como o santo predilecto na devoção da família.

Era o seu dia, segundo a consagração do calendario. E ao fundo do oratório aberto, destacado, dominando de toda a magestade de sua estatura de dois metros uma côrte de pequenas imagens secundárias, com um ramo fresco de lírios aos pés, o santo resplandecia no clarão da vela benta accessa em sua honra. Ali estava elle, illuminado e glorioso, o bemaventurado carpinteiro de Bethlehem, escolhido por Deus, como o mais puro entre todos os homens puros, para depositario e guarda fiel da predistinada, fecunda virgindade de Nossa Senhora. Segundo uma tradição remota e que vinha de geração em geração, transmitida de paes a filhos, a velha e encardida imagem recebia pontualmente todos os annos, naquelle dia que o calendario lhe destinara, uma singela homenagem de veneração, de confiança, e de amor, sob a forma de um ramo de lírios que se desfaziam em perfume aos seus pés, e de uma vela benta que ardia e se derretia em sua frente.

Os tres pequenos, pilhando-se sósinhos, livres de qualquer intervenção adulta tinham resolvido ir de si dar uma busca no interior do oratório aberto. Jorge, o mais velho, concebeu a idea e dirigiu a acção. Era já um homenzinho de cinco annos, chefe natural e terrível do grupo. Fecunda em plano de travessuras, ouso na execução, distribuindo com mão forte e prodiga despojos e taponas, Jorge era acatado e seguido. Puxou vigorosamente para junto da mesa commoda, em que assentava o oratório, uma cadeira; ergueu para esta Joãozinho, cujos tres annos eram ainda incapazes, sem apolo e sem auxilio, de altas cavallarias como essa...

— Agora você! — disse com voz de commando, dirigindo-se á irmãzinha. E ajudou-a a subir.

E em seguida, cumpridos os deveres de chefe, Jorge subiu por sua vez, collocando-se atraz dos outros dois.

E os tres, encantados, puseram-se a examinar a um por um os sagrados moradores do oratório. Havia um S. Pedro, com os olhos cheios de arrependimento de ter negado o Divino Mestre, fitando vagamente o tecto. Tinha na mão a chave dourada com que abre ás almas dos elleitos as portas da Bemaventurança; e a seus pés, o gallo tradicional, tailhado toscamente, abria as azas deseguas, esticava o pescoco, um pescoco exagerado de Cegonha, e repousava sobre a túnica azul do santo a sua crista quasi quadrada. Fronteiro a S. Pedro, com o cordeirinho branco aos pés, a face rubicunda e moça, as pernas nuas até aos joelhos, S. João apoiava a mão esquerda na longa curva de seu cajado de pastor, e estendia o braço direito num gesto magestoso de benção ou de predica. S. Francisco, dentro de seu comprido habito negro, tinha um ar de suave humildade, com os olhos baixos, o rosto inclinado para o chão e emoldurado por umas enormes barbas cor de chumbo. Completava a collecção de pequenas imagens uma pequenina Senhora das Dóres, do figura de mãe angustiada, com o punhal simbólico cravado no coração até ao cabo, as mãos postas, os olhos afflitos e lacrimeiros erguidos para o céu. A primeira cousa que attraheu o olhar do mais pequeno foi o cordeirinho de S. João:

— Um bicho! — disse elle apontando com o dedinho esticado.

— Não é bicho — corrigiu Jorge — é carneiro.

— Elle morde?

— Não, explicou o mais velho; só dá chifrada.

— Mas elle não tem chifres! — interveiu Vivi.

Jorge não gostou da objecção que infringia o respeito devido á sua autoridade em assumptos relativos aos animaes.

E retrucou:

— Tola! Elle dá chifrada com a cabeça.

Eu tenho medo delle, disse Joãozinho.

— Não é carneiro de verdade, assegurou Jorge. Não se mexe. Quer vêr?

Agarrou pelo pescoco o cordeirinho de S. João, e puxou-o. A fragil massa do bicho, a figura solta na mão de Jorge a cabeça do animalzinho degolado.

— E agora? perguntou Vivi assustada. Eu não disse? Vivi, note-se, nada tinha dito áquelle respeito.

Jorge, porém, era corajoso e resoluto; metteu rapidamente no bolso a parte arrancada do cordeiro dizendo:

— Não faz mal, eu escondo. Ninguém conte, hein?

Pouco preocupado com aquelle incidente, tão simples e tão vulgar, o despedaçamento de um objecto, Joãozinho olhava já attentamente para o gallo posto aos pés de S. Pedro.

— O que é aquillo? perguntou desconhecendo a figura mal feita.

— É uma gallinha, explicou Jorge.

— Eu quero a gallinha! declarou Joãozinho.

— Não, acudiu Vivi. Aquillo é do Santo.

— Mas eu quero!

Jorge era generoso: arrancou e deu ao irmão o gallo de S. Pedro com as pernas partidas, e sem a crista, que ficara pregada á túnica do santo.

Vivi reparou na imagem da Senhora das Dóres, por cuja face desbotada pela magua corriam lagrimas de sangue; e, commovido, perguntou:

— Porque será que ella está chorando?

Jorge explicou promptemente:

— Você não vê que ella está com uma faca enterrada no peito?

— Coitada! murmurou Vivi. E' melhor tirar a faca.

Jorge tirou a faca.

— Quem seria o máu que deu a facada? perguntou Vivi.

— Foi o barbuído! opinou Joãozinho apontando para S. Francisco.

Devia ter sido mesmo: S. Francisco com a sua longa túnica negra, as suas enfiadas, inscriveis barbas de chumbo, era a figura mais feia da collecção.

— Com certeza foi elle! concordou Vivi.

— Foi decidida Jorge. Pois vai de castigo.

E agarrando S. Francisco, metteu-o, prezo, no vão escuro entre o oratório e a parede.

Chegara a vez de S. José, que jazia no logar de honra ao fundo do oratório.

Jorge com uma erudição pitoresca, apanhada nas conversas em que a família de quando em quando commentava o padroeiro, começou a instruir os irmãos:

— Aquelle é o marido de Nossa Senhora, é o pai do Menino Deus. Mas o Menino Deus não é filho delle, é filho do Espirito Santo, que é uma poezia.

— E' uma pomboinha que anda nas folhas, em cima da bandeira, interrompeu Vivi.

— Eu já vi! disse com importância e orgulho o Joãozinho.

— Chama-se São José, continuou Jorge. Dantes era carpinteiro; agora é santo. Quando o Menino Deus nasceu, appareceu uma estrella. Os pastores todos foram rezar. foram tambem tres reis. Um era preto...

— Um rei preto? estranhou Vivi.

— Preto, sim. Na terra dos negros o rei é preto. Mas é rei.

— E as princezas?

— As princezas não; que hóbã! As princezas são umas moças muito bonitas, com cabelo de ouro, e uma estrella na testa... O outro rei mandou matar o Menino Deus...

— Porque? Perguntou Vivi.

Jorge hesitou. Na realidade elle estava pouco ao par das razões politicas de Herodes; mas não quiz dar parte de fraco e depois de reflectir um momento, respondeu a Vivi.

— Ora porque... Porque era um rei muito malvado.

— E mataram o Menino Deus?

— Não puderam, capazi! S. José poz Nossa Senhora, com o Menino Deus no collo, em cima de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado; e todos tres fugiram para outra terra...

Joãozinho apontando na mão o gallo arrancado a S. Pedro, debruçou-se a commoção o braço, encostara a cabeça na cabecinha loira, e cochilava, no aborrecimento daquelle exposição de Historia Sagrada que Jorge ia cosendo de farrapos. Mas a allusão de um burrinho muito manso, um burrinho ensinado, esperto e teve um aparte:

— O santo está sujo.

Effectivamente. O tempo a fumaça da vela benta, accendida sempre, durante annos e annos, no dia consagrado a S. José, haviam encardido a imagem, desbotando-lhe as cores, envolvendo-a como numa poeira branca e gordurosa.

— E' mesmo, disse Vivi reparando. Está muito sujo.

Coitado, é preciso limpar elle!

Jorge decidiu-se logo a limpar o santo. Fez descer da cadeira os irmãos.

Afastou as pequenas imagens, e o ramo de lírios. Agarrou com a mão esquerda e peanha, e com a direita o pescoco de S. José. E num gesto decidido e forte, tirou-o do oratório.

Dahi a instante, São José estava no chão, sósinho, no meio do quarto, anulado e pequenino. Jorge trouxe uma bacia de rosto, larga e funda; e, enfiando vazava nella a agua do jarro, ordenou a Vivi que trocasse o sabão.

— Sentaram-se os tres. Joãozinho quiz logo metter na bacia o gallo. Mas Jorge suspendeu o braço, asseverando que não se põem as gallinhas na agua, porque se afogam.

E segurando com todo o cuidado o barbudo, calvo, veneravel São José, deu-lhe um mergulho.

— Agora você! disse elle, dirigindo-se a Vivi. Mulher é que lava.

Vivi não se fez rogar. E, carinhosamente, poz-se a ensaboar o santo.

Dahi a momentos, na confusão das tintas que se desmanchavam, São José tinha a barba azulada, o rosto coberto de manchas, a sua calva, aquella austera calva tão lisa e tão lustrosa, apparecia salpicada de rubores que lembravam uma erupção.

Jorge reparou nisso; e ordenou a Vivi que lavasse melhor, com mais força.

Vivi esfregou com energia. A massa molhada começou a esfarelhar-se.

E agora? perguntou Vivi assustada.

Jorge não respondeu. Tinha ouvido passos na escada. Era a mãe, que subia, a ver de certo que é que faziam os tres traquinas, tão socegados havia tanto tempo... Jorge, muito ligeiro, nas pontas dos pés, escapou-se. Vivi seguiu-o logo, enxugando no vestidinho branco as mãos molhadas das tintas deludidas da imagem de S. José... Joãozinho, então, sem reparar em nada de todos esses incidentes, percebendo apenas que ficaria unico senhor do campo, apoderou-se do santo, e poz-se muito entretido, a lambuzal-o de sabão.

Encontrou-o a mãe nessa tarefa, a que se entregava conscienciosamente; e avançou para elle no momento preciso em que Joãozinho acabava de esfarelhar com todo o cuidado uma orelha de São José.

— Maroto! exclamou ella.

E ia fazer cair sobre Joãozinho o castigo merecido pelo horrendo crime, cujos vestígios e destroços via no soalho e no oratório devastado, quando elle acudiu a reflexão de que tudo aquillo não podia ser obra só do pequerrucho, de que houvera forçosamente no caso intervenção de mãos habéis, de braço mais forte, de figura mais taludinha...

— Foi aquelle pestinha! murmurou indignada, pensando em Jorge.

Arrancou das mãos de Joãozinho aturdido a imagem esculpada de S. José; beijou-lhe os pés com palavras compunidas em que pedia perdão pelo sacrilegio dos filhos; e repoz o santo no seu oratório forrado de azul com entrelinhos de ouro, cercou-o da sua corte de pequenas imagens, todas mais ou menos mutiladas, só faltando São Francisco, que continuava occulto, de castigo, no vão escuro.

Cumpridos esses actos de piedade, voltou-se para Joãozinho que apanhara do soalho o gallo de S. Pedro, e conservava-o na mão:

— Você fez uma coisa muito feia, e vai apanhar, ou vai para o quarto escuro...

Joãozinho, aterrado, só respondeu:

— Não mamã!... Não, mamã!...

— Então, porem, muito effeito.

— Escolha: ou apanha ou vai para o quarto escuro!

Joãozinho fitou-a. Percebendo no rosto severo da mãe que não escapava mesmo. Ora elle nunca tinha apanhado, e conhecia já o quarto escuro.

Escolheu choramingando:

— O quarto escuro, não...

— Vá, então, buscar o chinello, para apanhar.

Joãozinho foi, vagaroso, de cabeça baixa, como um criminoso que era.

Quando voltou, trazia sempre, na mão esquerda, o gallo de S. Pedro, e empunhava na direita um pé dos chinellinhos...

— Com este sim? implorou.

E ia entregar o quasi inofensivo instrumento do supplicio — quando se arrependeu, retraiu o braço, susteve-se... E com o rosto afflicto, os olhos supplicantes, numa vozinha entrecortada, de susto e de choro:

— Eu mesmo me dou, sim, mamã! Eu me dou com força. Eu prometto que me dou com toda a força!

VICENTE DE CARVALHO

(Da Academia Brasileira).

D. Virgínia de Souza Salles

Não ha quem, em S. Paulo, não conheça Helios, pseudonymo de um fino escriptor que collabora assiduamente no "Correio Paulistano". Raros, porém, são os que sabem que, sob esse pseudonymo, se occulta o autor do "Juca Mulato", o poeta e escriptor sr. Menotti del Picchia. Não sabemos se o creador da "Flamma e argilla" nos vae querer mal por o termos denunciado como autor das famosas chronicas que assigna com o pseudonymo de Helios. Mas a verdade é que, ellas são tão interessantes, tão brilhantes, tão cheias de oportunidade, que denunciam logo a mão do artista que as traça.

Pois a Menotti del Picchia não passou tambem despercebido o gesto do illustre e talentoso vereador dr. Almeida Gonçalves, quando, a 12 de Junho, em sessão da Camara Municipal, indicou á Prefeitura a oportunidade de dar a uma das ruas de S. Paulo o nome de Virgínia de Souza Salles, como um tributo que deve fazer a cidade a uma das suas filhas mais gloriosas.

Já lá se vão dois annos que desapareceu do numero dos vivos a saudosa directora desta revista, mas tão ardentes foram as sympathias de que vivia cercada, mercê dos seus grandes meritos como escriptora e periodista e do seu grande coração, que ainda não se calou a voz dos seus admiradores e amigos.

Eis o que, a proposito della, escreveu Helios no "Correio Paulistano" de 19 de Junho:

"No tempo de Palmella — escriptor de que os oradores de sobremesa surripjam fartos nacos de phrases — a mulher não passava de uma "perola mimosa atirada por Deus no jardim da Creação"... Palmella e Victorino Palhares, em estylo baboso, esparramavam-se em dithyrambos amelaçados á mulher, que positivamente tinha por destino unico ser odaliscas ou figurino, missão, como se vê, decorativa e nada pratica.

Em Eva exigia-se só dois olhos molhados e largos, uma boquinha de lacre, muita futilidade e algumas impertinencias. Foi por isso que Moebius e outros gynophobos disseram horrores da mentalidade feminina.

Hoje em dia, com os novos moldes de civilização

em uso, começou-se a vêr na mulher algo de mais sério; além da tarca messianica da maternidade, outro fim se deu á sua sina e não passou a ser apenas um bicho caro e raro embulhado em sedas, que vive a martellar o piano e a paciência e a arruinar os maridos com aquisições absurdas nas casas de moda...

A' mulher emprestou-se uma finalidade mais digna, isto é, a franca cooperação na vida social e mental de um povo. Por um lado, o espirito industrial julgou-a aos interesses economicos das sociedades; por outro, a reivindicação dos seus direitos fê-la collaboradora da organização politica das nações.

E a mulher passou a ser uma parcella viva do dynamismo social, uma força em movimento, vehiculada para a grandeza e progresso da humanidade.

Esse typo masculino — si tal se pôde hyperbolicamente dizer de uma mulher — escasseava entre nós, não por não existir a massa com que se fazem as individualidades fortes, mas por um defeito ancestral de educação ethica.

As que, portanto, se fizeram por si, fugindo ao estalão apagado e mediocre, acullam como heroínas abnegadas, com direito a um culto á sua memoria. Nesse rol se destaca em S. Paulo d. Virgínia de Souza Salles, figura muliebre de real valor, que tanto fez pela causa do feminismo no Brasil.

Ha dias, na Camara Municipal, um vereador, em bello discurso, fundamentou o projecto de se dar o nome da eminente paulista a uma das ruas da cidade. A idea merece todo o nosso apoio e bascia-se num grande espirito de justiça. Todos nós que movemoz na imprensa — tarca allucinante e ingloria — acatamos a palavra do intelligente camarista como uma accerta inspiração reivindicadora de um nome que vale por um programma de coragem e de civismo.

D. Virgínia de Souza Salles bateu-se galhardamente pela causa da mulher, exaltando-lhe as virtudes e abrindo-lhe o caminho para as conquistas a que faz jus a heroica companheira das nossas luctas e desluzes.

Aqui fica, pois, nestas palavras, a minha solidariedade com a idea. E' uma divida que se deve pagar."

Mesinhas para trabalhos

A mesinha de trabalhos é, juntamente com o tocador, um dos móveis mais encantadores e mais uteis dos que



usam as senhoras cuidadas e que têm hábitos de elegância. Essa mesinha deve ser installada no melhor logar da casa, no boudoir, perto da janella, e é nella que se devem collocar, não sómente as tesouras, o dedal, os retalhos de seda, as fitas, mas todos os objectos que merecem da mulher a sua particular preferencia, inclusive a sua correspondencia intima.

As fórmulas das mesinhas de trabalhos são extremamente variaveis, como se pôde verificar pelos modelos que illustram esta pagina. Não ha muito, em França, em uma exposição do mestre decorador Linke, installada na praça Vendôme, foram admiradas as mais lindas e ricas peças desse genero. A variedade era immensa. Dentre tantas peças, nós escolhemos essas quatro, que apresentamos á apreciação das leitoras, e que nos pareceram, senão as mais ricas como criação de marcenaria artistica, pelo menos as mais graciosas e elegantes.

Attentem bem as leitoras em cada um dos modelos. O primeiro modelo é o mais simples, mas é tal a graça das suas linhas, que a propria simplicidade adquire, logo á primeira vista, um aspecto de luxo; o segundo é porventura mais pratico, porque no meio ha um outro compartimento cuja utilidade é servir de deposito provisório para as peças de trabalho que vão ser aproveitadas; o terceiro é, como se vê, de uma originalidade encantadora, lembrando talvez, com a sua tampa aberta, a fórmula classica de um velho cravo; o ultimo modelo não se caracteriza por nenhuma originalidade, com sua fórmula de tambor de orchestra, mas é, como móvel do genero, o mais pratico e commodo.

As senhoras que nos lem e que desejem obter para o seu uso uma destas peças, em vão as procurará em nossos estabelecimentos de moveis, onde ha, no genero, muita coisa interessante, é verdade, mas onde mingua as verdadeiras creações artisticas. Póde-se, porém, mostrando o modelo a um marceneiro de talento, incumbil-o da execução, obedecendo, ao menos no effeito de

conjuncto, o modelo escolhido. A imitação pôde resultar graciosa, desde que seja escolhida uma boa e linda madeira e fique perfeito o acabamento. Para o desenho da tampa aconsellamos o emprego da taboa serrada contra a fibra, de maneira a, juxtapostas as peças, fazer destacar o desenho caprichoso da madeira. Podem ser empregados outros processos de arte de marcenaria, como a talha ou a sembladura, com os quaes também se executam trabalhos de muito effeito. Os embutidos com madeira de outra cor, em desenhos meudos, symetricos, em fórmula de aspas, dentáculos, escamas, entrelaces, gregas, imbricação, ondas, óvulos, torçal, tripolios, xadrez, vermiculares ou quaesquer outras, são de um extremo máo gosto e tornam o trabalho excessivamente grosseiro por mais cuidadosos que sejam feitos os embutidos. Não é ocioso lembrar isso, porque a maior parte dos nossos marceneiros, por falta de educação artistica e por falta do ambiente onde possam educar o seu gosto, são inclinados a fazer embutidos quando se propoem executar peças de luxo.

As mesinhas, já se vê, não têm gavetas. As gavetas são inúteis e incommodas. Ellas têm a tampa movel, que, uma vez aberta, mostra o interior destinado a guardar os objectos de costura.

Com a leitura desta pagina e com a meditação dos conselhos que aqui damos, muito aproveitarão as leitoras que de-

sejem educar o seu gosto e adquirir, para o seu uso, um móvel de luxo. Em geral, as nossas patricias, mesmo aquellas que se dedicam aos bordados e a pequenos trabalhos de costura, não têm uma mesinha destinada a essas uteis e repousantes tarefas. Ellas contentam-se de ter a sua "cesta de costura", que é, quasi sempre, uma cesta de vime, obra grosseira, que transportam d'aqui p'ra alli conforme as necessidades. Ora, uma moça elegante, tem o dever de mandar confeccionar para esse fim uma obra apresentavel, digna de ser vista e que offereça, á hora da tarefa, commodidade e conforto.



Este movelzinho que se vê nesta pagina é o mais modesto de todos e o mais barato. Tem um feito de tambor. A tampa, que o cobre, é movel, abrindo-se por meio de dobradiças que estão dissimuladas pelo lado de dentro. De modo que, fechado, não parece que tem a tampa movel. O seu interior é bastante fundo, com cerca de vinte centímetros. No seu bojo cabem largamente todos os utensilios de costura, os crochets, os bordados, os bastidores, retalhos de fazenda, as peças de roupa branca começadas, tudo enfim. É uma pequena "barafunda" como se diz em linguagem domestica. O movel, apesar de ser o mais modesto dentre os modelos que illustram este artigo, é, contudo, muito interessante e gracioso. A sua vantagem sobre os outros é ser o mais portátil, o mais leve. De facto, como se trata de um movel de luxo, elle pôde figurar em qualquer canto da sala e mesmo da sala de jantar. Quando se tornar necessario, nada custa transportal-o para o boudoir ou qualquer outro commodo.

A sua confecção deve ser em madeira de lei, imbuia, pão marfim ou jacarandá preto, aproveitando para a tampa, como se disse, a madeira serrada contra a fibra para fazer sobresahir os seus desenhos caprichosos. Em qualquer marcaria artistica se obtém esse trabalho, cujo preço não pôde ir além de trezentos mil réis.

Esse é o modelo que aconselhamos de preferencia ás nossas leitoras, porque, sobre ser muito lindo, é o mais commodo e o de mais facil execução.

De resto, como se trata de um movel á parte, não é preciso que combine, pelo tom e qualidade da madeira, com o mobiliario geral. Deve mesmo ser independente, como estilo, de toda a mobilia da casa.

Mais uma vez repetimos o que dissemos atraz: que uma moça elegante, amiga da ordem, que gosta de trazer em ordem todas as suas coisas e pequenas tarefas, deve mandar confeccionar para esse fim um movel de lindo aspecto, e que offereça, á hora da tarefa, commodidade e conforto.

Constantemente recebemos cartas de senhoras elegantes que nos consultam ácerca de mil assumptos e sobretudo dos que dizem respeito á elegancia. Nem sempre nos sobra tempo para responder a tão numerosas questões, muitas das quaes requerem respostas longas e circumstanciadas.

Uma gentil assignante, que se occulta sob o perfumoso pseudonymo de "Violeta dobrada", e que é uma das senhoras mais distintas e illustradas da Capital, em carta que nos dirigiu, pede-nos o nosso conselho sobre a maneira de confeccionar um movel de luxo, destinado a guardar os objectos de costura. Era-nos difficil, no momento, responder á questão que ella nos propoz, porque nos faltavam elementos para o fazer. Neste artigo, porém, cremos haver respondido cabalmente a tudo. Não só escolhemos os melhores modelos, reproduzindo-os da exposição Linke, de Paris, como demos, a proposito d'elles, todas as indicações possiveis.

O nosso conselho áhi fica. "Violeta dobrada" pôde, pois, escolher os typos que mais lhe agradem.



A EDUCAÇÃO DA FAMÍLIA

A luta pela vida, cada vez mais intensa e pertinaz, aconselha uma ardua remodelação em nossos systemas de educação domestica e social, de maneira a tornar a mulher util a si, á familia e á collectividade. A idéa de que a mulher, na vida do lar, deve continuar a ser uma booca enfeitada, ou um surrijo decolinha, uma "poupie" de adorno, ou um esfigeio de côrpa, é preciso que se modifique radicalmente, visto como, de facto, a mulher deve ter outro destino e outro proveito. A mulher, constituída pela natureza e pelos destinos humanos metade perfeita de um todo perfeito, deve ser algo de mais digno, de mais util, de mais nobre do que um objecto ornamental de sala ou simples utensilio das trazeiras de uma casa. Pretendemos que ella continue a ser uma figura de luxo, para simples vista, ou para mero deleite; ou então, um trapo de serventia para usos domesticos, ou limpeza caseira, é insistir nos methodos condemnados e condemnaveis que temos adoptado na educação da familia e da sociedade, ora elevando a mulher ás ratas da vaidade e do orgulho, fazendo-a comprehender que é um objecto de vista e de gôso, ou depriment-o á condição de escrava domestica, ricuscrevendo-a á esphera ancillar dos centros familiares desprovidos de educação, e de ordem. Em qualquer destes casos extremos a orientação seguida é errada, falsa e perigosa. Errada, porque faz acreditar á mulher que ella, na posição e entre os bens de fortuna em que se educou e desenvolveu, foi destinada ao prazer, á alegria, ao fausto, ao esplendor, a nenhum esforço deve consagrar senão a cultivar o luxo e a vaidade com que, desde o berço, a cercaram, amimada e caprichosa; falsa, porque não senão este o verdadeiro destino e fim da mulher — desvirtuados pela má educação no lar e por uma viciada civilização do convívio social — ella segue um rumo inteiramente desviado do norte verdadeiro e lá ao longe, como no caminho trilhado por Dante, — que se reconhece fóra da senda que conduz á verdade e ao bem; cheia de perigos, porque a mulher assim habituada, vendo-se repentinamente, por um golpe de fortuna adversa, privada de tudo quanto a fazia extranha ao trabalho e aos grandes deveres do lar, esmorece, bater-se, recua perante os obstáculos da nova situação e, sempre aferrada aos prazeres do luxo, acaba degradando-se até onde esses prazeres a arrastarem.

No extremo opposto, a mulher se considera condemnada pelo mau fado a posições inferiores, a condições humidas, á vida de soffrimento e de trabalho, á ignorancia, á luta, á escravidão no lar e fóra do lar, sujeitas aos maus humores de paes, ou maridos, brutalizadas, aviltadas numa existencia de martyrio, mortuando sempre e sempre necessitada, sem uma profissão mais limpa, mais nobre e, sobretudo, mais remuneradora, que a compense das humidas espheras em que nasceu.

Ora, a mulher não deve ser, nos destinos humanos e nos verdadeiros fins sociais, nem aquella booca de cheiro, que passa, repimpada e aborrida, nos divans dos salões palacianos, a matar

o cio e a crear phantasias, nem esta infeliz das castas desprezadas, a arrastar a existencia de pária no meio do esplendor e da ventura das outras mulheres.

O verdadeiro destino da mulher, seja qual fór a sua posição, ou condição social, deve ser mais elevado, mais nobre, mais dignificante: nem booca, nem trapo; integrando-se no homem, que escolhe para companheiro da sua vida, ella deve estar preparada para ser delle uma collaboradora effizaz, uma auxiliar util, uma contribuidora proveitosa, capaz, um dia, de o substituir no amanho da vida domestica, provendo do seu esforço as necessidades do lar e augmentando pelo productohonesto do seu trabalho a miséria e a fome. Que é a fortuna? Uma sorte occasional: existe hoje, pôde deixar de existir amanhã, maxime se o bem-estar domestico repousa no esforço exclusivo do chefe da familia. Intuitivamente, ou morto esse chefe, a familia se vê á braços com embarracos de toda a especie, porque não foi educada para essa phase de attribuição e de saudade, e o soffrimento que a atinge é de causar funda compaixão. Notemos os multiplos exemplos da guerra que ha pouco assolou o mundo. Familias opulentas, ricos proprietarios, grandes industrias, altos commerciantes, senhores de fortunas solidas ficaram imprevistamente privados de tudo quanto possuíam e reduzidos á mais negra penuria. Membros da familia do czar de todas as Russias, caíram da suprema magnificência á extrema necessidade: cobriram-se de andrajos e curtiram fome, andaram perseguidos e soffreram torturas; nem fortuna, nem patria, nem humanidade. Que indicam estes e tantos outros exemplos? Que o homem, como a mulher, deve procurar, sobretudo, os meios de fortuna, os elementos de existencia util, nos proprios dotes adquiridos pela educação, pela aquisição de profissões honestas e productivas, que nos momentos precisos sabrá aproveitar, para supprir a fortuna desaparecida na voragem dos abysmos humanos. Se desses dotes não precisar fazer uso, ainda bem; mas se a adversidade lhe bater á porta, as aquisições feitas lhe abrem o caminho ao trabalho honrado e á mediania dignificadora.

Em summa: devemos preparar-nos para enfrentar as soluções imprevistas do futuro. Que é o dia de amanhã, no meio da superexcitação em que se debate a sociedade moderna? Um ponto obscuro, um enigma, um arcano. Sacrificar a familia á negligencia, ao descuido, á imprevisão é commetter um grave erro perante Deus e os homens. Por outro lado, acreditem as senhoras que a vaidade e o orgulho são os mais terribes canceros do individuo e da sociedade, sobretudo quando desacompanhados de prendas moraes, artisticas e domesticas superiores como exemplo, como acção, como proveito; daí a necessidade da convergencia de todos os esforços para extirpar estes tumores cancerosos do organismo individual e da communidade.

O AVENTAL

O avental é um elemento indispensável da "toilette" caseira, quer para as creanças, quer para moças ou senhoras. Tem a propriedade de proteger os vestidos ao mesmo tempo que serve de enfeite, desde que seja confeccionado com uma fazenda bonita e tenha um corte elegante, e não lembre, de modo nenhum, a banalidade que caracteriza estas peças que se compram feitas.



FIGURA 1

O avental que leva esta menina é muito fácil de fazer. É confeccionado em crepon branco debruado com svizeiro de tom laranja bem vivo. Uma borboleta da mesma cor em bordado incrustado guarnece o peito e os bolsos.

Todos os enfeites da "toilette" são, como se sabe, superfluidades, mas que têm a propriedade de concorrer para a graça e beleza do seu efeito. O único enfeite que não é superfluo porque tem a propriedade de proteger a roupa, é o avental, que tem todas as variantes possíveis, que pôde ser grande ou pequeno, bordado ou não, simples ou caprichosamente confeccionado. Destinado a proteger a roupa, não perde o seu caracter de elemento de adorno. Demais, nada mais gracioso do que ver uma moça, em "toilette" caseira, com seu lindo avental preso ao alto do collo por dois alfinetes, desenhando a cintura, na frente, por meio de uma faixa atada em laço atrás, e cabindo até aos joelhos. Se for em fazenda branca, com bordados nas extremidades e dois bolsos com rendas, é quanto bastará para dar à pessoa essa graça encantadora que só tem a mulher na intimidade. Em geral as moças cuidam que só podem realçar a sua belleza com ricas toilettes de passeio, no scenario das ruas ou dos salões. Puro engano. Nos salões ou nas ruas, a mulher, por mais elegante que seja e por mais luxuosamente vestida que se apresente, é apenas uma figura, um pormenor decorativo de um grande scenario. A sua belleza e elegancia não podem ser contempladas em toda a sua plenitude, porque em torno della ha tambem outras mulheres que estão a reclamar a attenção dos homens. E se essas mulheres, examinadas cada uma de per si, não

valem aquella, têm ao menos o valor da sua belleza de grupo, que é sempre interessante. Ao passo que, na intimidade, no scenario estreito de uma sala de jantar ou de um gabinete, a mulher deixa de ser um mero pormenor decorativo para se tornar uma figura central, para a qual convergem todas as attensões. E se ella, nesse pequeno scenario, se apresentar com as roupas com que habitualmente se mostra em publico, vestida a capricho, o seu effeito será notavelmente menor. A mulher só é plenamente bella ou graciosa ou sympathica, na sua intimidade, trajando vestidos simples, sem adornos caros e sem penteados excessivamente caprichosos.

Ora, o que pôde caracterisar mais um vestido caseiro é o avental. Nos seus bolsos traz a senhora o lenço, os objectos de uso constante. Quando se senta para ler, para polir as unhas ou para fazer crochet, é sobre o avental que ella descansa o livro, o estojo de unhas ou o novelo de linha.

Se essa peça é indispensavel para as mulheres, ainda é mais para as creanças.

Nada mais encantador do que ver um grupo de meninas, e todas ellas com seus vistosos aventaesinhos, a brincar num jardim. Os aventaesinhos dão-lhe um encanto maior.

Na Europa, raramente se vê uma menina, quer em casa, quer em caminho da escola, que não traga o seu avental branco debruado de cor viva, azul ou rosa. Entre nós, porém, as nossas lindas patricinhas não o usam, senão excepcionalmente. É este um facto chocante, e tanto mais

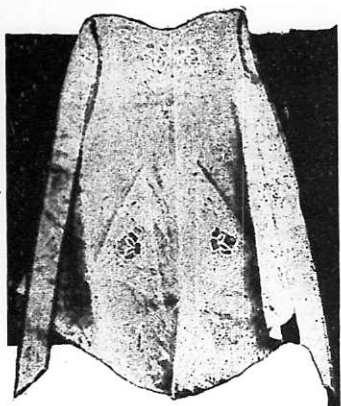


FIGURA 2

Este avental, muito simples como concepção, faz-se de uma só peça de fazenda, formando um deanteiro bastante largo e preso por longos suspensórios, que se cruzam, abotoando-se na frente.

quanto é verdade que nós vivemos a imitar os hábitos parizenses, sobretudo os que dizem respeito á indumentaria. Quanto mais, em França, se generalisa o avental entre as creanças, tanto menos as mães de familia patricias o adoptam para os seus filhos. Ha nisto uma incoherencia inexplicavel. Quasi somos forçados a crer que as brasileiras só procuram adoptar as modas francezas no que ellas têm de superfluo e exagerado, em desprezo das que são uteis e praticas. Nada mais util e pratico que um avental. Porque, pois, estando elle tão



FIGURA 3

Avental em tecido de estola, com as duas peças reunidas por meio de uma faixa a fio direito. Este avental é feito em linon-rosa. Bordados de flores no peito e nas algebras. Os tecidos empregados de preferencia são o linon, a batiste e o pongé.

REVISTA FEMININA

vulgarizado em França, não o adoptamos também e principalmente para as nossas filhinhas?



FIGURA 4

Este lindo aventalzinho é feito em voile de Ceylão filetado de branco. O debrum de tule, formando dragões da-lhe muita graça. Tu e o voile são reunidos por meio de um bordado de linha de cor.

procedem com relação aos doces de calda, com as frutas, com as sopas, com tudo emfim. Se saem a passeio, sentem-se às vezes tentadas por um objecto qualquer atirado ao acaso na rua, uma caixa de phosphoro, um calhósinho redondo, e quasi sempre se abaixam para apanhar o objecto e sujam as mãos no pó. Invariavelmente, limpam-nas na roupa, embora seja uma bonita roupa de passeio. Assim são ellas. A educação, os ralhos e os castigos não bastam para lhes corrigir esse defeito, que propriamente não é defeito senão a resultante das curiosidades insipientes. O melhor meio, pois, de lhes poupar as roupas é protegê-las com um avental. O avental, portanto, é um elemento imprescindível da indumentaria infantil.

Entre as muitas, entre as chocantes diferenças que extremam as nossas patriciasinhas das filhinhas de estrangeiros residentes aqui, é o uso do avental. Observem as leitoras um grupo de meninas que vão para uma escola allemã. Aquellas meninas louras, de um branco sardento, raramente graciosas, mas discretas na attitude e bem educadas, levam todas ellas o seu pequeno avental em cujos bolsos depositam o lenço, o lanche, o lapis e outras coisas de uso immediato. Em geral o seu avental é azul escuro, que é a cor que mais resiste á sujeira.

Observa-se agora um grupo de meninas brasileiras, de seis a dez annos, que vão para o grupo escolar. Essas airozas e formosas creaturinhas vão tagarelando, rindo ás escancaras, ora correndo, ora a passo, e nenhuma dellas leva avental.

Não comprehendemos a razão por que as mães pa-

tricias teimam em não adoptar uma moda adoptada em todo o mundo.

Nada mais facil e economico do que a confecção de um avental-zinho. Um metro de algodão branco ou pardo de boa qualidade, dois metros de entremeio barato e dois metros de ponto russo bastam para confeccionar essa peça. Esses elementos todos já existem em casa, não sendo preciso comprá-los na loja; são retalhos de fazenda aproveitáveis, podendo-se também aproveitar os velhos vestidos.

Para as senhoras que queiram confeccionar para os seus bebês aventalinhos mais elegantes e caprichosos, ofereceremos nestas duas paginas os mais variados e lindos modelos. E' só escolher.

tricias teimam em não adoptar uma moda adoptada em todo o mundo.

Nada mais facil e economico do que a confecção de um avental-zinho. Um metro de algodão branco ou pardo de boa qualidade, dois metros de entremeio barato e dois metros de ponto russo bastam para confeccionar essa peça. Esses elementos todos já existem em casa, não sendo preciso comprá-los na loja; são retalhos de fazenda aproveitáveis, podendo-se também aproveitar os velhos vestidos.



FIGURA 5

Avental decotado e sem manga, em voile malva, com bordados no mesmo tom e brancos. Toda a parte superior é coberta de bordados. A parte que corresponde á saia é rematada por uma prega larga, de seis a oito centímetros, o que permite encomprir a proporção que a menina vai crescendo. Os bordados, em linha grossa e de varias cores, são muito interessantes e dão uma graça infantil á linda peça.

Uma das nossas assignantes de Matto Grosso, em longa carta que nos escreveu, aconselha-nos que, em materia de moda, nos occupemos de preferencia pelas modas praticas, isto é, pelas modas que podem ser usadas no interior do paiz e que, ao mesmo tempo, sejam baratas e de facil confecção. Ora, é isso exactamente o que fazemos e o que temos em vista.

Na nossa "Chronica da moda" damos noticia de tudo que, a respeito, nos chega ao conhecimento, atravez dos magazines elegantes de Paris. Londres e Nova York, e

illustramos essa secção, que, seja dito de passagem, tem sido sempre louvada pelas leitoras elegantes, com modelos modestos ao lado de modelos custosos. Tudo isso fazemos no interesse de agradar, em parte, as leitoras das capitais do paiz, e, em parte, as nossas assignantes do interior. A'quellas offerecemos os modelos de mais effeito dentre os mais recentemente creados, e a estas os de mais facil confecção, sem aberar, contudo, da linha elegante.

Mas, afóra essa secção, temos outras, de indumentaria pratica e barata, publicamos artigos onde ensinamos a aproveitar vestidos velhos para a confecção de vestidos para creanças, ensinamos como de um velho paletot se pôde arranjar um galente sobretudosoinho para menino. Essas lições estão insertas atravez desta revista, e á leitora, que quizer guiar-se por ellas, só ind-



FIGURA 6

Este avental, muito pratico, protege admiravelmente a roupa. E' feito em tela granitê em tom suave, bordado com uma estreita fita. Não tem costura nos hombros...

cumbe folhear as nossas collecções. Nós nunca perdemos de vista as nossas queridas leitoras do interior do paiz.

RENDA DE IRLANDA

FOLHA

VIII

Montem-se 65 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Sem mudar o trabalho de logar, volte-se de novo sobre as malhas do cordão. Passar uma m., 10 m. s. tomadas na haste inferior, fazendo seguir o c. Voltar. C. haste inferior. Passar uma m., remontar em m. s., malha por malha. Parar. Duas malhas antes do fim. A primeira folha, a do meio, está terminada.

2.ª folhasinha: Cordão haste inferior, 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Descer por m. s. até á mesma, 4 m. s. sobre a mesma, tomando-as em uma das hastes da nervura mais proxima. Esta nervura é formada pelo primeiro cordão, aquelle sobre o qual se montaram as 65 m. Voltar. Passar 1 m. e remontar por m. s. na haste inferior, deixar 3 m. livres no alto da folhasinha.

3.ª folhasinha: C. haste inferior, 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Descer um m. s. até á mesma, 4 m. s. sobre a nervura. Voltar. Remontar a folhasinha, deixar 3 m. livres no alto.

4.ª folhasinha: C. haste inferior, 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Passar uma m., fazer 10 m. s. sobre a folhasinha. Voltar. Remontar 1. p. cad. picado por uma m. s. na segunda m. das m. s.; deixar 3 m. livres no alto.

5.ª folhasinha: 3 m. s. sobre o c. só, 1 picada. Volta. Passar 1 m. das m. s. (c. e haste inferior) até á extremidade da dita folhinha, onde se continuará a descer tomando os pontos na folhasinha precedente até á nervura. 4 m. s. sobre nervura. Voltar. Passar uma m. s., remontar a folhasinha, sempre haste inferior, m. s. e c., deixar 2 m. livres no alto.

6.ª folhasinha: Haste inferior c., 2 m. s. sobre o c. só 1 p. cad. Voltar. Passar uma m., descer em m. s. até á nervura, 4 m. s. sobre a nervura. Voltar. Passar uma m., remontar a folhasinha e deixar 2 m. livres no alto.

7.ª folhasinha: 2 ms. sobre o c. só, 1 p. cad.

Passar uma m., descer em m. s. até á nervura, 4 m. s. sobre a mesma. Voltar. 1 p. cad., passar uma m., remontar em m. s., deixando 2 m. livres no alto.

8.ª folhasinha: 2 m. s. sobre o c. só, 1 p. cada. Voltar. Passar 1 m. das m. s. na haste inferior e com c. até á nervura; terminadas as folhas deste lado, têm-se oito contando com a que fórma o meio.

Descer agora o hastil por inteiro, fazendo m. s., ponto por ponto, tomalhas na haste inferior mais proxima e fazer seguir o c.

Logo que se chega á base do hastil, voltar-a cuidadosamente por algumas m. s., cinco ou seis; far-se-á isso tendo cuidado que o c. deve marcar uma nervura no meio do hastil, como elle marcou no meio da folha e não formar senão uma risca só bem direita. Parar. Cortar o c. e a linha.

Segunda parte da folha: Esta segunda parte, embora semelhante á primeira, não comporta senão 7 folhasinhas em vez de 8, sendo a oitava a do meio.

Prender por uma m. s., linha, e c., exactamente de frente da base da primeira folhasinha sobre a haste livre da nervura. Remontar em m. s. com o c. sobre a haste livre da folhasinha do meio, deixando as 3 ultimas livres.

1.ª folhasinha: 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Fazer seguir o c., tomando nas hastes inferiores. Passar uma m. e tornar a descer até á nervura. 4 m. s. sobre a haste livre da nervura, trabalhando ao mesmo tempo sobre o c., que se continuará e sobre a extremidade atadura, isso afim de manter o cordão sem coser. Voltar. 1 p. cad., remontar a folha em m. s. na haste inferior com o c. e deixar 3 m. livres no alto.

2.ª folhasinha: 3 m. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Passar 1 m., descer a folhasinha em m. s. até á nervura, bem de frente da base da folhasinha do primeiro lado. Voltar.



Figura 8

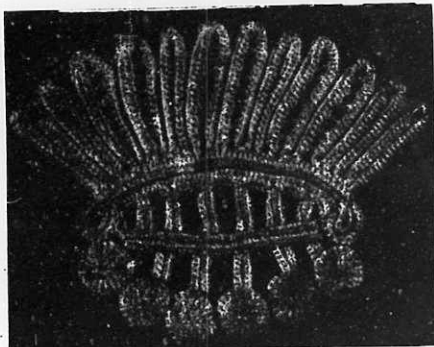


Figura 9

1 p. cad., passar 1 m., remontar a haste inferior com o c., deixar 3 m. livres no alto.

3.ª folhasinha: 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad., descer até a quarta m. antes da nervura. Voltar. 1 p. cad., passar uma m. e remontar, sempre com o c., mas deixar 3 m. livres no alto.

4.ª folhasinha: 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Passar uma malha, descer em m. s. que acabam de ser montadas, depois descer as da folhasinha precedente até a nervura, 4 m. s. sobre a nervura. Voltar. 1 p. cad., passar 1 p., remontar com o c. por m. s. na haste inferior, deixar 3 m. livres no alto.

5.ª folhasinha: 3 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Passar uma m., descer a folhasinha até a nervura. 4 m. s. sobre a nervura. Volta. 1 p. cad. Remontar a folhasinha e deixar 2 m. livres no alto.

6.ª folhasinha: 2 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad., passar uma m. (sempre na haste inferior e com o c.) descer até a nervura, 4 m. s. sobre a nervura. Voltar 1 p. cad., passar uma m., remontar a folhasinha e deixar 2 m. livres no alto.

7.ª folhasinha: 2 m. s. sobre o c. só, 1 p. cad. Voltar. Passar uma m., descer a folhasinha até ao hastil e continuar sobre o hastil, m. s. na haste deixada livre té em baixo do hastil, no ponto em que se ficou e onde se cortou o cordão.

Ligar por alguns pontos a linha aos pontos que foram feitos antecedentemente, para continuar o hastil. Parar e cortar linha e c.

MOTIVO PHANTASIA

IX

Este motivo é composto de 12 ramos, dos quaes 6 com aberturas e 6 cheios.

Fazer sobre c. principal 70 m. s., fechar as 15 ultimas de modo a formar uma argola, depois sobre c. fazer 25 m. s., voltar, tornar a fazer 25 m. s. e descer fazendo 25 m. s., 1 m. s. sobre as que foram feitas sobre o c. principal, fazer um segundo ramo igual ao primeiro ligando as 20 primeiras m. s., 1 m. s. sobre o c. principal; para o terceiro ramo fazer sobre c. 22 m. s., voltar sobre estas m. s. fazendo 4 m. no ar, 1 br. na terceira malha simples, 3 m. no ar, 1 br., sempre passando 2 m. s. da fila de baixo, 3 m. no ar, 1 br., 3 m. no ar, 1 br., 3 m. no ar, 1 br., 2 m. no ar, 1 m. s., passando 2 m. s. do cordão principal, voltar, fazer 3 m. s. em cada 3 m. no ar de baixo, descer fazendo m. s.; o quarto ramo "à jour", isto é, com abertura, igualmente como o que se acabou de fazer; o quinto ramo cheio; o sexto e o setimo ramos com aberturas; o oitavo ramo cheio; o nono e o decimo ramos com

abertura; o undecimo e duodecimo ramos cheios.

Terminar fazendo com o c. uma argola de 15 m. s. como a do começo, depois fazer sobre o outro lado do c. principal, logo após a argola, 7 m. s., depois sobre um outro c. 30 m. s., 1 m. no ar, tornar a descer com m. s., picar a malha atrás, 7 m. s. sobre o cordão principal, isto 6 vezes, X.

Ter cuidado de fechar um pouco o c. principal de modo que elle tenha a fôrma um tanto curva, tal como representa a gravura.

Isto formará 6 ramos sobre os quaes suspenderá a cada um e por baixo uma pequena bola feita da seguinte maneira: fazer um pequeno arredondado de 6 voltas de m. s., aumentando em cada volta; na setima volta tornar a fazer o mesmo trabalho, e na ultima volta dobrar este pequeno arredondado e reunir os dois bordos por uma fila de malhas corridas.

Estes ramos sobremontados de bolas são separados ao meio da sua altura por um cordão sobre o qual se fazem 60 m. s., voltar sobre estas m. s., enterrar a agulha, isto é, picar na malha de traz e fixar os ramos sobre este cordão por um ponto, tal como mostra a gravura n.º 9.

FOLHA DE FÊTO

X

Nos numeros 71 e 72 da "Revista Feminina" demos as nove primeiras lições desta renda, que é, sem duvida, uma das mais bellas que ha no genero. Continuamos agora as outras lições, e iremos seguindo successivamente até exgotamos o assumpto, apezar das innumeradas difficuldades que a cada passo encontramos.

As leitoras, que não leram as nossas primeiras lições, desde o artigo inicial, que ainda não se habituaram ás abreviaturas

que adoptamos, excusam de as ler agora, se não quizerem dar-se ao trabalho de consultar as lições anteriores.

Vamos estudar agora a "folha de fêto". Tomar um cordão sobre o qual se farão 45 m. s.; sobre um outro cordão livre far-se-ão 30 m. s.; prendel-as, voltar para traz sobre a 6.ª m. das 45 m. s.; voltar X 2 m. s., 4 m. no ar para formar um picot, 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 19 m. s. Devem, pois, restar 5 m. s., que servirão de elo para outro lado do ramo, retomar sobre um cordão livre 30 m. s., prendel-as á 3.ª m. que segue o 3.º picot do ramo de baixo, voltar, 2 m. s., recomencar desde o signal X, fazer da mesma fôrma 9 ramos e remontar.

O 10.º ramo, o que forma o centro, é composto, elle mesmo, de outros 4 ramos que se prendem



Figura 10

entre si na 5.^a m. s. do ramo de baixo. Cada um destes 4 ramos é formado de 25 m. s. feitas sobre um cordão livre, constituindo a primeira fila.

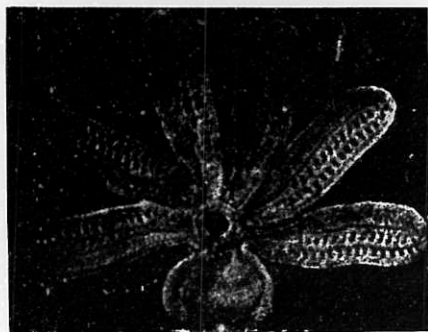


Figura 11

2.^a fila 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 2 m. s. Repetir 4 vezes, fazer as m. s. sobre as 5 m. s. (que ficaram entre cada ramo do lado que monta), X. 25 m. s. sobre um cordão livre, prender de novo na 3.^a m. depois do ultimo picot do ramo de baixo, 2 m. s., 4 m. no ar, picot; 2 m. s. 4 m. no ar, picot, 2 m. s., 4 m. no ar, picot, 19 m. s., e recomençar desde o signal X.

O LEQUE

XI

E' preciso uma linha fina para executar este motivo. Faça-se um anel com o cordão, de uma só volta, trabalhando em seguida com o cordão livre, de modo que se está trabalhando com dois cordões.

30 m. s. sobre o anel, fechar prendendo a ultima m. na primeira. Fixar o ponto, deixar o cordão.

Começa-se pela petala curta, 10 br. tomadas nas hastes superiores de 5 m. do anel (2 br. em cada haste). Voltar às hastes superiores sem cordão. 2 br. sobre estas 10 br. Voltar às hastes superiores sem cordão. 16 br. sobre essas 14. Voltar às hastes superiores sem cordão 18 br. sobre essas 16 br.

Descer por m. s. até ao anel, prender o anel á primeira br. ao lado do cordão, 45 m. s. sobre o cordão só, deixar o cordão. Voltar, descer, voltar às hastes superiores, 1 m. s., 1 p. cad., 1 br. na 2.^a m. que segue, 1 p. cad. 1 br. na 2.^a m. que segue, 12 jours semelhantes (14 ao todo). Continua-se por 1 p. cad., 1 m. s. na 2.^a m. que segue e vae-se assim até á extremidade da fila onde se prenderá o anel por 1 m. s. Voltar, remontar, 1 p. cad., 1 m. s. tomada sobre o primeiro jour, continuar da mesma fórma

até que se obtenham 7 jours. 1 p. cad., 1 br. tomada sobre o primeiro jour e continuar da mesma maneira até ao ultimo jour. Voltar, descer 2 m. s. no primeiro jour, 2 m. s. no 2.^o, 9 vezes ainda (12 vezes 2 m. s.). Em seguida, 1 só m. s. em cada jour. Prender ao anel por 1 m. s. Voltar, remontar, apanhar as 2 hastes. 10 m. s. que se seguem, 20 br. que se seguem, m. s. (arredondando-se) para juntar ao cordão. Voltar, descer haste inferior com o cordão. Apanhar por m. s. até ao 7.^o jour, fazer sobre a br. do 8.^o jour 1 m. s. apanhada na fila de baixo (é preciso que seja sobre 2 filas) continuar a descer em m. s. até ao anel, prender ao anel. Voltar, remontar, com o cordão só 10 m. s. um pouco fechadas, prendel-as á 10.^a m. da pétala que se acabou de fazer (estas 10 m. fazem parte das 45 sobre o cordão só).

Repetir exactamente a 1.^a pétala e assim por deante até ao fim (6 ao todo).

Arredondar cuidadosamente o alto das pétalas á medida que são executadas e calcular o numero de m. de que se dispõe sobre o anel para que cada pétala tenha uma base igual.

Acabada a ultima pétala, fazer 3 "torus" de cordão, formando um anel, e trabalhar por cima fazendo seguir o cordão livre. 5 m. s., 1 picot, (6 picots ao todo) fechar o arredondado ligando a ultima á primeira m., fechar se está muito largo, rematar e cortar o cordão.

Fazer um ponto para fixar esta corôa sobre o anel.

ROSA

XII

Fazer um anel com a linha, 15 m. s. sobre o anel. Dividir este anel em 7 partes e fazer 1 br. sobre cada uma das divisões e 3 pontos cad. de uma brida á outra. Prender as 3 ultimas p. cad. á primeira br. Já se têm, 7 jours exactamente.

Fazer sobre o primeiro jour 1 m. s., 5 br., 1 m. s.; sobre o segundo jour 1 m. s., 5 br., 1 m. s., e a mesma coisa sobre cada um dos outros jours. Fechar um pouco o primeiro e o ultimo ponto de cada jour afim de que a pétala se forme melhor.

A terceira fila é um prolongamento da segunda. Toma-se nas duas hastes. Fazer pois sobre cada pétala 1 m. s., 5 br., 1 m. s.

Observe-se que é preciso fechar um pouco mais as duas m. s. da extremidade das pétalas do que as 5 br. que se acham no meio. A quarta fila forma a pequena crista que borda



Figura 12

as pétalas. Faz-se passando a agulha pelos dois raminhos de cada m. e retirando simplesmente a linha que forma então como um p. cad. Passar assim a linha em todos os pontos. Logo que se terminou esta fila, chegou-se ao concavo da pétala. Fazer 4 ou 5 p. cad. e fazer 1 m. s. atrás da pétala seguinte, enterrar na 3.ª br. da primeira fila feita sobre estes jours. A utilidade destes 4 ou 5 p. cad. é conduzir ao meio da primeira fila de pétalas afim de que a segunda possa ser executada ao contrario da primeira.

5 p. cad. presos por uma m. s. à 3.ª br. da primeira fila da pétala que se segue. 5 p. cad. presos por uma m. s. à 3.ª br. primeira fila da pétala que se segue, e assim por diante até ao fim desta fila.

CORRESPONDENCIA DA "REVISTA FEMININA"

Sertaneja (Itapetininga). A sua colaboração na nossa secção familiar "Jardim Fechado" é preciosa e todas as gentes e palmeiras hospedeiras do jardim a esperam com ansiedade, fazendo-lhe em torno os mais amorosos comentários. Envie-nos sempre, como tem feito, coisas interessantes para essa secção. Recebemos igualmente, junto à sua colaboração, que será inserida no numero de Julho, uns desenhos acompanhados do respectivo artigo explicativo. Lembos com atenção e verificamos que o seu artigo intitulado "De um paletot, um sobretudo" e outro "Lengas", estão escritos com clareza e são ambos de execução facilissima. Gostamos imenso desses trabalhos que guiam o espirito das leitoras para as coisas praticas e economicas. Os seus desenhos foram aproveitados e serão publicados brevemente, desde que fiquem promptos os clichés.

Gratas pela sua delicadeza.

Grupo de admiradoras (S. Paulo). De facto, as nossas installações nada deixam a desejar. Estamos, é verdade, um pouco fóra do centro, mas isso é compensado vantajosamente por um conforto que não nos offerecia a antiga redacção. Hoje dispomos de cinco amplas salas, sendo que uma dellas, a destinada para as aulas de corte, desenho, pintura e arte applicada, é uma das mais vastas. Por enquanto ainda não pudemos repar todas as coisas em seus lugares, porque fomos obrigados a adaptar o prédio às nossas novas necessidades e as obras ainda não estão concluidas. Vamos, de facto, com a graça de uma, de Aurora de Almeida para presidiar as aulas de pintura e arte applicada. É uma professora muito competente. As suas antigas discipulas regosijar-se-ão com a nossa escola.

D. Julieta B. L. (Piracicaba). Recebemos o seu trabalho e foi submettido a concurso. Os juradoes apreciaram-no muito e foi considerado um dos mais artisticos e dos mais bem acabados. Quanto ao trabalho que obteve o primeiro premio, não deve ser julgado pela simples gravura, que, por mais nitida que seja, nunca dá uma idéa perfeita do original. A peça vencedora precisa ser examinada de perto para se lhe apreciar não sómente a belleza do conjunto mas uma serie de pormenores verdadeiramente dignos de reparo.

O seu pseudonymo "Hebe" escapou à revisão. Dentre os primeiros nomes que se lêem na lista das concorrentes, encontrará a senhora o pseudonymo "Silbete". Pois é esse o seu, a despeito da differença. Pedimos-lhe perdão por esse erro de que não culpamos os revisores. O seu trabalho continua exposto em nossa sala, e a proposito delle temos ouvido os comentarios mais elogiativos por parte de senhoras que têm visitado a nossa exposição.

Quando ao atrazo da nossa revista, a que a senhora se refere, é devido, como tivemos occasião de declarar pela imprensa, à falta de papel na praça, e ao trabalho que nos tem dado as nossas novas installações e a montagem do nosso material typographico. Mas já agora a nossa revista começa a ser distribuída com regularidade costumeira.

Gratas pela attenção com que nos tem distinguido.

Sr. Alcides Neves (Pernambuco — Recife). Maria Angela não é o nome de uma escriptora, nem mesmo o pseudonymo de uma das nossas collaboradoras, é, antes, o pseudonymo colectivo de um grupo de moças que collaboram na "Revista Feminina". O conto "Eva ella", publicado no numero 61, de Junho do anno passado, não é um conto original. Não é também uma traducção ou adaptação, mas uma simples phantasia a que serviu de assumpto um conto hespanhol de cujo autor não nos lembramos. De resto, o nome do autor pouco importa, porque a phantasia de Maria Angela, offere uma ou outra idéa, está inteiramente divorciada da composição hespanhola. Os seus elogios, pois, ao conto e ao autor, se são sinceros, não perderam a sua applicação, porque o conto "Eva ella" vale bem por um trabalho original. Não resistimos à vontade de transcrever alguns dos seus louvores.

O seu trabalho, sobre possuir uma bellissima forma litteraria, é um acabado estudo de psychologia deductiva. A ethesia da dialéc-

As leitoras que quizerem guiar-se por estas nossas lições para poder executar todas as variedades da "Renda de Irlanda", devem iniciar o seu estudo desde a primeira lição, publicada num dos nossos numeros anteriores. Com o presente artigo são dadas lições, e iremos seguindo, de numero em numero, a nossa serie de estudos, desde os mais simples trabalhos até aos mais complexos, de maneira a preparar gradativamente o espirito das leitoras.

No nossos primeiro artigo indicámos as abreviaturas, no interesse de facilitar o aprendizado e para não estender excessivamente os nossos artigos. Se não recorressemos ás abreviaturas, ser-nos-ia impossivel dar conta da nossa tarefa, que se tornaria, como é de ver, extremamente penosa.

tica, a espontaneidade do desenvolvimento, o poder conceptivo que delle resulta, tudo prova que V. Exa. é uma artista consummada.

Facto curioso é que eu, um obscure amador das letras e grande entusiasta, já havia antes de fazer este trabalho assumido o assumpto e eis que deparo com o mesmo, desenvolvido sob uma forma suave, artistica e plena de detalhes, pela penna de uma moça de quem me honro ser patriótico.

Em nome de Maria Angela, gratas por essas expressões.

Se, como dissemos, Maria Angela é um pseudonymo colectivo, o pedido que o sr. lhe faz do seu retrato, está prejudicado.

PARA O PROXIMO NATAL

Já estamos confeccionando a edição de luxo da "Revista Feminina", destinada a commemorar o Natal. Naturalmente, os nossos assignantes em atrazo não devem, pois, descuidar-se de mandar reformar as suas assignaturas para não perder o direito à futura edição de luxo que estamos confeccionando. Uma collecção desta revista, truncada, é uma collecção perdida; ella só vale quando está completa, quando não lhe falta nenhum numero, porque muitos dos assumptos de que a nossa revista se occupa, são continuados em series interrompidas, e a falta de um só artigo vae acarretar embaraços para a comprehensão dos artigos que se lhe seguem. Assim, por exemplo, os artigos interessantissimos que têm por epigrapho "Perfil da mulher brasileira", "Renda de Irlanda", "Arte da Belleza", curso completo de conservação e cultura da belleza, e muitas outras materias, constituindo, cada um em seu genero, uma cultura completa do assumpto tratado, não devem ficar truncadas na collecção.

Acontece, porém, que muitas das nossas leitoras se esquecem de mandar reformar as suas assignaturas, na esperança de, reformando-as mais tarde, obter os numeros atrazados para os juntar às suas collecções. Ora, isso nos traz, a cada passo, serios embaraços, porque os numeros que reservamos para essas eventualidades, vão-se dia a dia esgotando, e no fim do anno não nos restam senão alguns, dos quaes não podemos dispor, porque com elles é que vamos formar as collecções encadernadas, que nunca são tão numerosas que bastem a satisfazer a todos os pedidos.

As nossas leitoras ser-nos-iam muito gentis se nos pousassem esse embaraço, reformando as assignaturas antes de vencidas. A leitura da "Revista Feminina" é uma coisa que se impõe a todo espirito curioso de aprender, porque ella, pela elevação do seu programma e pelo interesse que, desde logo, desperta em quem pela primeira vez lhe percorre as paginas, está cheia de conhecimentos exactos e uteis dos problemas da vida contemporanea, da vida domestica, da arte pura, da arte applicada, de tudo quanto enfim necessita aprehender-se o espirito da mulher para se elevar e dignificar.

O nosso futuro numero de Natal é superior a todos que temos offerecido às nossas leitoras, pelo maior numero de paginas, pela maior porção de materia e por um mais esmerado cuidado na sua concepção typographica. Compor-se-á de mais de duzentas paginas em espleuado papel "glacé", de cerca de quinhentas gravuras, muitas das quaes a cores, a trichromia e a chromo. As illustrações coloridas dessa edição serão tão bellas, que poderão ser destacadas do volume para figurar em quadros, como ornato de sala e gabinete. Terá copiosas secções de litteratura, historia, viagens, sermões femininos, movimento feminista, critica de arte, arte applicada, modas, bordados, costura branca, chronicas elegantes, hygiene domestica, cultura da belleza, moral, humorismo, cozinha, teatrimo, romances, contos, novelas, etc. etc. E esse numero constituirá uma verdadeira enciclopedia, onde se resumirão os mais vastos e complexos conhecimentos. Será um livro de cabeceira, para leitura constante, para consultas de toda hora. E esse numero, luxuosissimo, que nos vae custar alguma coisa, e que se de todo não será offerecido como premio às nossas assignantes, valendo, elle só, pelo preço da assignatura.

A MODA

Na nossa penultima chronica occupamo-nos das modas economicas, vaticinando que, num futuro que se nos antolha muito proximo, quando o homem for forçado a só usar o zuarte por causa dos preços arruinadores das fazendas finas, a mulher, para o acompanhar, será então obrigada a só usar tecidos de algodão, com os quaes, de resto, poderá confeccionar as mais lindas e graciosas toilettes. Dia a dia nos vamos convencendo de quanto são justos os nossos vaticínios.

Agora, por exemplo, um deputado americano pelo Estado de Texas, o sr. Summers, acaba de fundar uma associação cujos fins é a propaganda, entre os seus associados, do maximo de economia nos vestuários. Denomina-se ella "Associação dos Cavalheiros e Damas

Assim, usar-se-ão os fatos e artigos congeneres, emquanto puderem soffrer concertos, alliando, como é de ver, a commodidade á economia.

Um jornalista hespanhol applaude a iniciativa e acrescenta que nada ha mais commodo do que uma roupa usada, pois o corpo sente-se dentro della mais á vontade, mais livre e desembaraçado, ao passo que a nova sempre tem alguma coisa que embaraça os nossos movimentos.

Em Londres, por exemplo, os proprios



Das elegantissimas toilettes para mocinhas, muito simples de linha e muito interessantes como effeito de conjunto.

cessos do luxo e das roupas e promover, ao mesmo tempo, a promulgação de leis contra a ostentação sumptuaria cujo excesso chega a tornar ridiculo o homem e escandalosa a mulher.

do remendo". O seu proposito é propagar a modestia e promover em todo o paiz, por todas as fórmas ao alcance dos seus associados, uma energica reacção contra os excessos do luxo e das roupas e promover, ao mesmo tempo, a promulgação de leis contra a ostentação sumptuaria cujo excesso chega a tornar ridiculo o homem e escandalosa a mulher.



1.º Elegantissimo vestido para moça, fechado nas costas. O desenho da fazenda, em quadrados, dá muito realce a este modelo; em feito de tunica, aos lados, caem, presos á saia, dois pannos cortados enviezados. 2.º Lindo e caprichoso modelo para senhora, em musselina, enfeitado de renda na gola. A barra da tunica é adornada de galões á phantasia, sendo de muito efeito os tecidos metallicos.

"gentlemen", que foram sempre tão cuidadosos com a sua elegancia exterior, já estão usando grandemente a belbutina, que é um tecido de algodão que se assemelha muito ao velludo.

Em Paris, as senhoras da aristocracia, muitas das quaes são apontadas como as genuinas representantes da elegancia parisiense, combinarão abandonar as carissimas meias de seda e substituil-as por outras de te-

cido mais barato. Estas noticias lemol-as num jornal de Madrid, e o seu autor, ao commental-as, pergunta se não haverá em Hespanha, como já ha em Londres,



1.^o — Encantador vestido para senhora. Este vestido, a despeito do seu grande effeito, é de facilissima execução, podendo ser confeccionado em fazenda de um só tom, consistindo o seu unico adorno nos desenhos da túnica, em tom mais escuro que o da fazenda. A blusa, sem gola, cru-

2.º — Toilette em crepe Georgette, de desenho muito sugestivo. A sua confecção é igualmente muito fácil.

Nova York, Paris e Italia, "unos cuantos e unas cuantas valientes para poner el cascabel al gato".

Em S. Paulo é provável que haja mais tarde valentes de ambos os sexos que se arrisquem a pôr o guiso ao peçoço do gato, o que quer dizer, a affrontar a crítica publica.

Em todos os países da Europa se faz actualmente a propaganda contra o luxo. Na America do Norte essa propaganda ainda é mais intensa. Ora, o americano é rico, nós somos pobres. Porque, pois, o americano, que é rico, tem o direito de economisar, e nós, que somos pobres, temos pudor de parecer economicos? Esse estado de coisas não pode durar muito. Em futuro proximo os nossos vaticinios, publicados em nossa penultima chronica, estarão realísados.

Mas enquanto as nossas boas profecias não se

realizam, o que nos cumpre é informar as amáveis leitoras a respeito das modas, segundo as notícias mais recentes. Para falar verdade, não há actualmente uma moda, isto é, não há um certo e determinado numero de modelos, mais ou menos uniformes, que caracterissem a hora presente. O que é o ecletismo, são as mais variadas afirmações do gosto pessoal. Cada qual se veste como entende e como quer. Essa variedade de gostos torna as mulheres, vistas em conjunto, muito mais interessantes. A adopção de um certo modelo muito generalizado tem o effeito de diminuir a graça feminina, confundindo-a na multidão. Actualmente, porém, como são admitidas todas as modalidades, e são permitidas todas as fantasias, resulta que cada mulher se veste segundo o seu typo, a sua eade e côr. O que predomina é a simplicidade. As toilettes sumptuosas, por mais artisticamente concebidas que se apresentem, podem ganhar muito destaque, mas esse destaque, porque se torna excessivo, fal-as degenerar no máo gosto.

A única tendência que convem ser assignalada é um certo alargamento das saias. Não muito, já se vê, para não offerecer contraste com as saias estreitas, que ainda se usam, mas levemente mais largas. As ultimas creações foram assim concebidas, e entre ellas encontramos algumas que são francamente dignas de adopção por parte das nossas patricias elegantes. Nos modelos mais recentes o alargamento das saias é flagrante, e isso é obtido muito habilmente por meio de plissés em pregas fundas, em folhos, em franzidos e em outros recursos, o que dá á silhueta uma graça inteiramente nova.

Essa modificação é uma coisa que se impunha. De facto, a saia estreita exige que seja curta para desembaraçar o passo, o que obrigava as nossas elegantes a encurtar-a de uma fôrma que provocou o clamor geral. Para a encontrar tornou-se necessário alargá-a. E é o que se está fazendo, e com uma notável vantagem: não apenas para a dignidade da mulher — o que era questão de moda é coisa de pouca monta —, como ficou provado — mas para a sua própria graça.

Esse alargamento é preciso ser obtido de modo a não sacrificar a elegância. Nem tanto ao mar nem tanto à terra, nem oiteiro nem oitenta. Porque, se a saia excessivamente ajustada se tornou desgraciada, não menos desgraciada é aquela que se alarga além dos limites, tufando a figura da mulher e escondendo-lhe, sob os excessos de fazenda, a beleza da fôrma. A fôrma, o contorno, as linhas, se não convêm ser muito patenteadas, não podem, entretanto, ficar muito veladas. E' mister que algo dos encantos ocultos da mulher sejam entrevistos. Vista-mos, pois, com simplicidade, com sobriedade, sem demasias. No meio termo também se obtêm lindos effeitos de originalidade.

Nós estamos em pleno inverno. Entretanto, os modelos que oferecemos a apreciação das leitoras são todos, como se vêm, primaveris. Escolhemol-os de proposito, porque o inverno actual vae tão manso, com brisas tão macias, que mais parece uma primavera. Nesta estação fresca seriam d-os tailleurs, mas as fazendas com-lha esse genero de toilette são



Gracioso casaco para menina, em velludo ou tecido de lã. Gola aberta ou fechada, conforme a intensidade do frio. Cinto fantasia de muito efeito.

rivel vestimo-nos com tecidos mais acessíveis às nossas bolsas.

Os vestidos leves, sejam embora executados em tecidos de algodão, apresentam como guarnição principal, os franzidos, os folhos, os plissés, terminados com picot ou com uma bainha cosida "à jour".

O foulard está em pleno apogeu. Os tailleurs querem-se simples, de linhas graves. De resto, é esse o seu característico. As phantasias não são, contudo, incompatíveis. O modelo mais interessante é o roupão comprido, ligeiramente cintado. Nenhum enfeite. Todo o seu encanto reside no corte, que deve ser rigoroso, e na escolha do tecido, como a duvetine, a veloursine, o bura, que são empregados quasi sempre com successo. Não é preciso que todo o tailleur seja talhado numa só fazenda. Elle pôde ser composto de duas fazendas, tendo, por exemplo, uma jaqueta curta em tecido liso, e uma saia em lainage em quadrados ou escosseza. Usa-se também a saia tailleur com blusas leves, que têm, sobretudo, a propriedade de lhe emprestar uma graça mais feminina. O feito das blusas é o que ha de mais variavel, sendo muito adoptado o voile de seda, que pela sua flexibilidade, se presta ás mais encantadoras phantasias.

Examinando os ultimos modelos parizienses, vimos as mais ricas colleções de vestidos inteiros, que não lembram nem de longe, o vestido-camisã, cujas negligencias eram por vezes chocantes, mas armados sobre um forro, que lhes dá um aspecto mais correcto.

Ha neste momento, ao lado das mais oppostas variedades de toilette, poucas variedades de cor, que se resumem ao azul marinho, que nunca sae da moda, ao chocolate, ao "marron", ao "beige", ao "rouille" e ao "tête de negre" e a mais dois ou tres tons. Ora, seria preferivel que se desse o contrario, isto é, que fossem menores as variedades de "toilette" e maior a variedade das cores, porque, se as cores que se estão usando vão todas bem ás senhoras de tez clara, pouquissimas são as que vão bem ás de tez mais escura. Uma senhora morena, que se vestir, por exem lo, de marron, tornar-se-á mais morena, o que é francamente desvantajoso.

O mesmo diremos do marron ou do chocolate. As variedades leves do azul vão bem a qualquer tez.

Certas meias tonalidades, como as que se approximam do azul, e o salmão desmaiado, o beige pallido, o rosa secco, o branco, têm a propriedade de tornar menos morena a cutis, emprestando-lhe, ao mesmo tempo, um aspecto de vivacidade. Se essas cores não estiverem em moda, as senhoras morenas podem dispensar-as na composição dos seus vestidos, mas não podem dispensar-as como enfeite ou guarnição na parte do vestido que se avizinha do rosto.

O chocolate, o verde, o amarelo empalidecem e escurecem a cutis, e só as mulheres claras, de tez rosada e sadia, é que lhes podem resistir. Essa questão de tonalidades é de uma importancia capital. Felizmente, na moda actual, as cores se usam com tal ou qual liberdade.

Js decotes querem-se muito discretos, as mangas menos curtas, as saias mais longas e menos justas, as fazendas menos leves ou armadas sobre forro, e tudo isso constitue uma notavel reacção contra as demasias e exaggeros das ultimas creações.

Quanto aos tecidos, já dissemos que o algodão se está generalizando muito, em suas lindas e diversas variedades. Essa preferencia pelo algodão não exclue, como se vê, os tecidos de lã, entre os quaes é mais adoptada a gabardine.

Os tecidos lisos ainda têm, neste momento, as palmas da victoria; mas, para lhes disputar a primazia, apresentam-se tambem os tecidos de fantasia, com desenhos caprichosos, arabescados, originaes, bizarros, onde se combinam artisticamente coloridos de effeitos inesperados. Entre esses, destacam-se o "shantung", que, por ser muito flexivel, se torna proprio para imitar as fazendas chinezas, o "honau", igualmente maleavel, cheio de desenhos orientaes, o foulard, o tafetás, a sarja Milboule, o "Glaona", listrado de castanho ou preto sobre fundo escuro, a "berberine", a "kashafior", e mil outras encantadoras variedades.

As blusas reapareceram. Ellas são sempre indispensaveis, não só porque offerecem muitos elementos para a creação de modelos novos, como porque — e nisto reside a sua vantagem principal — são sempre economicas. As senhoras que

têm, por exemplo, quatro vestidos e quatro blusas, podem dizer que, de facto, têm oito ou mais toilettes completas, porque, variando as blusas para uma só saia, conseguem sempre apresentar-se sob um novo aspecto. A blusa, pois, offerece os mais vantajosos elementos de economia.

No capitulo dos chapéus estamos tão incertas como no capitulo dos modelos de toilette. A sua variedade é incontavel. Ha-os grandes, de abas, ha-os pequenos, sem aba, ha-os altos como os ha menos altos, e os seus modelos são multiformes. Não se cuide, porém, que sendo assim tão variados os seus modelos, possam as senhoras adoptar os modelos do principio do anno passado. Não. A variedade, que

é immensa, preside um certo "que", que os modernistas, que os actualisa, se assim nos poderemos exprimir, que lhes dá a verdadeira nota. Onde esta nota reside é que não sabemos, nem nós nem os seus creadores. E' alguma coisa que escapa á nossa expressão, que se torna inexplicavel, e que, entretanto, sentimos. "Sentimos" é o termo, porque a sua feição particular, caracteristica deste momento, nem sequer pôde ser vista, senão apenas sentida.

Em geral, elles são simples. Usam-se em palha, em fitas de seda trançadas umas com as outras, em crina, em rafia. O cabedal de que se fazem não é o mais importante; o que mais importa é a forma.

Nesta chronica apresentamos seis lindas variedades de toilettes e duas blusas, para as quaes chamamos a attenção das leitoras. São modelos de recente creação e de facil execução.

MARINETTE.



Dois suggestivos modelos de blusas. O primeiro em crepe Georgette, o segundo em crepe da China, muito proprios para senhoras esbeltas



Telephone, 45 Central

Caixa Postal, 1391

RENDAS FINAS

Entre a magnífica variedade de rendas que agora possuímos, destacam-se os lindos desenhos das rendas douradas e prateadas, próprias para vestidos de soirée, com diversas larguras

Metro, desde **30\$000**

TULLE DE SEDA

De fina qualidade em bellissimas côres para vestidos, com 1,35 de largura

Metro, **12\$500 e 13\$500**

ECHARPES DE SEDA

Luxuosas echarpes de seda próprias para theatro

Preços desde **80\$000**

EXPOSIÇÃO NA SOBRE-LOJA

MAPPIN STORES

A FESTA DE S. JOÃO BAPTISTA EM UMA FAZENDA NO OESTE DE S. PAULO

Lindamente collocada no alto de suave collina, graciosa e convidativa, emergia a casa da fazenda "S. João", cingida de um lado, pela ramalhada viçosa do luxuriante pomar, e suas mil palmas eternamente viridentes, abençoada partilha da nossa terra querida.

Na frente, larga esplanada, onde formoso jardim se estendia, com berços de plantas silvestres e caramanchels em flor, rescendendo aromas.

Expirava a tarde em bruxoleio divinal; começava o crepúsculo da véspera de S. João.

As collinas azuladas, ao longe, se destacavam com grande nitidez sobre o horizonte vivamente dourado, que gradualmente oscillava entre o rosa delicado e o violeta esmaecido, a se esfumarem em subtil deslizar de matizes, até o suavíssimo e opalino azul. E ali nessa deliciosa passagem do ouro-roseo-arroxado, para o azul de pureza ideal, uma unica estrella, a primeira, fulgurava, mysteriosa, no firmamento immensuravel, numa apothecose de bellezas.

Nessa hora fundamente suggestiva, duas encantadoras jovens, recostadas sobre a grade da esplanada, silenciosas, pareciam acompanhar o mesmo sonho captivante, não pelos mundos sideraes, mas naquella recanto seductor do universo.

Depois de alguns momentos de muda contemplação, como segredando ao coração de sua amiga, ali collocando a branca mão, dizia Lillia, a jovem fazendeira, a Dora, sua amiga de collegio que, havia duas semanas hospedava: — "Porque palpita assim este coração?... de receios infundados ou de fundadas esperanças? — Tenho ouvido fallar sobre a influencia exercida por estas festas sobre os corações juvenis... responde-me, se ainda és minha amiga... Que tens a dizer contra Lauro, minha Dora?"

— Elle é descrente... suspirou Dora, reclinando a fronte sobre o coração de sua amiga... elle quasi se diz ateu!...

— Oh! filha! não o creias absolutamente! Elle não faz mais que acompanhar a mocidade da epocha...

— Bem o sei, mas, será esse o ideal de uma jovem educada como o fomos, Lillia?... de que dá provas, essa mocidade?...

— Para Lauro, como para a mór parte dos moços, faltou a educação piedosa, o que não é de admirar, porque ha bem pouco tempo ainda, faltava geralmente na familia, a verdadeira comprehensão da religião, e frequentemente se contentavam com o — culto externo — e descuravam da alma. Mas não o duvides, Dora, a influencia da jovem que elle ama, não pode deixar de exercer sobre sua alma preparada para os mais nobres influxos, a favoravel modificação que todos almejamos, e o padre José, que o conhece bem, approva essa escolha...

O estouro de uma salva atrôou os ares, e uma girandola cortava os espaços derramando lentamente lagrimas multicores.

Começava a festa da noute, e foram envolvidas as duas jovens no turbilhão ruidoso dos ranchos de moças, de rapazes, de creanças enthusiasmas, com que ardor chegavam o lume aos foguetes de mil fórmias, que lhes cahiram em partilha, na generosa distribuição feita pelos festeiros.

Todo o dia se passara na animada exhibição das brilhantes "congadas e calapós", a que davam vivo realce as ruidosas batalhas, com cânticos guerreiros e danças expressivas. E para coroar condignamente todo o conjuncto rumoroso, apresentava-se a noute pura e luminosa, com suas multiphas folias, accentuadas pelos assobios, como de motejo, dos pequenos foguetes ao ar, e pelo estourar dos fogos em girandolas festivas, com a grande encandescencia das fogueiras collossaes

onde se assavam pinhões, alipim, batatas doces, e torravam-se amendoins, com que reforçavam as libações da caninha e da garapa fresca, ou fervida com gengibre.

Era uma verdadeira orgia de luzes, de balões vistosos, de lanternas de cores variegadas, de fogos em lagrimas, em estrellas, em rodas, em caudas phosphorescentes, em chuveiros de faiscas chammejantes, tudo acompanhado por fortes estrondos dos morteiros, tão do gosto da gente da roça; do alegre alarido, da gritaria provocados em meio do mulherio e das creanças pelos rugidores "busca-pés" zig-zagueantes, que conforme a creença popular, "persegue as saias" antes de rebeatar no estouro final... do espostaje das bombas, numa sôda indescriptivel, numa algazarra de risos, de gritos de enthusiasmo, porque a gente simples, sobretudo a pequenada, não cessava de gritar "Viva S. João!" gritos a que mil vozes respondiam, a cada salva, a cada feixe de sons, de luzes, espadaneados pelos ares afóra, e que os echos repercutiam na amplitude dos campos e das florestas.

E a certa distancia ouvia-se o rumor característico do "batacar" incessante dos pretos e mais trabalhadores de S. João e de fazendas vizinhas, marcado por seus instrumentos singulares, pelos descantes um tanto selvagens, mas cheios de originalidade, que dão a taes festas a nota caracteristica por vezes repassada de graça viva e chistosa, que muito agradam á gente das cidades, provocada pelos bardos, ternos ou galhofeiros da roça, sobretudo pretos e mulatos.

A' medida que crescia a animação, ouviam-se gritos estranhos, que faziam recrudescer o enthusiasmo, e de quando em quando, ao crepitar alegre das fogueiras ao desmoronarem troncos abrasados das grandes armações incendiadas, novos gritos resoavam, e novos troncos de lenha, eram para alli atirados, ali onde se preparavam os braseiros, que, pela madrugada, deveriam fornecer a larga estrada incandescente, por onde passariam, como "gato por brasa", os mimosos pés nu's, das jovens romanticas, ao lado dos rapazes, todos sujeitos á mesma prova...

Ja alta a noute, noute mysteriosa de encantos, nos pontos afastados dos barulhentos folguedos. Esmorecia o ardor dos apaixonados das diversas ruidosas, e começavam as danças no salão.

Lillia, que alguma cousa obtivera de um colloquio intimo com Dora, convidara-a para irem apreciar das janellas de uma saleta interna, os "bataques", aos quaes muitos hospedes assistiam de perto, e deixando-a só, a pretexto de lhe fazer servir um "grog", dirigiu-se á galeria central, para onde convergiam as portas das diversas salas, aguardando a passagem do seu primo Lauro proprietario de uma fazenda vizinha, o qual, bem combinado com ella, promptamente attendeu a um aceno seu.

Animado por sua prima, dirigia-se Lauro para a saleta onde ficara Dora só, tão entretida, á vista daquelle spectaculo novo para ella, que não dera pela sua presença, e continuava, immovel, absorta... — a contemplar, pensava elle, ou a ponderar?...

Ao estusiar de brilho intenso de um foguete, cujas lagrimas rolaram lenta e maciamente pelo ar, quando a leve aragem balouçava doce, a nova imagem de S. João levantada pela manhã, no alto do elevado mastro, engrinaldado de rosas e flores de S. João, adornado de fructos... estremeceu de subito a jovem, e sem se voltar, ouvia junto de si uma voz, como em sonho:

— Ao meu coração cheio de duvidas e receios infinitos, communicou Lillia uma esperanza vaga... e almejo saber de seus labios, como devo proceder para...

para me tornar, não "um simples praticante" mas... um erente...

— Oh! responda Dórá!... pela memória da mãe adorada, da qual a ouvi fallar como se falla de uma santa!

Levou Dórá as mãos ao coração, que pulsava com violencia e fechou os olhos um momento:

Ah! eu tambem nutro uma esperanza! e o padre José me fez uma promessa!...

— Uma promessa?!

— Sim!... e precisa corresponder docilmente ao ardente desejo do nosso bom amigo!...

— E esse desejo do nosso velho amigo, é... é tambem o teu desejo, Dórá?!...

— Sim!... almejo ardentemente que chegue á comprehensão da doutrina que eleva, que forma os lares felizes!... porque a — Fé — é o unico bem, que nem a desgraça, nem a morte... que nada nos pode tirar!

Alguns momentos ainda de um colloquio ineffavelmente encantador, e apertava Lauro contra o coração a mimosa mão, que não mais se lhe recusava, sob as fulgurações daquelle firmamento esplendente do Oeste de S. Paulo nessa epocha do anno, em que as campinas, os velhos troncos de arvores, as sebes, se cobrem do manto luxuriante, das graciosas trepadeiras, que ostentam a folhagem viçosa, as brilhantes flores vermelhalaranjado de S. João.

Levando Lília pequena salva, com o perfumado grog, que com carinho preparara, os encontrava embebedos os olhos, nessa doçura indizível que ella mesmo conhecera, havia apenas alguns mezes, e que a não enganava.

— Não desejo interrompel-os!... e é Dórá quem vae servir-o, senhor meu primo docil! — Eu vou sem demora communicar o que aqui se passa, áquelle com quem reparto a responsabilidade!... Até logo! Com passo subtil, desapareceu num relance...

Emquanto servia Dórá, com as mãos tremulas, ao jovem fazendeiro enamorado, chegavam-lhes aos ouvidos, como em sonho, o echo dos "bataques" entusiasmados... a musica suave das danças, as alegres vozes, os risos crystalinos dos que tiravam sortes de S. João... formando talvez novos idyllios, emquanto o ditoso par prelibava na terra as delicias de um paraizo, naquella suavissima madrugada de Junho.

SOMBRA.

S. Paulo, 1 de Junho, 1918.

Ext. do — "Pelo trabalho e pelo amor" romance paulista, (inedito).

UM FINO PRESENTE PARA SENHORAS

Vende-se, nesta redacção, por 25\$000, a collecção da "Revista Feminina", relativa ao anno de 1919.

E' um lindo e grosso volume, encadernado em percaline a cores, constituindo o mais util e precioso presente que se possa dar a uma senhora ou a uma moça.

As leitoras da nossa revista, que têm a sua collecção desfalcada, devem adquirir a nossa collecção encadernada.

JORNADAS NO MEU PAÍS, interessantissimo livro de viagens da grande escriptora brasileira d. Julia Lopes de Almeida, livro que todas as senhoras devem ler para educação e recreio do espirito. Um grosso e elegante volume. — Preço, 4\$500, registrado.

EM PLENO SONHO, lindo volume de versos da poetisa brasileira d. Maria Eugénia Celso. Ultima novidade. Um elegante volume. Preço, 4\$500, registrado.

CASA BONILHA

Durante este mez grande venda a
Preços reduzidos



Abatimento em todos os artigos, inclusive no nosso grande
--- stock de sedas. ---

P. BONILHA & Cia.

Rua Direita, 27

O zoco de Tetuan

Na explanada que se estende em continuação ao bairro moderno, é que se faz o zoco, isto é, a feira da cidade, quadro pittoresco da vida marroquina, a que presta singular encanto o soberbo fundo de montanha. Naquella explanada é que se reúnem os mouros, os judeus e christãos. Estes diversos typos, vestindo, cada um ao seu modo, as mais estranhas e variadas indumentarias, muito ricas de côr, dão á scena uma graça de festa carnavalesca.

que expõem em montes; vendedores de cal; oleiros, com os productos da sua industria primitiva; camponios, com suas taleigas cheias de figos magnificos; velhas, que trazem a sua carga de lenha, colhida em aduares remotos; outras, que vêm ainda de mais longe, com sua inverosimil mercadoria de tres ovos e um feixesinho de cevada. Naquella feira se ostentam todos os productos que constituem a riqueza dos kabilas, bem escassa na verdade...



De resto, aquelle zoco é o barometro da situação, ou melhor, o barometro da attitude de paz ou de guerra assumida pelas raças de que se compõe o povo, ardente e combativo. Assim é que se os mouros vendem muito, signal de tranquillidade no interior; se não vendem, immminencia de proximos ataques.

O europeu curioso que pela primeira vez vae ao mercado, sentirá, se é um tanto ou quanto artista, a sua attenção attrahida, a ca'á momento, por um grupo de maravilhosa composição, que se desfaz aqui para se formar além, que ora se aperta ora se alarga, e a que succedem outros mais rapidamente, até que o forasteiro já não sabe onde pousar a vista para gosar de tão expontaneas e tão bellos agrupamentos de figuras. E observará os vendedores, formidaveis typos de mouros montanhezes, que vêm com sua carga de carvão,

Ao mercado comparece, não raro, o Thib, especie de cirurgião, que chupa o sangue dos doentes, e o fascinador de serpentes, que faz com ellas exercicios interessantes, que prendem por longo espaço de tempo a attenção da multidão ingenua que os aprecia. A serpente ora se enrola em torno ao pescoço do arabe, como pesada e extranha gravata movediça, ora permanece suspensa do seu hombro, de cabeça para baixo, mexendo a bifulca lingua entre as presas aguçadas. Para a manter mansa e obediente, o fascinador toca umas musicas incriveis, sem coherencia nem rythmo, em que se ouvem guinchos desafinados de gaita e rufos mal compassados de tambor.

A's vezes apresenta-se no zoco o narrador de contos, typo a que corresponde, nas civilizações occidentaes, o "camelot". O narrador consegue chamar para si a attenção da multidão, fazendo

gestos e esgares extravagantes, gritando e tocando pandeiro, até que em torno de si se forme um grupo cerrado. Começa então as suas narrações, que o publico escuta embevecido, e que são sempre as mesmas, variantes mais ou menos engenhosas das mil e uma noites. Logrado o efeito a que se propoz, que é despertar no auditorio a emoção artistica, o narrador aproveita a occasião,

que se lhe entolha propicia, de reclamar a esportula pelo seu trabalho. Alguns mais generosos, dentre o auditorio, lhe dão uma moeda.

O forasteiro europeu e americano diverte-se á grande assistindo aos contractos entre mouros e judeos, ambos astutos e palavrosos, o que não



obsta a que o judeo saia sempre victorioso, realizando vantajosamente o negocio. Mulheres velhas e andrajosas, sentadas no pó do chão com as per-

nas encolhidas, distraem as suas horas ociosas catando as verminas do cabello. O povo tem um fatum caracteristico, que parece querer instalar-se no nariz de quem o sente pela primeira vez. Mas tal não acontece. Uma vez que o forasteiro volte para o

seu hotel, tome banho, troque as roupas empoeiradas e fumegantes de suor provocado pela tremenda soalheira, vista outras frescas e leves, toda a impressão passa, e só restam certos aspectos como entrevistas em sonho...

Taes são as feiras marroquinas.

NAUFRAGIO

A minha rósea nau, de flammulas ao vento
Numa palpação de velas enfunadas,
Partiu sob o esplendor de um claro firmamento
Com o marujo gatil das illusões doiradas.

Mas, quando eu via perto as limpidas enseadas
Dos teus braços, cahiu o furacão violento
Dos teus desdens: e em meio as ondas agitadas,
Sossobrou minha nau de tanto luzimento!

Entre escolhos, exposto á furia da procella,
Fiquei a lamentar a grande caravella
Em que já transpuzera amplos mares risonhos.

Mas não te odeio: culpo a phantasia minha!
Como podia ao céu subir uma andorinha?
Porque tão alto ergui a torre dos meus sonhos?

FRANCISCO GASPAR

O THEATRO IMMORAL

Já não se trata agora do theatro genero livre, das peças escriptas especialmente para certo publico sem pudor nem moralidade. Agora já é coisa peor. Trata-se do theatro em que os artistas se exhibem completamente despidos, e essa novidade nos vem de Paris!

Acaba de ser montada em Paris, no theatro dos

Campos Elyseos, com uma magnificencia extraordinaria de figurantes e de scenarios a opera "Quo Vadis".

Conta o correspondente do New York Herald em Paris que o espectáculo foi considerado a maior exhibição de nus até então admittida nas mais escandalosas revistas e nos mais livres "music halls".

A Sra. Simone Dherby, que é conhecida nas platéas pela facilidade com que se despe em scena, poudé tranquillamente ter mais um definitivo e completo successo com a sua plastica. Appareceu integralmente nua!...

Entre leões verdadeiros nos palcos negros, gladiadores tirados dos maiores athletas francezes, entre toda a colossal e faustosa encenação da opera, o que causou mais sensação foi o apparecimento, nos braços do athleta Paoli, da cantora Marie Lafargue, distincta artista da Opera de Paris, que, contaminada pelo realismo do espectáculo tambem se apresentou bem despida, muito despida, o mais despida que pôde achar-se uma soprano. Houve escandalo e houve successo para a peça.

Seja como fôr, cada theatro em Paris procura explorar o mais possivel o nu. Por emquanto, porém, a representação do "Quo Vadis" está na frente do genero com o escandalo de ter despido uma soprano illustre.

Ha uma explicação para tudo isso. Com effeito. O palco tem que ser sempre mais interessante do que a platéia. Para uma platéia despida como a de hoje, só mesmo um palco inteiramente nu!...

Uma Toalha encantadora

Atendem as leitoras de bom gosto, que têm em alta conta a elegância do seu lar, para a gravura que representa essa toalha encantadora. A própria gravura já dá uma idéia da beleza dessa toalha. Não é difícil a sua execução. Para facilitar a observação das notas que fornecemos, adotaremos as abreviações.

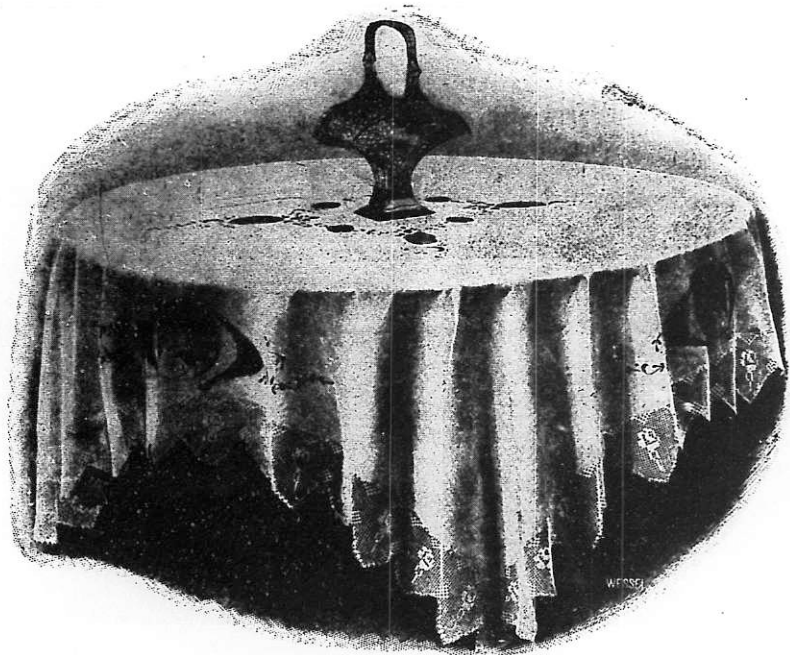
Abreviações: malha, m.; malha cadeia, m. c.; ponto simples, p. s.; barrette simples, b. s.; quadrado à jour, qua.; quadrados fechado, mat.; picot, p.

O modelo original desta toalha mede 1 m. 85 c. de lado.

Emprega-se o bordado Richelieu, que, por certo, não é desconhecido das nossas leitoras que se têm interessado pelas lições de bordado que, desde muito, vimos ensinando pela secção "Trabalhos femininos".

mats., 1 qua., 3 mats., 3 qua., 1 mat., 5 qua., 5 m. c., e voltar.

Terceira fila: 3 qua., 1 mat., 5 qua., 1 mat., 3 qua., 1 mat., 1 qua., 2 mats., 14 qua., 1 mat., 1 qua., 8 m. c., e voltar. Agora devemos seguir o schema fazendo 1 qua., para cada quadrado branco e 1 mat. para cada quadrado preto até que a fila 28 esteja terminada. Voltar à primeira fila e repetir para 1 m. 85, fazer o angulo seguindo o schema até a extremidade. Voltar e formar o angulo de A a A começando na primeira fila, repetindo até a fila 28, attingindo, então, o proximo angulo. Repetir o que ficou dito acima, para formar um quadrado de 1 m. 85 de volta. Acabar o bordo com p. s. unidos uns aos outros por um p. no angulo de cada quadrado.



Emprega-se a linha de crochet n. 50 e uma agulha de crochet n. 8.

Cercadura: Esta cercadura mede cerca de 14 cm. de altura. Começa-se pela letra A, marcada no bordo inferior do schema n. 1. Fazendo-se 102 m. c.; passar 8 m. a partir da agulha e fazer 1 b. s. na m. seguinte. Isto formará o primeiro qua., 1 p. s., (4 b. s. unidos formando 1 mat. Se 2 ou mais mats. se seguem, fazer 3 b. s. para cada mat. e uma b. s. extra no fim). Fazer 2 m. c.; passar 2 m., 1 b. s., na m. seguinte, 10 qua., 2 mats., 15 qua., 1 mat., 1 qua., 8 m. c. Esta cadeia juntará 1 qua. ao começo da fila seguinte.

Segunda fila: Passar 8 m. c., 1 b. s. na ultima b. s. da fila precedente para juntar 1 qua.; 1 mat., 14 qua., 3

Meio círculo: Começar na primeira fila do schema 2, fazer 15 m. c., voltar, passar 8 m. a partir da agulha, 1 b. s. na m. seguinte para formar 1 qua., 2 qua., 11 m., e voltar.

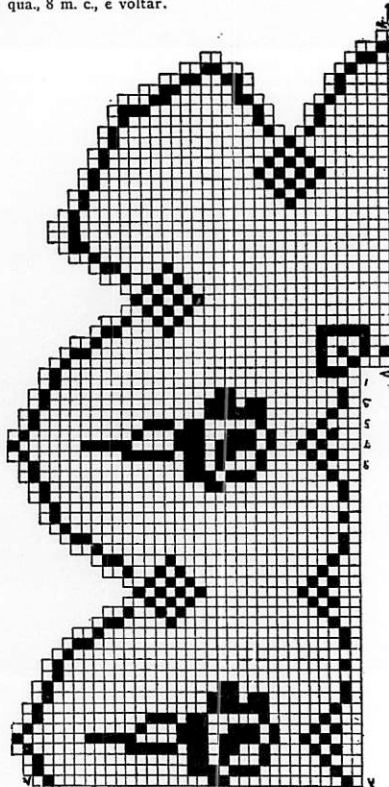
Segunda fila: Ajustar 2 qua. ao começo da fila, 1 qua., 1 mat., 1 qua., juntar 2 qua. à extremidade da fila, depois fazer 11 m. c., e voltar. Deve-se seguir o schema até ao fim da fila 14., e continuar seguindo primeiramente um lado e depois outro. Fazer 8 motivos.

Grande motivo: Começar na primeira fila do schema 3, fazer 12 m. c., passar 8 m. proximas da agulha, 1 b. s. na m. seguinte para formar o primeiro quadrado, 1 qua. ainda, 11 m. c., e voltar.

Segunda fila: Ajustar 2 qua. ao começo da fila, 2

qua., ajuntar 2 qua. à extremidade da fila. Continuar a seguir o schema até que o desenho fique terminado. Teremos necessidade de 4 motivos.

Pequeno motivo: Começar na primeira fila do schema 4, fazer 24 m. c., passar 8 m. próximas da agulha, 1 b. s. na m. seguinte para formar o primeiro quadrado, 5 qua., 8 m. c., e voltar.



Schema 1

Segunda fila: Ajuntar 1 qua. ao começo da fila, 6 qua., ajuntar 1 qua. a 8 m. c., e voltar. Continuar a seguir o schema até que a ultima fila fique terminada. Fazer 4 desses motivos.

Decalcar uma das figuras no meio de cada lado, a 9 centímetros acima do bordo. Collocar um dos meio-círculos de cada lado do motivo da Richelieu, decalcar uma longa grinalda de cada lado dos meio-círculos.

Um motivo de Cluny de 15 cent. pôde substituir perfeitamente o Richelieu.

Passar 1 fio de um angulo a outro, cruzando-se no meio da toalha. Medir 27 cent. sobre cada uma das linhas e fazer uma marca, collocar um motivo de Richelieu, chegando o angulo à marca que se fez. Collocar um pequeno medalhão entre cada extremidade das grinaldas e collocar um grande medalhão sobre a linha de alinhavo, uma das extremidades pousando no fim da grinalda, traçar uma outra grinalda em baixo dos medalhões.

As explicações que acabam de fazer são necessarias.

Entretanto, se a leitora, que se propõe executar essa toalha, é dotada de habilidade, certos detalhes explicativos se tornam ociosos, porque a habilidade, guiada pelo bom gosto, consegue tudo.



Schema 2

Essas toalhas, por mais bellas que sejam, por mais finamente executadas que se apresentem, só são uteis quando é mister cobrir uma mesa, que, como movel, deixa alguma coisa a desejar. Quando, porém, se trata de um movel de luxo, obra de talha ou sembladura, obra artistica executada em finissima madeira, qualquer ornato que a cubra se torna de mão gosto, por mais artisticamente confeccionado que seja. Isso é obvio, e nem é preciso invocar razões para convencer as leitoras intelligentes.

De facto, uma mesa redonda de fina e custosa marcenaria deve apresentar-se sempre nua, sem nenhuns ornatos, para que seja examinada logo à primeira vista pelas vizitas. A belleza de um movel de arte é coisa que fere a vista de prompto. Nessas condições, é uma impiedade esconder a sob uma toalha. E' o mesmo que esconder um "pendentif" de perolas sob uma pelerine ou um collar de brilhantes sob uma gola alta. O pendentif e o collar exigem que o collo e o pescoço estejam nus.

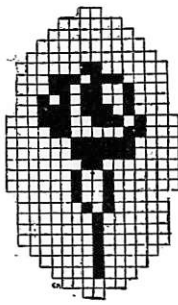
Se, porém, o movel não é um lavor de arte destinado a ferir a observação de quem o observa, então é que lhe é applicavel uma toalha, e o modelo que apresentamos hoje á apreciação das leitoras, é o que de melhor e mais bello encontramos.

O movel de luxo, se alguma coisa deve cobri-lo, é uma simples toalhinha de renda, que é menos uma coberta do que uma protecção contra o pó, que pôde sacrificar o brilho do seu verniz.

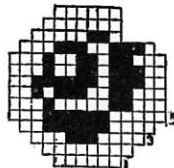
Constantemente estamos a repetir e não nos cansamos disso, que se deve evitar sempre o crochet, o nhanduti, todos esses trabalhos mesquinhos para cobrir os moveis. Ou bem se pôde obter um lindo panno bordado, como esse de que apresentamos o modelo, ou não se pôde. Neste caso é melhor deixar o movel sem coberta, ou quando muito, cobri-lo com uma simples flanela verde, desse verde escuro, tão agradável á vista.

Evite-se, tanto quanto possivel, uma coberta mesquinha.

O modelo que offerecemos hoje á apreciação das leitoras, é, no genro, uma peça admiravel, interessante pela sua graça e rica de suggestões.



Schema 3



Schema 4

POR UM FIO DE CABELLO

(POR JUDITH GAUTHIER)

ADAPTAÇÃO PARA A

REVISTA FEMININA



SCENA

(O interior de um pavilhão dando para o campo)

Personagens: Pompilio (moço) — Rosalia (moça)

SCENA I

Pompilio (sentado sobre um coxim, junto a uma pequena mesa, lê).

POMPILIO (lendo)

“Uma corda feita de cabelos de uma mulher pôde amarrar solidamente o colossal elefante”. (Falla) Isto deve ser exaggero... uma corda feita de cabelos! Ah! compreendo: isto é uma parábola, e quer dizer, nem mais nem menos: a mulher é um ser onipotente; o homem, o mais forte, não lhe pôde resistir, e neste mundo mau ella é a mais temível. Sem dúvida, exaggeram. Além de que, é fácil evitar-se a mulher. Longe das tentações não se pôde ser tentado. Não se tenha vinho em casa e não se correrá risco de ficar embriagado; não se tenha baralhos nem dados e não se perderá ao jogo. (Levanta-se) Siquer de leve não me passam pela mente as Musmés, no meu retiro solitário, onde estudo os philosophos e os preceitos de Budha antes de envergarmos, para todo o sempre a vestia dos bonzos (vae a porta do fundo). Ella, a minha deliciosa casinha, edificada longe dos homens, á sombra d'este bosque de bambú, é ignorada de todos. Diante d'ella, o campo dourado se estende debaixo do sol. Pelas montanhas verde-negrejantes, por ahí fóra, tem o pensamento, o espaço para se alcandorar ao céu. Um atalho conduz até aqui; mas o occulta bastos arbustos e ninguém por elle passa sinão o camponio que, cada dia, me traz as frugaeas provisões.

Como vivo tranquillo! Posso meditar como me aprouver. Sim; á minha vontade. (Boccejando) Outrora fui um cavaleiro; tinha o direito de trazer armas. Minha familia, de alta linhagem, cheia de orgulho por mim, compellia-me á carreira militar. Deixei, porém, o mundo antes mesmo de o ter conhecido; fugi aos seus prazeres frivolos e á sua

fria crueldade (olhando dois sabres suspensos á parede). E dizer que eu poderia ter derramado o sangue de meu semelhante. Guardo-os para ter sempre na mente o perigo que corri... (Senta-se e toma um volume) Este primeiro capitulo do livro de Lao-Tsem é verdadeiramente impenetravel. Não lhe posso penetrar o sentido. (Lê) “O caminho pelo qual se pôde enveredar não é o verdadeiro caminho”. Tal caminho é a rectidão, a virtude, ou antes, o principio eterno... O principio de que? (Distrahido) Uma corda feita dos cabelos de uma mulher!... ah! não nasceu ainda a mulher que me atraia com os seus cabelos. (Tomando de novo, o livro) “O nome que se dá a conhecer não é o verdadeiro nome”. Este philosopho chinês é, não ha duvidar, um grande homem. (Adormece).

SCENA II

(Rosalia entra, correndo, pela porta do fundo, indo esconder-se a um canto da sala, e deixa cahir, logo que entra, um embrulho que traz consigo).

ROSALIA. — Soccorro! Soccorro! Accudam-me!

POMPILIO. — (Accordando sobresaltado) Que é?! Que succede?! (Esfregando os olhos) Céos! uma mulher em minha casa!

ROSALIA. — Por Deus, senhor! Esconda-me, porque me perseguem!

POMPILIO. — Escondel-a! Aqui! E' impossivel!

ROSALIA. — Será por pouco. Por quem é, deixe-me ficar. Despedir-me, é condenar-me á morte.

POMPILIO. — A' morte? Causar a morte de alguém!? Isto é contrario aos preceitos de Budha...

ROSALIA. — Ah! muito obrigada, a Budha e ao senhor.

POMPILIO. — Mas, afinal, quem é a senhora? Com certeza alguma malvada... E porque a perseguem?

ROSALIA. — Sou uma infeliz; mas não fiz mal a ninguém. Vou contar-lhe tudo. Chamo-me Rosalia. Meus paes querem á força, fazer-me casar contra minha vontade. Estava tudo prompto para os esponsaes. Resolvi fugir... Correram atraz de mim; mas criei azas. Si me encontrarem, lançam-me ao rio.

POMPILIO. — Ao rio! horror!

ROSALIA. — Sim! Mil vezes, prefiro a morte a ter de ligar-me a um homem que não amo.



REVISTA FEMININA

POMPILIO. — E vosmecê, tampouco, ama seus paes, pois não se submete à vontade d'elles.

ROSALIA. — Não diga tal. Amo-os com todas as minhas forças. O senhor não pôde comprehender; sabio, como é, decerto nunca desobedeceu...

POMPILIO. — Como? Pois é essa, exactamente, a unica falta que me pesa na consciencia: contra os desejos de minha familia, abraço a vida monastica.

ROSALIA. — Ah! então me desculpa?...

POMPILIO. — De modo algum... Com uma mulher o caso muda de figura... Já fallámos muito... Pôde ficar ahi... mas, pouca demora.

ROSALIA. — Muito agradecida. E queira perdoar-me por haver interrompido o seu somno...

POMPILIO. — Meu somno! Engana-se: meditava ácerca do sentido occulto de um verso philosophico.

ROSALIA. — Ah! pensei... como é a hora da sesta...

POMPILIO. — Estava absorvido pelos meus pensamentos...

ROSALIA. — Percebo.

POMPILIO. — Volto ao meu livro. Tenha a bondade de não me interromper.

ROSALIA. — Fique tranquillo.

POMPILIO. — (Lendo) "Aquillo que não tem um nome é a essencia do que tem. Aquillo que tem um nome pôde ser considerado como a mãe do universal!" (Falla) Como a mãe do universal? (Rosalia põe-se a chorar) Ora, essa! porque chora?...

ROSALIA. — O senhor fallou de sua mãe, — sua mãe que deve ter tantas maguas... Veiu-me à lembrança minha mãe a quem tanto fiz soffrer!...

POMPILIO. — Minha mãe!...

ROSALIA. — Poderá esquecer-se?

POMPILIO. — Como deve

ella maldizer de seu filho

ingrato... Quantos cabel-

los brancos já não lhe ap-

pareceram, antes do tem-

po. só de tristezas!...

ROSALIA. — Acaso, pen-

sando nella, não chora al-

guma vez?

POMPILIO. — Pobre mãe!...

ROSALIA. — Ora,

ora! Vejo que

seus olhos se en-

chem d'agua!...

POMPILIO. —

(Voltando a si).

Deve-se ser hos-

pitalheiro quer na

choupana, quer no palacio;

aquele,

porém, que recebe a hospitalidade não

deve abusar. Cada qual em seu logar.

(Abre um biombo e occulta-se).

ROSALIA. — (á parte). Esconde-se

POMPILIO. — Si a senhora tiver fome, ahi está o arroz na

marmitta; si tiver sede, na maringue encontra agua; é tudo

quanto um asceta, que despreza as grandezas do mundo

pôde offerecer.

ROSALIA. — Esteja descansado. Tenho tudo quanto neces-

sito. (Abre o embrulho, do qual tira uma infinidade de

coisas, entre as quaes um pandeiro e um espelho).

POMPILIO. — (Lendo) "Com a faculdade de não sentir

está-se perto de conceber"... (Enquanto a agua ferve para

o chá, Rosalia põe-se a dançar, cantarolando) Que historia é

essa? Está doente? Parece estar com ataque! (Rasga

o biombo com a unha).

ROSALIA. — Olá! Elle fez um buracinho no papel. (Con-

tinua a dançar fazendo soar o pandeiro).

POMPILIO. — Sim senhor! Ahi está o que são as mulhe-

res! Ainda agorinha esta chorava, agora dança!

ROSALIA. — (á parte). Espia-me.

POMPILIO. — Como saracoteia! (Rindo) Que graciosa que

ella é! E' bonita... a dança. (Ensaia uns passos de dança

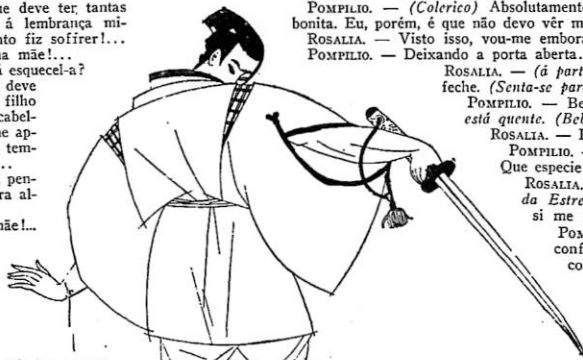
bateando palmas).

ROSALIA. — Olá!...

POMPILIO. — Ora, dansei!... Eu, a dançar! Tem graça!

(Senta-se raivoso e toma do livro).

ROSALIA. — A agua ferveu. (Prepara o chá).



são da casa Yovitomo.

ROSALIA. — Exactamente! Como sabe?

POMPILIO. — Em outros tempos fui seu frequentador assíduo. Antes de ser asceta era um tanto glutão! Ah! que delicia! Depois de uma longa abstinencia, estes doces me parecem bem mais saborosos que d'antes.

ROSALIA. — A abstinencia tem essa vantagem.

POMPILIO. — Qual?

ROSALIA. — A de fazer as boas coisas parecerem deliciosas... Eu tambem quero tornar-me asceta; o seu dever é fazer proselytos... Quer ter a bondade de explicar-me as sublimas doutrinas que lê nesse livro?

POMPILIO. — Explicar-lhe! (De si para si) Para as explicar, precisaria comprehendel-as.

ROSALIA. — Que diz?

POMPILIO. — Digo que as mulheres são incapazes de attingir a tão altos pensamentos.

ROSALIA. — Melhor para ellas! As mulheres gozam outras vantagens: os passaros cantam por lhes dar prazer; a ellas as flores dedicam o seu perfume.

POMPILIO. — (á parte) Zangou-se.

ROSALIA. — Os poetas valem tanto quanto os philosophos e, mais profundamente do que vós, nós comprehendemos a poesia.

POMPILIO. — Fui apaixonado pela poesia.

ROSALIA. — (Encostada á porta do fundo). Conhece estes versos?

"Roussignol, tu m'as
De ce saule printanier
Les écheveaux frères
Pour coudre sur le prunier
Le chapeau des fleurs nouvelles".

POMPILIO. — (*Acariciando a cabeça*) "Le chapeau des fleurs nouvelles"!... Como é lindo! Estes versos são de F..... Conheço-os bem.

ROSALIA. — (*Olhando para fóra*) Creio que perderam a pista... Posso ir-me embora.

POMPILIO. — (*À parte*) Vai partir!...

ROSALIA. — (*Voltando-se vivamente para dentro*) Oh, que imprudência, termine mostrando assim! Elle espreitava, e viu-me. Estou perdida!...

POMPILIO. — (*Levantando-se*) Uma vez que a senhora está debaixo do meu tecto, devo-lhe protecção e saberei defendê-la.

ROSALIA. — Aquella que me persegue é valente e mui dextro nas armas... Ao passo que o senhor... Um monge não sabe combater.

POMPILIO. — Suppõe-me um covarde? (*desprende um sabre*).

ROSALIA. — (*À parte*) As mil maravilhas!

POMPILIO. — (*Sobre em punho*) Veremos si um cavalheiro não vale outro cavalheiro. (*Sae*).

SCENA III

ROSALIA. — (*Só*) Muito bem! Nenhum perigo corre elle; não há lá fora pessoa alguma. Tudo isto não passa de uma farça. Nem de leve suspeita elle que, de accordo com sua familia, tomei o compromisso de seduzir-o, leve-o d'aqui e fazel-o meu esposo... o verdadeiro noivo é elle... exactamente quem é o perseguido. Eil-o que procura... não achará ninguém. Mas... que oigo? Retirar de armas... vozes coléricas... Dar-se-á que se tenha lançado sobre um transeunte inoffensivo qualquer? Que fiz? O coitado não sabe bater-se! Vae succeder-lhe alguma desgraça, e por minha causa! (*Espreita*) Atraz daquelles arvoredos se batem. Percebo bem o entrecostar das laminas das armas. E' preciso por termo á lucta, separar os combatentes... Ah! eil-o que volta.

SCENA IV

(*A mesma, Pompilio, armas em punho, com a mão esquerda manchada de sangue*).

ROSALIA. — Sangue?!

POMPILIO. — E' meu! Mas tambem o outro está ferido.

ROSALIA. — (*À parte*) Bravo!

POMPILIO. — Um sabre vale por outro. O meu adversario experimentou o valor do meu braço, si bem que o seu ferimento não seja mortal, e tanto que, precipitadamente, fugiu gritando: — Sufa! Tenho mais que fazer do que bater-me com um louco.

ROSALIA. — (*À parte*). Esse desconhecido tomou-o, naturalmente, por um doido.

POMPILIO. — Uma vez que deu ás de Villa Digo, confessou-se vencido.

ROSALIA. — Deixe-me pensar-lhe a ferida.

POMPILIO. — (*sorridente*) Já

que foi a causa do mal, repare-o (*senta-se*) (Rosalia traz agua e gaze, e ajoelha-se diante delle e faz-lhe o curativo).

ROSALIA. — Que infelicidade!

POMPILIO. — Como! infelicidade?! Pois, não a libertei do malvado que a perseguia?

ROSALIA. — Sim, é certo; mas a que preço!

POMPILIO. — Um gottas de sangue! Não foi muito caro!

ROSALIA. — Oh! quanto é bondoso!

POMPILIO. — Bondoso, eu? Apre! que senti um accesso de colera tremenda contra aquelle individuo que não me fez mal algum. Porque o repelle? Olhe lá, que é um rapagão de truz!

ROSALIA. — Porque?... Porque amo a outro. (*Baixa a cabeça como envergonhada*).

POMPILIO. — Ama a outro? (*silêncio*). Crê então, ser possível mesmo a um philosopho experimentar, sem perigo, a sensação deliciosa de tel-a assim tão proxima?

ROSALIA. — Um verdadeiro philosopho será insensível...

POMPILIO. — Ah! sou ainda um miseravel novio para que possa ser invulneravel... Ah! deixe-me! deixe-me! (*Elle faz menção de retirar-se; mas, em seguida, solta um pequeno grito*).

ROSALIA. — Jesus! Não se mova; supplico-lhe; tenho um fio de cabelo enroscado num colchete de seu casaco. Ai! ai! Vamos vêr si o retiramos, de vagar.

POMPILIO. — Espere! Não se mexa. Está difficil!

ROSALIA. — Ui! que dór! Não puxe assim, que o arranca.

POMPILIO. — Até nem sei que fazer, tanto temo magual-a.

ROSALIA. — Si eu tivesse meu espelho...

POMPILIO. — Não ha cá nenhum.

ROSALIA. — Eu tenho o meu; está alli.

POMPILIO. — Mas elle é que não virá até nós.

ROSALIA. — Então, vamos lá, devagarinho...

POMPILIO. — Dê-lhe?

ROSALIA. — Realmente, estou envergonhada em me lastimar por tão pouca coisa, ao passo que o senhor não se queixa de ter sido ferido.

POMPILIO. — Creia que soffro muito mais por vel-a soffrer... Espere! attenção!

ROSALIA. — (*tomando o espelho*) Cá está elle. Chegue-se mais para perto — um pouco mais — assim. Até que emfim!... está-livre.

POMPILIO. — Livre! E, no entanto, que delicia vêr-me de tal forma ligado! Os perfumes que exhalam transformaram-me, por completo, a cabeça.

ROSALIA. — De sorte que basta um perfume para que se evapore toda uma sabedoria?

POMPILIO. — A sabedoria está muito acima das fraquezas daquelle que se suppõe sabio.

ROSALIA. — Sel-o-á de novo...

POMPILIO. — Não creio.

ROSALIA. — Quando a causa de perturbação se houver desvanecido.

POMPILIO. — Que quer dizer?

ROSALIA. — Veja. Approxima-se a noite. Tenho de partir.

POMPILIO. — Porque?... Não se julga em segurança nesta casa?

ROSALIA. — Não convem que me demore por mais tempo. Agradeço-



lhe do imo d'alma o bem que me fez. Adeus. (*levanta-se*).
 POMFILIO. — Tem razão. Deve voltar para junto daquelle a quem ama.

ROSALIA. — Oh! não! Ao contrario: é justamente sahindo d'aqui que o deixarei.

POMFILIO. — Aqui?! deixa-a aqui?!
 ROSALIA. — Pois, não adivinhou ainda?! Não compreendeu que aqui é que está o meu amor? Que o amo?

POMFILIO. — A mim?!

ROSALIA. — Zanga-se?

POMFILIO. — Ah! Rosalia. Não zombe. Pensou, acaso no que disse?

ROSALIA. — Não zombo. Ha muito que o conheço... E

sua nobre mãe permittiu que lhe votasse um amor profundo e infinito.

POMFILIO. — Minha mãe!

ROSALIA. — Assim, uma vez que tenho de partir, saiamos juntos: conduza-me até junto d'ella. Por entre suas lagrimas de jubilo ouvirá de seus labios que jamais conheci outro noivo sinão o senhor.

POMFILIO. — (*sobragando-a*) Eis-me presa de teus cabellos, deliciosas cadeias, que tão suavemente me escravizam. Oh! vaidoso que eu era, tão ancho de mim! Oh! Mulher! Oh! seductora! Um só fio de tua cabeça gentil bastou para me conduzir aonde queres que eu vá.

ROSALIA. — Ao amor, á felicidade! (*Cae o pano*)

CHRONICAS DO NORTE

O CARRO DE BOI

Não ha duvida que o progresso da civilisação, aperfeiçoando os meios de transporte, cada dia nos vae melhorando as condições de vida nas capitais e mesmo no interior de alguns Estados, onde outr'ora, pesado e pacherento, o carro de boi rolava, como que cantando as maguas monotonas desta gente cá do Norte. As substituições das coisas que a elle se succederam, das quaes é o embryo primitivo, foram sempre da mais feliz oportunidade, notadamente os trolleys, até o moderno automovel de diferentes typos, honra destes tempos de velocidade e de conforto, para carregamento de gentes e coisas em passeios e mudanças.

Mas, para mim, que admiro esse adiantamento precoce de tão novo paiz e tenho saudades dos tempos das idas ás cangigas de S. João e Missa do Gallo, através de estradas laurentas e cristalinos riachos, penso que se perdeu, mais uma vez, um pouco da poesia natural das coisas rusticas, entre as quaes somos embaçados na primeira e segunda infancia da vida, e que só vemos hoje azuladas a se perder na collina das distancias, aumentando o horizonte da saudade.

Aqui, neste rincão verde, onde um cannival sussurra constantemente, com a presença do primeiro auto, já se olha com desprezo o antigo carro de madeira, sobre duas rodas tambem de madeira, puxado por duas e mais juntas de boi, e de saudoso canto, e já as velhas lhas d'os tuncos á sua passagem, outr'ora tão alegremente annunciada e esperada, principalmente pelo moleiro que lhes fazia morengo nas trazéiras, ao entrar nas cidades.

Como era de ver tudo aquillo! A's aproximações dos dias de festa, principalmente das de S. João, Natal, Anno Bom e Reis, era um nunca acabar de alegrias e contentamentos, esperando-se a hora propicia da designação da viagem á rua como se costumava dizer. Nunca o pae de familia avisava com muita antecedencia essa viagem, afim de gostosamente sorrir da duvida que mettia nas esperanças da rapaziada, ávida de passeios e novidades, e só o fazia, nas vésperas á hora do chá. Nessa occasião, ninguém mais podia cear de contente e todos se beliscavam uns aos outros por debaixo da mesa. E mal o velho tomava o ultimo gole, já a moçaria, juntamente com a meninada, investiam aos quartos de dormir para arrumar os bahús, cada qual fazendo uma trouxa do que lhe pertencia e que julgava mais usavel no dia. Uns corriam para aqui e para alli, e estes eram os meninos, pedindo á mãe camisas, meias, lenços e etc., outros, e estes eram as moças, conversavam, tagarellas, sobre pós de arroz, loções, extractos, cujos frascos e caixas abriam, repartindo umas com as outras, deixando espalhar pelas camarinhas o cheiro forte e adocicado de Flor de Amor, Houbigant e Azurea, perfumes em voga, naquelle tempo.

Só se deitavam para dormir lá para tarde da noute, quando o velho, aborrecido pela algazarra, lhes gritava que se fossem quietas, do contrario não iria ninguém á festa; precisavam dormir, que o carro chegaria ás tres horas da manhã e teriam de sahir ás quatro. Era agua na fervura. Nem mais se ouvia um pio. Alguns dormiam logo, vestidos como estavam, para não ter trabalho ao acordar.

Quando, de facto, davam as tres da madrugada, o carreiro, avisado com antecedencia, postos os bois no carro, fazia-o encostar na calçada da casa, o qual, ao pstar diante da porta, tinha um rangido alto, todo peculiar, que fazia acordar todo o pessoal. O velho então dava ordem de levantar-se e toca um cantarolar de meninos, quaes aves ao romper da aurora, sobre um arrastar de

bahús que as criadas faziam conduzir fóra para o carreiro botar-os na mesa do carro.

E punha-se um: Avie, Fulano; e outro: Aprese-se, Beltrano; e as perguntas e respostas succediam-se, multiplicavam-se, neste genero: "Que de a coberta da toila do carro? Olhem a esteira para forrar o assento do carro que só tem bagaçó; já botaram os bahús na mesa do carro? Vamos tomar café logo para sair cedo; levem biscoitos para comer no caminho; eu não gosto de ir atrás, quero ir na frente do carro; digam ao carreiro que não se esqueça de ir pelo caminho de fóra que a estrada é mais bonita e que passe cebo com carvão nos exos do carro para elle ir cantando, etc.". Afinal, mettiam-se dentro do carro, empilhando-se como podiam, as creanças no collo dos mais velhos e estes sempre em a parte de traz para evitar que os inexperientes caíssem no caminho. E o carro arrastava-se, cantando com uma monotonia toda especial, saudosa, e, se tropeçava numa pedra ou nuns torrões, tinha um gemitto especial de eixos que parecia querer dar uma idea de dor ou de lamento. E, se algumas das moças começavam a cantar, o que não raro succedia, modas e canções romanticas e dolentes, então o voozeiro vegetal que saia do carro de bois e o que irrompia dos corações humanos se misturavam ao longo das estradas tortuosas, em canticos de amor e de saudade, narrando á Natureza o feito psychico-physico de umas creaturas pacientes e desafortunadas. O dia clareava-os no caminho.

Na cidade, logo ao amanhecer, as pessoas que esperavam os viajantes, punham-se num rebolito tremendo, varrendo e arrumando a casa, e, de vez em quando, mandando o creado á ponta da calçada para verificar se o canto do carro já se fazia ouvir longe ou perto. E esse, se o ouvia, corria a annunciar ao pessoal da casa que o carro já vna e ahi então a aráfama aumentava, gritando-se aos quatro cantos da casa: "O carro já vem, o carro já vem!" E a creada ia logo com um tamburete para o portão, afim de pol-o a serviço dos que iam descer do carro um pouco alto.

Chegados que eram, toca os abraços e os beijos estalantes como bombas, e as abençãos, e todos esses cumprimentos ruidosos e familiares deste povo muito sincero, a que a civilisação das praças moderou para o simples tocar das pontas dos dedos, com um gelinho ridiculo de labios que mais parece uma careta do que um sorriso.

A volta era identica: a mesma alegria e a mesma sarabanda cujo movel unico era viajar no carro.

Isso succedia com quasi todas as boas e ricas familias desta terra. Não era raro, em vespera de festa, o avistar-se de dez a quinze carros de bois, com toldas vistosas, cheias de gente alegre, entrando nas ruas da cidade, sob os olhares curiosos das gentes nas janellas e calçadas. Não sabemos porque o plangente carro de bois era tão querido nestes mundos. A civilização de automovel, cheirando a gasolina, veio nos tirar o prazer e a poesia daquelle genero de condução que tantos e tão deliciosos momentos nos dava a todos. E assim vão-se a acabar, com ella, muitas outras cousas toscas e boas.

Ceará-Mirim, 24 — 5 — 920.

(R. G. do Norte).

FRANCISCO F. SOBRAL

SANTA HELENA



Napoleão procura persuadir Josephina da necessidade do divórcio

Em meio do oceano, como uma nau imovel, na rota do continente europeu para o Cabo-surge, pouco a pouco, á vista do navegante, a ilha de Santa Helena, historica pela martyri-sante agonia de seis annos que allí padeceu o heróe vencido em Waterloo.

Na vida de Bonaparte encontra-se esta singular coincidência: tres ilhas tiveram marcado papel na sua existencia: — nasceu na Corsega; — depois de abater monarchas e vel-os humilhados como na celebre reunião de Tilsitt, e elle cingindo a corôa do mais vasto imperio de então, reduzem-lhe o dominio á ilha d'Elba, ambito estreito para os vãos da Águia de Iena e Austerlitz; dalli consegue voltar á França; e após os Cem Dias, encerram-no, temerosos ainda do gigante combalido, em Santa Helena, onde, ro-



Mme. Recamier, grande dama da corte do primeiro imperio

deado de poucos, os mais intimos e inseparaveis, se extingue lentamente o genio das batalhas!

Outr'ora, quando da navegação á vela, era S. Helena ponto obrigatorio de escala para as embarcações que iam ou vinham da America; e essa circumstancia dava ao perdido escolho vulcanico uma relativa importancia;

mais tarde, porém, veio o vapor abreviando as viagens, dispensando aquella escala, rareando dia á dia, passando algumas vezes ainda os barcos á distancia, o que um dia fez gemer a alma dorida de Napoleão, vendo passar um dos então leviathans rapidos, e cuja posse ter-lhe-ia dado, annos antes, o dominio completo do mundo.

De natureza vulcanica, a mole da historica ilha tem o aspecto de um maciço de rochas negras e pardacentas, ora escarpadas, ora em declive, abrindo-se em um profundo e estreito valle no qual se assenta a unica cidade, Jamestown, e cujas casas e jardins se estendem até á costa.

A "ladder hill" é o monte da escada, porque por uma escada de mais de 700 degraus se galga o pincaro do morro, onde estão algumas obras militares e o semaphoro. Santa Helena acha-se entre 15° e 16° de latitude meridional e 5° a 6° de longitude Oeste do Meridiano de Greenwich, e foi descoberta em 1502 por João da Nova.

Portuguezes foram os seus primeiros povoadores em 1513, — alguns soldados castigados por deserção, varios negros escravos e animais domesticos, alli abandonados, os quaes iniciaram a colonisação e plantio da ilha.

Aos portuguezes succederam os hollandezes em 1651,

que, por sua vez, foram substituidos pelos inglezes, quando do incendio de Londres, em cujo poder se manteve e se mantem a ilha.

Em consequencia do cruzamento de raças a população apresenta o curioso aspecto de hybridismo interessante.

Actualmente Santa Helena, sem valor economico algum é uma recordação historica, é objecto de romaria da curiosidade dos viajantes que alli vão em visita ao tumulo de Napoleão ou á casa de Longwood onde habitou o heróe durante os seis annos de duro coptiveiro.

Sacode-nos profunda emoção quando, ao cabo de alguns dias de mar, se ouve o aviso: Santa Helena! que ponto minuscuro no alto oceano, avulta em nossa imaginação por ter agazalhado seus derradeiros dias,

o maior genio. dos tempos modernos. Ancorado o vapor em que se chegou á ilha é necessario munir-mo-nos de botes para alcançar a terra.

A medida que se appproxima da costa vão se accen-



NAPOLEÃO I

tuando, mais e mais, os objectos e detalhes que pelo binóculo não puderam ser claramente observados de bordo: as rochas negrejantes e avermelhadas da costa vão-se classificando em kystos e basaltos; fechando o povoado em frente ao mar um muro com ameias: no forte que corôa a empinada ladder e onde foi possível collocar-as assomam as bocas dos canhões.

Decididamente, é preciso pedir licença para entrar em Santa Helena.

Todos os botes da pequena esquadilha que nos conduz, levam á proa, um pequeno mastro, especie de haste de bandeira; ao chegar ao molhe, o fluxo e refluxo da maré imprime ás embarcações um movimento de vai-vem; agarrados ao mastro, é preciso esperar o momento em que uma onda nos ponha ao alcance da escadinha, saltando rapidamente, antes que a resaca afaste de novo o bote a alguns metros para o mar.

Assim se desembarca um a um. Franqueia-se o muro de ameias e logo se entra na esplanada sem arvôres, sem bancos nem objecto algum em que pousar a vista; a seguir, um fosso com a correspondente ponte levadiça e, por fim a porta de grossas folhas, aberta em outra muralha e ladeada por guaritas.

Dentro do recinto murado sente-se por toda parte o ambiente britânico: um campo de tennis, grupo de officiaes de bigode aparado e attitudo marcial, todos com luvas brancas; formosos typos de soldados west-indies de rosto escuro e alvas botinas; girls e boys com deformados canottiers e extranha indumentaria, que offerecem, em um inglez bastante aceitavel, postaes, photographias e uma variada collecção de lembranças locais; as casas muito brancas, de linhas recortadas com janellas symetricas e telhados de zinco e ardósia; algo, emfim, que recorda uma aldeia de Yorkshire transportada aos tropicos.

De se embarcamos em um patéo d'onde parte, á mão direita a famosa ladder que conduz ao forte; á esquerda um macisso de projecta tenue sombria; defronte, a egreja protestante, cuja torre pyramidal se destaca por sobre toda a edificação do Jamertowu.

Uma rapida visita ao templo, que, sem imagem nem altares, mas com as paredes totalmente cobertas de lapides commemorativas, produz a impressão de mausoleu; e como falta todo o tempo para subir ao tumulo de Napoleão, objecto unico

d'esta escala, sobe-se rua acima em procura de meios de locomoção.

E a proposito assim escreve um distincto viajante, que esteve na ilha:

"Vão empenho, pois, os que havia disponíveis já haviam sido tomados por gente mais madrugadora; uns em burro, outros a cavallo, e os mais afortunados em minusculos cabriolets: a maioria tinha-nos tomado a dianteira. Foi, pois, preciso resignarmos-nos a fazer a pé o percurso de sete kilometros morro acima!

Atravessamos a metade da villa, deixando a outra que se enfurca pela estreiteza do valle e começamos a flanquear o monte, a principio com certo brio, depois, mais de vagar, porquanto, o dia quente, a aspereza do caminho que percorríamos e o costume adquirido a bordo de andar pouco e a passo lento, não permittiam proezas de alpinismo.

A paizagem não deixa de offerecer o atractivo de todo o accidentado e montanhoso; mas, é preciso confessar que só para o admirar, não valia a pena de vir a estas latitudes. Contudo, a imaginação poetica e encantada de alguns companheiros de jornada encontrava, a cada passo, motivo de admiração, dando largas á sua phantasia.

Houve quem explicasse a inclinação das arvôres, açoitadas pelo vento, como muda homenagem tributada ao Imperador, cujo corpo inerte lhes fez abater humildemente a copada ramagem quando foi levado, de regresso, á França; outro, descobria signaes de

dôr nas pedras deslocadas que nos cercavam e nos petrificados sulcos de lava, como si verdadeiramente a ilha se desfizesse em gigantescos soluços pelo vencido de Waterloo; outros ainda, menos dados ao epico, limitavam-se a observar o bizarro colorido da vegetação africana a despontar por entre as gretas das pedras co-

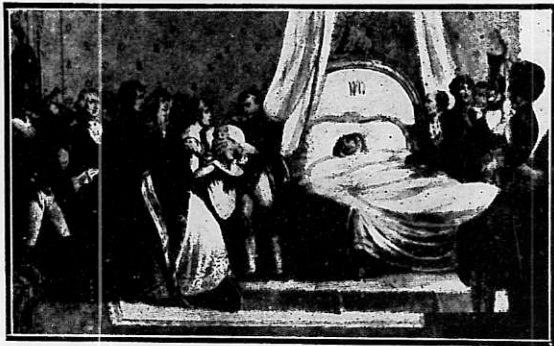
bertas de flores multicores.

A' medida que ganhavamos altura em nossa penosa ascensão, iam ficando em planos inferiores primeiro a povoação, depois, as pequenas collinas circumvizinhas, em seguida, a meseta do forte e, por ultimo, a azulada franja do horizonte visível que descia paulatinamente. Depois de hora e meia de caminho perdia-mos de vista o extenso e sombrio valle em que se assenta

o Jamestown, e transposto o alto, tomámos para a esquerda, em direcção a Longwood. Pouco antes de chegar, muda, por completo, o panorama: de arido e vol-

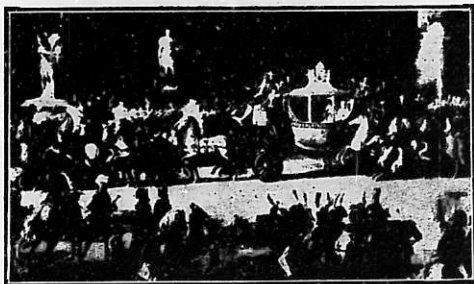


Maria Luiza, a segunda esposa de Napoleão



Nasce o rei de Roma, nas Tulherias, a 20 de Março de 1811

canico, torna-se em frondoso e agradável. Por entre grupos de myrthos, pinheiros e tamarindos, estende-se



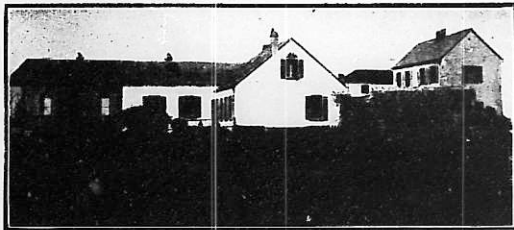
O cortejo imperial de Napoleão e Maria Luiza dirigindo-se para a benção na Notre Dame.

vasta campina, onde mansamente pascos o gado e começa-se a respirar o ambiente fresco de montanha.

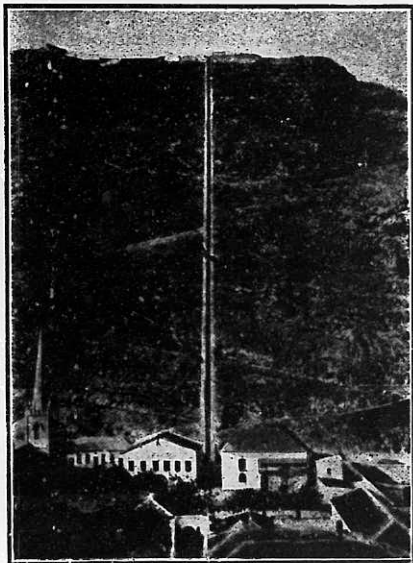
Em uma das cabanas d'aquellas alturas fazemos um pequeno descanso, que aproveitamos para restaurar os nossos enfraquecidos estômagos, mediante alguns pence, com um copo de leite e bolo, que nos deram alento. A seguir deixamos o caminho para nos dirigirmos ao tumulto de Napoleão, situado em um valle pittoresco, valle que tem o seu nome, — valle verdadeiramente placido, impregnado de suave poesia, e que, segundo se diz, era o lugar preferido pelo augusto prisioneiro para as suas tristes

meditações. Alli no profundo valle, ergue-se Longwood, a residencia do heroe epico, desde 8 de Dezembro de 1815 a 5 de Maio de 1821. Uma chronica daquelle tempo, diz: "Não se creia que Longwood (bosque externo) respondia a nenhuma idea de vegetação, pois nesta planicie, situada ao norte da ilha, não havia sinão algumas arvores resinhas, de escassa e amarellecida folhagem, completamente inclinadas sobre a costa pelo vento. Este ponto era sómente habitado durante alguns mezes no anno, e as bruscas mudanças atmosfericas, pois num mesmo dia se succediam as tempestades, a chuva, o sol, o calor, seguidos de vento e borrascas, não permittiam o menor cultivo, tendo sido escolhido, por causa de sua situação inacessivel, que simplificava e assegurava, por meio da natureza, a vigilancia de um preso."

Actualmente quasi nada ha em Santa Helena além da sombria casa de Longwood o que lembre a passagem por alli do extraordinario genio. Pouco adiante encontra-se entre mangueiras o local do tumulto do Corso andaz.



Longwood, — casa onde falleceu Napoleão, em Santa Helena.



A escada de 600 degraus que conduz ao porto de Jamestown.

Todavia, um official francez reside na ilha; alli reside na qualidade de guarda conservador da habitação e o tumulto onde permaneceu até 1840 quando Luiz Philippe fez trasladar para a França os preciosos despojos.

Referem, entretanto, alguns existir proximo do tumulto de Napoleão uma arvore cujo tronco se biparte da raiz á altura dos galhos, reproduzindo a silhueta do Imperador, em attitude contemplativa.

E que doloroso martyrio não foi esse captiveiro de seis annos, sob a severa e tyrannica vigilancia do grosseiro Hudson Lowe!

Desde a sua chegada á ilha, no *Northumberland*, até que se extinguiu, delirando com a *Grande Armée*, teve Napoleão de soffrer as multiplicadas picardias e brutalidades do carcereiro que o governo britannico mandára vigiar o homem que lealmente, confiadamente se puzera sob a protecção da nação britannica "como o mais forte, constante e generoso dos seus inimigos" e que o transforma em prisioneiro a bordo do *Balerophon*.

Em suas *Memorias de Santa-Helena* procurou o imperador, tanto quando lhe foi possivel, amenizar a narrativa das affrontas de que foi alvo por parte do seu algoz.

Ainda a proposito da ilha historica, que provocou a Byron a sua inspirada *Ode a Santa Helena*, ha um facto que bem demonstra a admiração que no Brasil desperjavam as glorias de Bonaparte e quanto penalizava o seu captiveiro. Em 1817 tramou-se uma conspiração, a qual se diz inspirada por um dos Andradas, no intuito de: segundo uns, libertar Napoleão e collocar-o á frente do movimento emancipador do Brasil, segundo outros, fazel-o reaver o throno perdido.

De accordo com o plano estabelecido, deveriam reunir-se na ilha Fernando de Noronha uma esquadilha composta de duas galeotas e um navio de 74 todos artilhados d'ali levando a Santa Helena oitenta officiaes francezes e setecentos homens decididos muitos do quaes recrutados nos Estados Unidos.

O mais curioso é que entre os conjurados estaria sir Thomaz Cochrane, mais tarde celebre nas guerras da independência sul-americana, ex-official da marinha inglesa e que para ella voltou.

Não se sabe, ao certo porque fracassou a expedição, que parece, no entanto, ter sido delatada ao ministro de Luiz XVIII, no mesmo anno de 1817.

Mas façamos agora um pouco de phantasia.

Imagine-se que a expedição não tivesse fracassado, imagine-se que esse punhado de bravos, affrontando todos os perigos decorrentes da sua ousada e temeraria façanha, conseguisse levar a cabo a evasão do prisioneiro de S. Helena, e o puzesse, são e salvo, nas terras de França. Que teria acontecido? Não é difficil prever. Napoleão, que só fez guerras de conquistas e andou por quasi todo o mundo erguendo com mão de ferro, a bandeira imperialista dos seus exercitos, d'ahi em diante, caso a evasão se effectuasse, só faria guerras de vingança, exercendo principalmente a sua vingança contra os ingleses. Que tremendas hecatombes não lhe preparia elle com o seu extraordinario genio!

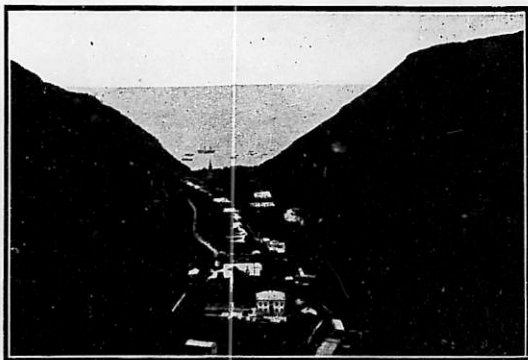
Melhor é que nada disto se desse, melhor foi que o remate de tantas aventuras em que se empenhou, fosse, como foi, a sua prisão em Santa Helena. Dessa fôrma, elle se fez heroe e martyr, e muitos dos actos da sua vida, passíveis da critica, foram attenuados por aquelle breve martyrio. Durante a sua prisão e até-hoje, o que perdura no animo de todos não são as suas violencias inuteis, as suas attitudes estudadas, a sua preocupação de entrar na Historia com todos os gestos e sestros que adoptou, é a feição melancolica que lhe deu o exilio, feição que o tornou sympathico, na epoca, aos seus proprios adversarios, e ainda hoje provoca lagrimas nos seus admiradores sentimentaes. Essa feição é typica. Essa mesma é possivel que fosse estudada para obter effei-



Napoleão põe sob a protecção da guarda imperial o rei de Roma, na véspera de Waterloo.



O rei de Roma, filho de Napoleão e Maria Luiza.



O porto e valle de Jamestown, Santa-Helena.

to theatral em meio ao scenario de apothecose do seu martyrio. Mas, pouca importa. Ninguém pôde fugir á emoção que provoca a sua attitude melancolica, quando, uma mão atraz e outra na frente, contempla, de fronte baixa e pensativa, a onda brava quebrar-se, espumando, nos rochedos alcantilados da ilha... A sua figura, ahi, nesse scenario, tem um aspecto grandemente evocador.

Napoleão, de resto, cuidando que construia imperios, que ficariam perpetuamente sob o seu scentro e sob o de seus descendentes, não fez outra coisa mais do que destruir; e logo que a sua sombra se apagou do scenario da vida, os imperios resurgiram como antes.

A sua acção foi, pois, inutil, e sob muitos pontos de vista, negativa. Se ella criou glorias, se elle criou tantas glorias como nenhum outro general antes d'elle, criou-as só para si e com ellas desceu ao tumulto.

Mas não discutamos essas coisas, que têm servido de assumpto para as discussões azedas entre os seus adversarios. Cada um tem o seu destino. Muitos homens, com menos dispendio de esforço que elle, e mesmo sem esforço nenhum e por simples acaso, construíram muito mais do que elle, auxiliado pelo seu genio sem igual. O que é verdade é que nenhum general creou para si tantas glorias como Napoleão.

Todas as demais glorias, sem exceptuar as dos maiores cabos de guerra da antiga Grecia e Roma, apagam-se deante das suas. Os proprios povos vencidos, fascinados de admiração, forneciam-lhe soldados só para ter a honra de comparticipar dos seus triumphos.

Elle passou pelo mundo como uma rajada.

CARTAS DE SANTOS

Exmas. Senhoras.

Li ha dias nas columnas de um jornal o apello de perdão que Sua Santidade o Papa Bento XV fez ao mundo. Por certo não passou desaperebido aos corações das minhas caras patricias esse gesto philantropico e sublime, que só poderia partir da alvura immaculada de sua intenção, das paredes sagradas e puras da Igreja.

E' um perdão reciproco que Sua Santidade implora em favor da humanidade; dessa humanidade de revolta e insubmissa que, á medida que mais avança no terreno aspero e agudo do odio, mais se fere, mais se ensanguenta, mais se exalta, para colher depois o aspirado fructo da degradação. Basta! E' chegada a hora de reflectirmos.

A voz sonora e mystica do perdão já se fez ouvir no mundo inteiro! E' o Crucificado que implora na pessoa do Pontifice. Encaremos firmes os despojos do passado... Que exemplos tiramos delles para a geração vindoura, que virá, confiante e esperancosa nas nossas tradições? Que de explorações não ouviremos dessa mesma geração, que, sequiosa, em plena ardençia da sua juventude, procurar na historia o veio crystalino que lhe desaltere as ideas?!

Senhoras do meu paiz: si o nosso ideal é collaborarmos com o homem para o engrandecimento do Brasil, si o nosso ideal é tornarmos-nos uteis á Patria trabalhando á vanguarda do homem em serviço de um nobre mister, não sejamos surdas á voz de Deus, que chama, que pede, que implora nos proximos dolorosos de martyrisado, o esquecimento triste e inglorioso do passado, e pensemos em amainar o terreno do porvir.

Si amamos verdadeiramente a nossa patria, cortemos sem demora a figueira brava do odio, que alastra suas ramas hirsutas na estrada do vicio e da rebeldia e plantemos pelos caminhos o trigo do perdão!

Que elle medre illuminado, aquecido pela pa-

lavra do Pontifice! Que elle agite-se aos quatro ventos, num oceano de oiro, bafejado pelo halito puro e innocente dessa legião de soldadinhos que cantando passa descuidosa e feliz:

"Somos da Patria os guardas,
Fieis soldados,
Por ella amados..."

Perdoar!... Perdoar de coração é vencer nobremente!

Perdoemos!... Perdoemos aquelles sobre os

quaes recaem as culpas do sangue derramado no holocausto da patria! Que as lagrimas das Mães, das Filhas, das Esposas, vertidas nos estertores da dôr sejam a lympha purificadora das culpas!

Medrae, loiro trigo, nascido, sim, da dôr; porém colhido por homens bravos e fortes, illuminados de espirito com a doirada semente transformada em Hostia!

Medrae, loiro trigo, e alente as esperanças do povo brasileiro!

Senhoras do meu paiz, sejamos as incançaveis semeadoras do bemdito grão.

Lembre-mos de que, se nos descuidarmos em prazeres e phantasias que possui a "Terra de Santa Cruz" assignalada pelo brilho inteiro do cruzeiro, não produzirá a semente preciosa que será talvez a salvação da humanidade! Descuidemo-nos dos vãos divertimentos; evitemos o

exaggero das modas insensatas, causadoras da revolta moral, e pela moral, pelo bem, pelo futuro de um povo, resurjam em nós as Amazonas da lenda, e marchemos resolutas para a conquista de uma santa Cruzada. Espalhem as mãos cheias a semente regeneradora; e que o nosso Brasil querido seja a Salutaris Porta da Redempção, o celheiro augusto do Bem, do Amor e do Progresso!

ROSALIA

Santos, 15 — 6 — 920.

CANÇÃO NOSTÁLGICA

Para a senhorita Sara Oliva.

Elle ia pela steppe, caminhando,
Cantando, numa toada internecida,
Uma canção que o vento ia levando
Como um sopro angustiado desta vida!
Para onde ia, eu não sei; ia cantando,
Sem destino, numa ancia inconstida,
Sonhando, misero, sonhando
Que levava saudades desta vida!

Nunca senti tão grande magua!
Tinha meus olhos rasos d'agua,
— Dilacerado o coração! —
Partiu cheio de vida e de valor,
Em procura do amor...
Quicá, de uma illusão!

E dorme á sombra de um salgueiro
O venço derradeiro,
Longe da Patria, na solidão,
Varado pela setta de um guerreiro!

Depois de tanto amar em vão,
Elle que foi tão nobre crente,
O mais formoso coração,
Morreu como um valente
A' sombra de um chorão!

S. Paulo — 1920.

(Do "Livro das tristezas") — Francisco Gaspar.



Monsenhor Dr. Camillo Passalacqua

A 12 de Junho, em Santos, onde se achava, falleceu, victimado por uma cruel enfermidade, monsenhor dr. Camillo Passalacqua, virtuoso sacerdote e uma das figuras mais em destaque do clero paulistano. Esse desenlace já era esperado, pois o venerando sacerdote já de ha muito que não alimentava illusões sobre o seu estado de saúde; sem embargo, a noticia, assim que circulou, causou, como era de esperar, grande consternação, não apenas entre os seus amigos, mas também entre todos que lhe conheciam a bondade e as suas altas virtudes. Toda a sua vida de sacerdote passou-a elle a distribuir o bem em forma de esmolas, de consolos e de ensinamentos. Era, além disso, um homem dotado de notavel talento, e porisso gosava de muito prestigio no clero desta archidiocese.

Nasceu a 7 de Março de 1858, filho dos srs. João Passalacqua e d. Raphaela Bello Passalacqua. A 2 de Março de 1874 foi internado no Seminario Episcopal, onde fez o seu curso de preparatórios e de theologia. A 16 de Junho de 1881 recebeu a sagrada Ordem de Presbytero. Celebrou a sua primeira missa em 11 de julho de 1881, e, nessa mesma data, foi nomeado professor do Seminario, onde leccionou diversas materias, tendo simultaneamente exercido o importante cargo de director espiritual. Foi nomeado examinador synodal em 1883, e escolhido para promotor do Synodo Diocesano que, nesse mesmo anno, se realizou. Dessa assembléa data a bella iniciativa da organização da Irmandade de São Pedro, proposta pelo nosso biographado, a qual por motivos alheios á sua vontade, não chegou a realizar totalmente os fins caritativos e sociaes que o seu iniciador teve em vista. Neste mesmo anno foi provido, mediante brilhante concurso, nas cadeiras de pedagogia e methodologia da Escola Normal, e nomeado pelo governo examinador de instrucção publica. Em 1886 accorcou a feliz idea e fundou nesta capital a Associação das Damas da Caridade, cujos intuitos são socorrer corporal e espiritualmente os doentes pobres em seus domicilios.

Tendo deixado os cargos que occupava no Seminario, fundou em 1889, associado com dois amigos distinctos desta cidade, o Gymnasio Paulista, cuja directoria teve de abandonar annos depois por motivo de falta de saúde. Em 1890, já restabelecido, regressando de uma viagem que fez á Europa, foi nomeado pelo revmo. Ordinario da diocese, vigário da parochia da Conceição de Campinas, onde, nos poucos annos que lá esteve, pôz em evidencia o seu muito zelo e rara actividade de verdadeiro pastor d'almas. Novamente em S. Paulo, dedicou-se ao magisterio, leccionando em diversos collegios, e entregou-se de alma e coração ao exercicio do munus pastoral, pregando, escrevendo, catechizando e difundindo por toda a parte, na cidade e no interior do Estado, a palavra de Deus e, com ella, a iniciativa de varias obras piedosas, como a das primeiras communhões da infancia. Pelo revmo. sr. d. Lino Deodato de Carvalho foi nomeado, em 29 de fevereiro de 1892, commissario da V. O. T. do Carmo.

Nesta data foi também convidado para exercer as funções de assistente da Federação Catholica. Fez apparecer em 1893 o bello periodico intitulado "Mensageiro Popular".

Em 1894 fundou o orphanato Casa Pia de S. Vicente de Paulo, e, mezes depois, neste mesmo anno, o externato annexo.

De todas as suas obras, que são vultuosas uma das mais fecundas em resultado pratico, é a Casa Pia de S. Vicente de Paulo, obra essa em que foi grandemente auxiliado por nossa saudosa directora Virgínia de Souza Salles. Virgínia dedicou-se a ella com tanto esforço, com tanta tenacidade, com uma vontade tão bem

dirigida, que o seu nome está indelevelmente ligado a essa pia instituição. Monsenhor Passalacqua, grato á efficaz e assídua cooperação que lhe prestava Virgínia de Souza Salles, nunca se esquecia, de, toda vez que louvavam a sua iniciativa como fundador daquelle orphanato, pôr em relevo o seu nome, dividindo com ella grande parte dos louvores que recebia. Foi também por iniciativa de Virgínia de Souza Salles, que, a 7 de Maio de 1916, se inaugurou no pateo interno daquelle casa de caridade, o formoso e artistico busto em bronze do illustre e virtuoso padre.

A 6 de Fevereiro de 1895, tomou posse do cargo de reitor do Seminario por nomeação de d. Joaquim Arcoverde, actual cardeal do Rio de Janeiro.

Neste mesmo anno, em 18 de julho, dia em que o Seminario festejava o onomastico do nosso homenageado, foi-lhe entregue pelo reverendissimo sr. d. Arcoverde o titulo de Camareiro Secreto, com que o S. S. Leão XIII o galardeou, em virtude dos extraordinarios serviços por elle prestados á Igreja, os quaes já então eram sobejamente conhecidos em todo o Brasil e em Roma.

Publicou em 1897 a "Pequena Revista Catholica" e o "Pequeno Mensageiro". Com a cooperação da V. Ordem T. do Carmo, fundou, em abril de 1899 o Gymnasio de N. S. do Carmo, jacente á igreja da mesma Ordem. Em outubro

tomou parte, como sub-promotor de Fé, no processo canonico do veneravel servo de Deus, Joseph de Anchieta. Ainda neste mesmo anno fundou o Externato filial á Casa Pia "Patriocinio de S. José".

Data também deste anno a fundação da Associação das Mães Christãs.

Regressando em 1900 duma peregrinação que fez, com grande numero de brasileiros, á Cidade Eterna, a Lourdes e a Paray-le-Monial, recebeu das mãos do sr. bispo diocesano o Breve em que o mesmo referido pontifice o nomeou protonotario apostolico "ad instar".

A profissão de fé e o juramento do estylo foram feitos, por procuração, em 17 de setembro daquelle anno, perante o collegio dos Protonotarios, em Roma.

Foi-lhe conferido o grau de doutor em theologia em 15 de dezembro de 1901, ainda pelo Summo Pontifice Leão XIII, fazeudo, nesse mesmo anno, o juramento da praxe, deante do

revmo. sr. bispo e com assistencia de alguns dos seus mais distinctos amigos desta cidade. Testemunharam o acto o saudoso reverendissimo arcebispo dr. Francisco de Paula Rodrigues, dr. Luiz Gonzaga da Silva Leme e dr. Raul Ortiz Monteiro.

Em 1904, foi nomeado redactor do "Boletim Ecclesiastico", fundado pelo sr. d. José de Camargo Barros. Em 1907, monsenhor Passalacqua accitou a presidencia da Liga Paulista de Prophylaxia Moral e Sanitaria, onde evidenciou qualidades apreciaveis de homem de acção e saber.

Afim de tornar mais ampla a educação da Casa Pia, fundou em 1910 a Escola Profissional annexa.

Auxiliado pela corporação carmelitana desta cidade, fez instalar no Gymnasio, em 1912, aulas nocturnas para operarios.

Em 1914, accorcou a idea da fundação dum centro Vincentino no referido Gymnasio, o qual funciona sob o titulo "Santo Thomaz de Aquino".

Deve-se-lhe ainda a fundação do Instituto "João e Raphaela Passalacqua".

Como escriptor, monsenhor Passalacqua fez apparecer, em diversos annos, á luz da publicidade, grande numero de proveitosos trabalhos literarios.



CASO OU NÃO CASO?

Rosa Barbara é o pseudonymo de uma distincta e intellectual patricia cujo nome não estamos autorizados a publicar. O seu artigo, subordinado á epigrapha supra, é verdadeiramente interessante.

Rosa Barbara, ao iniciar a sua collaboração, dirigiu-nos uma carta, cujos topicos principaes tomamos a liberdade de transcrever. Ell-os: "A dignissima successora da carreira preciosa e brilhante de d. Virgínia de Souza Salles, que é d. Avelina de Souza Salles, eu me apresento pedindo um pequeno lugar na fileira das combatentes pela justiça, das operarias do ideal, das sementeiras do bem, que são as collaboradoras da "Revista Feminina".

Peço-vos tambem um pequenino lugar. Quero trazer á vossa obra, que é obra de toda a mulher digna e consciente e que deveria ou devesa ser tambem de todo o homem forte (porque o forte não teme concorrência) quero trazer a minha pedra tosca, a minha pequena porção de argila para a edificação grandiosa do amado templo da nossa victoria.

Não me move a penna a vaidade de exhibição: sou impulsionada exclusivamente pelo amor que dedico á grande causa dos nossos direitos, até aqui sempre renegados." Etc. etc.

Lemos no numero sessenta e oito da apreciadissima "Revista Feminina", um bem escripto artigo firmado pelo sr. Menotti Del Picchia sob a epigrapha "Caso ou não caso?"

O illustre articulista nos apresenta uma das faces da medalha... e, ao contemplarmos os seus altos e baixos revesos, sentimos que o sr. Menotti Del Picchia tem, infelizmente razão. E' um facto realmente lastimavel que as senhoritas e senhoras se entreguem, tão incondicionalmente, ao despotismo da moda.

Depois que a liberdade das republicas se tem imposto á quasi todos os povos, causa admiração que a moda, esse governo arbitrario, inconsequente, muitas vezes ridiculo e antihygienico, que tem muito de maximalista e muito de nihylista, bastante de bochevista, esse governo zambro e que usa chinó, tenha ainda no mundo todo essas legiões de vassallãs humildes e passivas que servilmente se curvam ás suas tyrantias.

E' muito para se lastimar!...

Mas o sr. Menotti Del Picchia e seus collegas de critica sabem porque assim procede a "mulher"... Sabem que é para attender ao exclusivo intuito de ser agradável á todos vós, que formaeis o chamado "sexo forte". Ha uma grande porção de mulheres que se vestem assim no rigor da moda, e é observado por todos, que essas monopolisam os vossos olhares e corações e portanto as vossas vidas.

Ora, a mulher, sentindo nas suas velhas armas de combate, o corte embotado, o guime cego, já-ga-preciso dar-lhes vista ao guime para que continue sempre a vos ferir... Eis ahi porque as mais ousadas e diremos temerarias imposições da moda, são aceitas e queridas.

Muitas vezes as proprias... (como dizemos?) as proprias... "melindrosas" (é o termo de occasião) são as primeiras a julgarem este ou aquelle modelo, um tanto ousado... mas... e o tão temido ostracismo?...

E' preciso fugir-lhe á todo o custo... e para isso vão-se aperfeiçoando as armas para essa eterna luta nem sempre leal, nem sempre digna... Pobres mulheres! E toda essa ancia é para que lhes não escape o noivo ou o marido... Que é possível exigir-se d'essas creaturas que depositaram no homem, o seu passado, o seu presente e o seu futuro?

Entretanto ellas erram o alvo e, segundo diz o sr. Menotti Del Picchia, assustam os rapazes honestos, que, depois de mirarem e remirarem a elegancia da "melindrosa" retrahem-se e fogem cheios de temor...

Mas quando o sr. Menotti Del Picchia diz "rapazes honestos", a quem se refere? Aos "almofadinhas"? Não...

Mas se estes formam a quasi totalidade da mocidade masculina contemporanea? E se as moças de nossas terras, deixassem de ser "melindrosas" e, se se tornassem tambem na apparencia (pois que, no intimo, penso que o são quasi todas) sensatas, modestas, perfeitas, onde encontraríamos, onde, maridos dignos dellas?...

Pois se o "elegante" o "bon tom" dos nossos chama-

dos "filhos familias", dos estudantes, empregados publicos, medicos e advogados, commerciantes, diplomatas e industriaes é passar as noites nas casas de divertimentos livres, ao jogo ou nos cafés, embruteando o espirito, aviltando a alma e arruinando o corpo pelas bebidas, cocaina, morphina ou cartas de pocker?

Chegando, noite a'ta ao lar, com maus modos, o cerebro baralhado de cartas, roleta, perfumes e vinhos?...

E... eis ahi, a outra face da medalha...

Imaginam então que é humano entregar-se a um desses viciados, uma creatura innocente, modesta, cheia de crencas, affectuosa, santa? Entregar um anjo ao dominio de um d'estes desalmados? Oh! tem sido e será sempre uma impiedade atroz!

Para que haja harmonia conjugal é preciso que exista igualdade de sentimentos, de genios e de educação. Quantas vezes temos ouvido que existe incompatibilidade de genio, de ideias ou sentimentos entre dois homens ou entre senhoras que, entretanto, tiveram mais ou menos a mesma educação, habitos identicos, apesar disto, evitam-se por não se tolerarem? Como é possível, então, unir-se duas creaturas de sexo diverso, que tiveram educação opposta, que têm ideias antagonicas, sentimentos contrarios e ordenar-se-lhes: amem-se e sejam felizes?

E' impossivel!

A moça, como exigis, bem educada, faz do lar a que aspira formar, uma ideia de santuario de amor, de dedicação e de lealdade.

Leu nos romances e nas poesias, assistiu nas fitas cinematographicas, sentiu nos bons dramas permitidos pela sua bem guiada educação que o amor e a felicidade são a vida!

Mas não era preciso tudo isto.

Basta viver dezoito annos, para se aprender, no livro do universo, com a natureza á amar.

E eis que, um dia, quando raiava a aurora da sua juvenludade, ella ouve uma voz que, aos ouvidos, lhe canta palavras d'aquelle amor que sonhara e que esperava... Ouve e crê! Vae então para o casamento como se fôra para o céu.

A illusão persiste ainda alguns dias ou alguns mezes... e ella então, louca de dor, surpreheende-se esquecida, desenhada e, só, atirada a um canto como uma gravata velha que já tivesse caído da moda...

Se se queixa e chora, ouve que nada lhe falta, come, bebe, veste-se e portanto ella a quem a "ridicula sentimental" entregara a vida, elle não tem de seus actos, satisfações a dar-lhe! Amor... fidelidade... mutuos affectos?

Ora, sabe que mais?... deixe-se de sensaborias e não me amole... estou cansado e o que quero é dormir...

E ell-o que dorme como se fôra um justo.

E a revolta que se segue a estas dores?

O dever para com os filhos: a coacção pelas conveniências sociais: as dificuldades para attender a própria subsistencia?

E enfim, como unico remedio, a submissão!...

Já pensaram, algumas vezes os senhores no que soffre aquella alma assim pisada, esmagada e dilacerada?

E' bom mesmo que não pensem...

Pois, muito menos bandido é aquelle que, assaltando o caminhante na estrada, o deixa morto, insensível á dor, do que estes que matam uma alma e que esta, apesar de todas as angustias e de todas as agonias, continua a viver... e a agonizar...

Pois bem: tudo isto findará, não longe; as modas aggressivas á moral e as lagrimas pelo despreso imerecido, no dia em que o feminismo fór uma realidade. A mulher, tornada independente pelo seu proprio trabalho, não mais será obrigada a manejar essas inconfessaveis armas de sedu-

ção; não terá que chorar lagrimas que são dias de vida, e a sua alma, retemperada no cadinho de sua consciencia de livre e de forte, aprenderá a amar exclusivamente áquelles que, em verdade, sejam dignos de estima.

Trabáhem pois com as senhoras os homens de caracter bem formado para que se realicem as aspirações tão justas do feminismo em nossa terra.

E teremos então o prazer de ouvir e de ver uma moça, já não "melindrosa" quedar-se indecisa, mirando e remirando a elegancia do pretendente, interrogar-se com prudencia...

"Caso ou não caso?"

E se a mocidade masculina dos nossos tempos, não se esforçar muito para evolucionar melhoramentos phisicos, intellectuaes e principalmente moraes, estamos a asseverar que ella optará pela segunda das duas proposições.

Sul de Minas, 29 - 5 - 1920.

ROSA BARBARA.

"NOVA SEIVA"

Em nosso numero de Abril publicamos algumas das opiniões criticas que foram emitidas, pela imprensa de São Paulo e Estados, a proposito do magnifico livro de contos para creanças, "Nova Seiva", que acaba de ser adoptado-quasi por unanimidade, pelas escolas do paiz. Agora é a "Revista do Brasil", de que é director o glorioso escriptor paulista sr. Monteiro Lobato, que se refere á "Nova Seiva" com expressões entusiasticas.

Eis o que disse a "Revista do Brasil" em seu numero de Maio:

"Com o intuito de offerecer ás creanças brasileiras, tão carecidas de livros deste genero, um volume de historias moraes de sadia, amena, atrahente e proveitosa leitura, os editores da "Revista Feminina" emprehenderam a elaboração desta collectanea de contos, com a qual plenamente conseguiram o seu intento.

"Nova Seiva" é um bello livro de historias infantis, muito criteriosamente coordenadas e primorosamente illustradas, estando executado com notavel esmero e gosto, quanto á parte graphica, elemento de imprescindível consideração em trabalhos dessa natureza. Com cerca de 150 paginas, de grande formato, impressas nitidamente em optimo papel e solidamente encadernadas em elegantissimo volume, "Nova Seiva" constitue um brinde valioso, que ha de fazer as delicias de todas as creanças que o tiverem por mimo, e a sua leitura ha de produzir os mais salutareos effeitos na mente dos pequeninos leitores a que se destina.

Um valioso serviço prestou assim a "Revista Feminina" á geração infantil, proporcionando-lhe, com o volume que editou, o prazer que para uma creança constitue a posse de um encantador livro de historias com lindas figuras."

De resto, as nossas escolas estavam necessitando de um livro como esse, destinado a recrear o espirito das creanças, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, lições uteis e aproveitaveis.

A litteratura infantil resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado: que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Ora, esse gosto nunca foi tomado a serio pelos nossos educadores. A maior parte dos livros de leitura adoptados em nossas escolas, são escriptos sem elegancia e incadados, a cada passo, de expressões dialectaes plebeas; além disso, são mal impressos ou illustrados com gravuras imperfeitas e pouco interessantes.

A "Nova Seiva", embora escripta para creanças, é uma obra de estylo. interessante sob todos os aspectos, impressa em magnifico papel e illustrada de muitas centenas de gravuras encantadoras. E' uma obra de luxo, um encanto para as creanças.

Além de contos e novellas, contem monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. "Nova Seiva", demais, pela correção da linguagem, pelo interesse que despertam seus contos e novellas: pela graça de suas narrações, pelos ensinamentos que contem, é um livro que

póde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

O successo da "Nova Seiva" não se fez esperar. A nossa primeira edição, que foi de cinco milheiros, está quasi a esgotar-se. Concorreram tambem para esse exito a belleza da edição e o preço comedido, \$5000, marcado para a venda de cada exemplar. Não foi menor tambem o exito litterario, porque della se occuparam, encomiasticamente, os mais importantes jornaes do paiz e muitos dos nossos mais reputados homens de letras.

A "Nova Seiva" vende-se nesta redacção pelo preço de \$5000. Pelo correio, registrado, 6\$000.

Acceitam-se pedidos mediante vale postal.

A BELLEZA

Difficil é resumir numa phrase synthetica o que é a belleza, porque suas manifestações são infinitas. Muitos escriptores, por certo, têm dito o que é o bello, mas, apesar disso, o bello que elles não disseram e que não foi por elles definido é infinitamente mais vasto.

José Echegaray, ante a belleza, fica indeciso.

O que é ella, escreve, não o sabemos por em quanto e não o saberemos talvez nunca.

Mas é certo que a belleza tem vida, que existe, que palpita na natureza, e assim como a onda que chega á praia, se desfaz em espuma, ella, ao chegar a céos e terra se desfaz em formosuras, em luzes e em cores; e que ao chegar ás sociedades e aos individuos infunde nas paixões, boas ou más, formosuras de idyllo ou formosuras de tragédia, banhando-as, ora com as alegres claridades do arrebol, ora com os avermelhados ou rózeos resplendores da tempestade, e que ao cerebro humano taceando pelas multitudes de craneos duros como a pedra e craneos de plasticidade artistica, como a lava do vulcão tactela resistencias e dureza da crosta solida da terra para brotar em rios ferventes e linguas de fogo, quando encontra o cerebro do homem de genio, brota, por elle como por sublimar cratera de marmores e bronzes modelados, em télias polychromicas de pintores, em cantos de poetas e mil creações graciosas, bellas ou sublimes; e que ao chegar ao martyr, toma a palavra humana, e diz entre dores: creio; e que ao chegar ao heroe, diz entre victorias sangrentas: morfo; e que ao chegar ao exilho diz, espandendo duvidas: sei; e que ao chegar ao coração diz, beijando ideaes: amo; e que ao chegar a todas as juventudes diz, com todas as alegrias da manhã: vivo; e que ao chegar á beira de todos os sepulchros diz, ao cahir em meio de phantastica ronda de tristezas e esperanças: espero; e que tudo isto o realisa na natureza, na sociedade e no homem... ah! que a belleza faz tudo isso, ninguém póde negal-o sem negar o seu proprio sér e sem fundir-se no nada, e nem ainda fundindo-se nelle: que a suprema belleza foi encher os negros abysmos de silencio e a escuridão do cahos com as divinas palpações da criação.

ARTE DA BELLEZA

II

CURSO COMPLETO DE
CONSERVAÇÃO E CULTURA
DA BELLEZA.AS MÃOS E
OS BRAÇOS

O cérebro e a mão são os órgãos que constituem a superioridade do ser humano sobre todos os animais.

Quando se examina attentamente a conformação da mão, descobrem-se nela todas as condições de perfeição no grau mais admirável. Armada de dedos flexíveis e bem articulados, apresenta o polegar, cuja fácil opposição aos demais dedos era necessária à completa execução dos seus movimentos, e o dedos estão pro-

tegidos na extremidade livre pela unha e guarnecidos de uma especie de almofada, que tem um grande numero de pupillas nervosas, dispostas em fôrma de parabolâs, as quaes são a rede do tacto. Um systema muscular tão simples como variado faz mover seus dedos de tal modo, que possa segurar todos os corpos cujo volume, fôrma, consistencia, peso e aspereza são apreciados com tanta exactidão, que até já houve quem affirmasse que a finura do tacto em alguns cegos chegava ao ponto de elles distinguirem as cores.

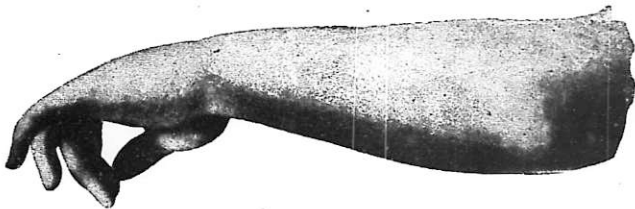


O braço torneado e bem proporcionado, assim como uma linda mão, são dois attractivos que realçam a belleza, e por esse motivo as mulheres prodigalisam a esta parte do corpo os mais sollicitos cuidados.

Uma mão bem formada deve ser um tanto ou quanto alongada, tendo o dorso de maneira que se percebam as veias que correm, azuladas, debaixo da epiderme. Não ha de ser larga nem estreita, grossa nem delgada, e deve distinguir-se pela pelle branca e fina. Os dedos, para que sejam bellos e bem feitos, deverão descrever uma curva no dorso; hão de ser levemente planos pela parte

interior, e as articulações, pouco salientes, não apresentarão nenhuma nodosidade desagradavel. As unhas terão a fôrma abobadada; serão rasadas, com um pequeno segmento esbranquiçado na raiz. O mais lindo corte das unhas é o oval, e não se devem cortar demasiado compridas, nem demasiado curtas.

A moda das unhas longas, á chineza, que se introduziu ha alguns annos, não constitue nenhum attributo da belleza. As Venus gregas, as Helenas, Laís e outras mulheres celebres da antiguidade classica, tipos perfeitos da belleza physica, nunca tiveram a malfadada idéa de deixar crescer as unhas, como algumas das nossas elegantes de mão gosto, pois pensavam ellas, e com sobejas razões, que as delicadas mãos da mulher foram creadas, não para arrannhar, mas para prodi-



galisar carinhos e suaves delicadezas. A finura das mãos e a brancura da pelle que as cobre, são pelo geral um privilegio das pessoas de alto tom, e as veias mais ou menos pronunciadas, as protuberancias tendenciosas, a grossura dos dedos e as calosidades dão a conhecer o individuo que se entrega a trabalhos physicos. Com effeito, pela mão distingue-se o ferreiro, o sapateiro, o lavrador, o artista, o homem de letras, o que levou alguém a dizer que o homem traz nas mãos o sello da sua condição social.

As mãos grossas, ornadas de dedos curtos, torcidos e mal conformados, revelam, ora sentimentos baixos ou faltos de nobreza, ora grosseira e ferocidade.

As mãos compridas, cujos dedos são bem conformados, encontram-se communmente nas pessoas de habitos finos, notaveis pela sua amabilidade e cortezia.

Sendo a mão o órgão do corpo de que se faz mais fre-

O dever para com os filhos, a coacção pelas conveniências sociais, as dificuldades para atender a própria subsistência?

E enfim, como unico remedio, a submissão!...

Já pensaram, algumas vezes os senhores no que soffre aquella alma assim pisada, esmagada e dilacerada?

E' bom mesmo que não pensem...

Pois, muito menos bandido é aquelle que, assaltando o caminhar na estrada, o deixa morto, insensível á dor, do que estes que matam uma alma e que esta, apesar de todas as angustias e de todas as agonias, continua a viver... e a agonizar...

Pois bem: tudo isto findará, não longe; as modas aggressivas á moral e as lagrimas pelo despreso immerecido, no dia em que o feminismo fór uma realidade. A mulher, tornada independente pelo seu proprio trabalho, não mais será obrigada a manejar essas inconfessaveis armas de sedu-

ção; não terá que chorar lagrimas que são dias de vida, e a sua alma, retemperada no cadinho de sua consciencia de livre e de forte, aprenderá a amar exclusivamente aquelles que, em verdade, sejam dignos de estima.

Trabaihem! pois com as senhoras os homens de caracter bem formado para que se realizem as aspirações tão justas do feminismo em nossa terra.

E teremos então o prazer de ouvir e de ver uma moça, já não "melindrosa" quedar-se indecisa, mirando e remirando a elegancia do pretendente, interrogar-se com prudencia...

"Caso ou não caso?"

E se a mocidade masculina dos nossos tempos, não se esforçar muito para evidenciar melhoramentos phisicos, intellectuales e principalmente moraes, estamos a asseverar que ella optará pela segunda das duas proposições.

Sul de Minas, 29 - 5-1920.

ROSA BARBARA.

"NOVA SEIVA"

Em nosso numero de Abril publicamos algumas das opiniões criticas que foram emitidas, pela imprensa de São Paulo e Estados, a proposito do magnifico livro de contos para creanças, "Nova Seiva", que acaba de ser adoptado quasi por unanimidade, pelas escolas do paiz. Agora é a "Revista do Brasil", de que é director o glorioso escritor paulista sr. Monteiro Lobato, que se refere á "Nova Seiva" com expressões entusiasticas.

Eis o que disse a "Revista do Brasil" em seu numero de Maio:

"Com o intuito de offerecer ás creanças brasileiras, tão carecidas de livros deste genero, um volume de historias moraes de sadia, amena, atrahente e proveitosa leitura, os editores da "Revista Feminina" emprehenderam a elaboração desta collectanea de contos, com a qual plenamente conseguiram o seu intento.

"Nova Seiva" é um bel' livro de historias infantis, muito criteriosamente coordenadas e primorosamente illustradas, estando executado com notavel esmero e gosto, quanto á parte graphica, elemento de imprescindivel consideração em trabalhos dessa natureza. Com cerca de 150 paginas, de grande formato, impressas nitidamente em optimo papel e solidamente encadernadas em elegantissimo volume, "Nova Seiva" constitue um brinde valioso, que ha de fazer as delicias de todas as creanças que o tiverem por mimo, e a sua leitura ha de produzir os mais salutareos effeitos na mente dos pequeninos leitores a que se destina.

Um valioso serviço prestou assim a "Revista Feminina" á geração infantil, proporcionando-lhe, com o volume que editou, o prazer que para uma creança constitue a posse de um encantador livro de historias com lindas figuras."

De resto, as nossas escolas estavam necessitando de um livro como esse, destinado a recrear o espirito das creanças, fornecendo-lhes, ao mesmo tempo, lições uteis e aproveitaveis.

A literatura infantil resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Ora, esse gosto nunca foi tomado a serio pelos nossos educadores. A maior parte dos livros de leitura adoptados em nossas escolas, são escriptos sem elegancia e inçados, a cada passo, de expressões dialectaes plebeas; além disso, são mal impressos ou illustrados com gravuras imperfeitas e pouco interessantes.

A "Nova Seiva", embora escripta para creanças, é uma obra de estylo. interessante sob todos os aspectos, impressa em magnifico papel e illustrada de muitas centenas de gravuras encantadoras. E' uma obra de luxo, um encanto para as creanças.

Além de contos e novellas, contem monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. "Nova Seiva", demais, pela correção da linguagem, pelo interesse que despertam seus contos e novellas: pela graça de suas narrações, pelos ensinamentos que contem, é um livro que

póde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

O successo da "Nova Seiva" não se fez esperar. A nossa primeira edição, que foi de cinco milheiros, está quasi a esgotar-se. Concorreram tambem para esse exito a belleza da edição e o preço commodo, \$5000, marcado para a venda de cada exemplar. Não foi menor tambem o exito literario, porque della se occuparam, encomiasticamente, os mais importantes jornaes do paiz e muitos dos nossos mais reputados homens de letras.

A "Nova Seiva" vende-se nesta redacção pelo preço de \$5000. Pelo correio, registrado, \$6000.

Acceptam-se pedidos mediante vale postal.

A BELLEZA

Difficil é resumir numa phrase synthetica o que é a belleza, porque suas manifestações são infinitas. Multos escriptores, por certo, têm dito o que é de bello, mas, apesar disso, o bello que elles não disseram e que não foi por elles definido é infinitamente mais vasto. José Behegarry, ante a belleza, fica indeciso.

O que é ella, escreve, não o sabemos por em quanto e não o saberemos talvez nunca.

Mas é certo que a belleza tem vida, que existe, que palpita na natureza, e assim como a onda que chega á praia, se desfaz em espuma, ella, ao chegar a céos e terra se desfaz em formosuras, em luzes e em cores; e que ao chegar ás sociedades e aos individuos infunde nas paixões, boas ou más, formosuras de idyllo ou formosuras de tragédia, banhando-as, ora com as alegres claridades do arrebol, ora com os avermelhados ou róxeos resplendores da tempestade, e que ao cerebro humano taceando pelas multidões de craneos duros como a pedra e craneos de plasticidade artistica, como a lava do vulcão tacteis resistencias e durezas da crosta solida da terra para brotar em rios ferventes e linguas de fogo, quando encontra o cerebro do homem de genio, brota por elle como por sublimis cratera de marmores e bronzes modelados, em télas polychromicas de pintores, em cantos de poetas e mil creações graciosas, bellas ou sublimis; e que ao chegar ao martyr, toma a palavra humana, e diz entre dôres: *creio*; e que ao chegar ao heroe, diz entre victorias sangrentas: *morto*; e que ao chegar ao exilho diz, espantando duvidas: *sei*; e que ao chegar ao coração diz, beijando ideaes: *amo*; e que ao chegar a todas as juvenludes diz, com todas as alegrias da manhã: *vivo*; e que ao chegar á beira de todos os sepulchros diz, ao cair em meio de phantastica ronda de tristezas e esperanças: *espero*; e que tudo isto o realisa na natureza, na sociedade e no homem... ah! que a belleza faz tudo isso, ninguém póde negal-o sem negar o seu proprio ser e sem fundir-se no nada, e nem ainda fundindo-se nelle: que a suprema belleza foi encher os negros abysmos de silencio e a escuridão do cahos com as divinas palpações da criação.

ARTE DA BELLEZA

II

CURSO COMPLETO DE
CONSERVAÇÃO E CULTURA
DA BELLEZA.AS MÃOS E
OS BRAÇOS

O cerebro e a mão são os órgãos que constituem a superioridade do ser humano sobre todos os animais.

Quando se examina attentamente a conformação da mão, descobrem-se nella todas as condições de perfeição no grau mais admiravel. Armada de dedos flexiveis e bem articulados, apresenta o polegar, cuja facil opposição aos demais dedos era necessaria á completa execução dos seus movimentos, e o dedos estão pro-

tegidos na extremidade livre pela unha e guarnecidos de uma especie de almofada, que tem um grande numero de pupillas nervosas, dispostas em forma de parabolas, as quaes são a rede do tacto. Um systema muscular tão simples como variado faz mover seus dedos de tal modo, que possa segurar todos os corpos cujo volume, forma, consistencia, peso e aspereza são apreciados com tanta exactidão, que até já houve quem affirmasse que a finura do tacto em alguns cegos chegava ao ponto de elles distinguirem as cores.

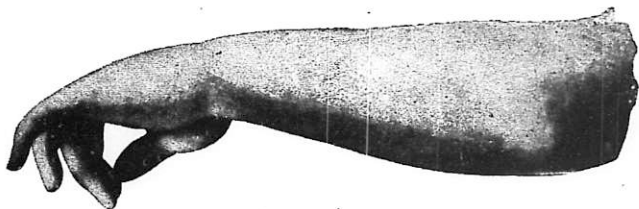


O braço torneado e bem proporcionado, assim como uma linda mão, são dois attractivos que realçam a belleza, e por esse motivo as mulheres prodigalissim a esta parte do corpo os mais sollicitos cuidados.

Uma mão bem formada deve ser um tanto ou quanto alongada, tendo o dorso de maneira que se percebam as veias que correm, azuladas, debaixo da epiderme. Não ha de ser larga nem estreita, grossa nem delgada, e deve distinguir-se pela pelle branca e fina. Os dedos, para que sejam bellos e bem feitos, deverão escrever uma curva no dorso; não ue ser levemente planos pela parte

interior, e as articulações, pouco salientes, não apresentarão nenhuma nodosidade desagradavel. As unhas terão a forma abobadada; serão rasadas, com um pequeno segmento esbranquiçado na raiz. O mais lindo corte das unhas é o oval, e não se devem cortar demasiado compridas, nem demasiado curtas.

A moda das unhas longas, á chinceza, que se introduziu ha alguns annos, não constitue nenhum attributo da belleza. As Venus gregas, as Helenas, Laís e outras mulheres celebres da antiguidade classica, typos perfeitos da belleza physica, nunca tiveram a malfadada idéa de deixar crescer as unhas, como algumas das nossas elegantes de mão gosto, pois pensavam ellas, e com sobejas razões, que as delicadas mãos da mulher foram creadas, não para arranhar, mas para prodi-



galisar carinhos e suaves delicadezas. A finura das mãos e a brancura da pelle que as cobre, são pelo geral um privilegio das pessoas de alto tom, e as veias mais ou menos pronunciadas, as protuberancias tendenciosas, a grossura dos dedos e as calosidades dão a conhecer o individuo que se entrega a trabalhos physicos. Com effeito, pela mão distingue-se o ferreiro, o sapateiro, o lavrador, o artista, o homem de letras, o que levou alguém a dizer que o homem traz nas mãos o sello da sua condição social.

As mãos grossas, ornadas de dedos curtos, torcidos e mal conformados, revelam, ora sentimentos baixos ou faltos de nobreza, ora grosseira e ferocidade.

As mãos compridas, cujos dedos são bem conformados, encontram-se communmente nas pessoas de habitos finos, notaveis pela sua amabilidade e cortezia.

Sendo a mão o órgão do corpo de que se faz mais fre-

quente uso, devem evitar-se as variadas influencias que podem ou poderiam interessar os diversos tecidos de que ella é composta. Os côrtes, os golpes, contusões, queimaduras, etc., são sempre prejudiciaes á belleza da



pelle, e algumas vezes alteram, mais do que se supõe, a intelligencia do gesto, a facilidade dos movimentos e a finura do tacto. Deve-se evitar o manejo de corpos duros e angulosos, assim como as substancias acidas, irritantes e causticas; mas no caso de ter que tocar estas substancias, deve-se, antes unctar as mãos com gordura, azeite, ceroto, ou qualquer outra preparação oleaginosa, como a pomada de pepinos ou o creme de neve.

Depois de lavadas as mãos com agua quente, deve-se ter o cuidado de não as exor immediatamente ao contacto da agua fria, assim como depois de as aquecer ao fogo em tempo de inverno, não devem ser expostas ao frio humido da rua. A passagem repentina do frio ao calor ou do calor ao frio, altera o tecido cutaneo, endurece-o, gretta-o e ennegrece-o. As luvas são necessarias no inverno para resguardar a mão contra o frio, e no verão para evitar a acção dos raios do sol.

Eis aqui algumas formulas para aformosear e suavisar a pelle das mãos e do resto do corpo:

Pasta callidermica

Creme de sabão	500 grammas
Mel	450 "
Óleo de amendoas doces	400 "
Farinha branca de amendoas	150 "
Glicerina	100 "
Agua de rosas	100 "
Silício em gelatina	100 "

Pós leucodermicos

Farinha de amendoas doces	500 grammas
Farinha de arroz	125 "
Pós de Iyrio de Florença	50 "
Pós brancos de sabão	100 "

Misturam-se estas substancias, aromatizando-as com algumas gottas de essencia de geranio ou rosa.

Pasta de amendoas com mel

Farinha de amendoas amargas	500 grammas
Óleo de amendoas doces	1000 "
Mel	1000 "
Gemma de ovos	12 "

Derrete-se o mel, lance-se nelle a farinha das amendoas e juntam-se á mistura as gemmas de ovos. Acrescenta-se então o óleo e torne-se a amassar até estar formada a pasta.

O meio mais efficaz de suavisar a pelle das mãos e dar-lhe a finura que tanto realça a belleza, é o seguinte:

Toma-se um pedacinho, do tamanho de uma amendoa, de creme de neve, e, á noite, antes de deitar, friccionar-se as mãos em todas as direcções durante um minuto. Quando a pelle estiver bem impregnada deste perfume, cubram-se as mãos com luvas de pellica. Na manhã seguinte lavam-se com a pasta callidermica, que

é a preparação mais recommendavel, e ellas adquirirão a brancura da neve e a suavidade do setim.

As mãos vermelhas, da mesma sorte que as que têm as veias demasiado apparentes constituem uma fealdade na mulher.

Recommenda-se ás jovens que padeçam de tal defeito, que não lavem as mãos em agua quente, não usem collete ou vestido muito apertado na zona das axillas, porque a pressão exercida nesta parte do corpo origina a parada do sangue nas veias dos braços e das mãos.

Reijeitem-se da mesma maneira os punhos muito estreitos; mas, em troca, aconselham-se as luvas muito justas. Finalmente recommenda-se como meio chimico para fazer desaparecer as veias as loções com um liquido composto de 125 grammas de cyanureto de potassa.

Luvas. — O uso das luvas é indispensavel. Na sua fabricação empregam-se as pelles, a lã, o algodão, o linho e a seda. São preferiveis a todas, as luvas de pelle macia e elastica, pois não cançam as mãos, antes a suavizam.

As luvas variam tambem segundo as estações. As da pelle de gammo e de castor convêm para o inverno, assim como para o verão são as mais proprias as de pelle de cabrito, linho, seda, etc. Recommenda-se especialmente que se não tragam luvas muito apertadas no punho, porque, além de rasgar-se depressa, têm o inconveniente de maguar as mãos delicadas, impedindo a circulação e occasionando a dilatação das veias.

Fabricam-se luvas perfumadas, cujo uso não aconselhamos, porque podem causar, com o cheiro que exhalam, desmaios ou syncopes nas senhoras nervosas. Contudo, para as pessoas que desejam possuir a pomada de alguma agua destinada a perfumar as luvas, publicamos a seguinte:

Lyrio de Florença	160 grammas
Estoraque	60 "
Cilano aromatico	60 "
Lenho de oleos	30 "
Canella	5 "
Cravo de especie	5 "

Reduzem-se estas substancias a pé fino, vertendo-o depois em duas libras de agua. Deixem-se em maceração durante tres dias em temperatura suave e junte-se:

Agua de rosas	95 grammas
Agua de flôr de laranja	95 "

Distille-se a mistura em banho-maria.

Molham-se as luvas nesta agua e seccam-se á sombra. As luvas preparadas deste modo conservam durante muito tempo o perfume que a agua lhes communicou. As leitoras elegantes agradecer-nos-ão, sem duvida, que lhes indiquemos um meio facil e simples para limpar as luvas.

A composição mais segura é a seguinte, a qual se deu o nome de "guanteina":

Sabão branco em pó	250 grammas
Agua de gavelle, ou dissolução de chlorureto de potassa em agua	105 "
Amoniac liquido	10 "
Agua	155 "

Misture-se tudo e faça-se uma pasta, que se conservará numa vasilha tapada.

Estende-se sobre um pedaço de flanelle quantidade sufficiente desta pasta e esfregam-se as luvas com ella até que fiquem limpas.

Tornam-se então a esfregar com um panno secco, sopram-se para que ellas se alarguem, e deixem-se seccar á sombra.

Evitem-se as luvas perfumadas.



PERFIL DA MULHER BRASILEIRA

POR A. AUSTREGESILLO

(Continuação do numero precedente)

Não creio nessas razões. Abandonam-se, pela lei de menor esforço: pois uma vez iniciada a educação humanística, ou das artes, fácil seria continuá-la com o próprio esforço ou vontade. E' o venenoso "não vale a pena" que as dirige para o abandono das noções adquiridas e as riquezas de instruções recebidas; em nada são aproveitadas para os filhos que mais tarde della terão carencia, e não receberão no lar os primeiros benefícios da escola.

Representaria forte contingente economico se as esposas e as futuras mães conservassem sempre em apuro, e não deixassem em olvido, a educação custosa feita no lar paterno. Mais tarde, quando os filhotes precisam da cultura materna de antanho, tudo está esquecido, tudo perdido, e os novos paes tem que pagar caro esses thesouros de instrução e de arte que as mães, se os não tivessem abandonado, poderiam transmitir aos filhos e ás moçoilas.

E' esta uma das leis de economia, na qual menos pensa a mulher brasileira.

E educação, entre nós, como em todas as grandes cidades, é onerosa; os dispendios com a instrução dos filhos sobrecarregam os pequenos orçamentos familiares; e tudo isso se faz quasi sempre em pura perda, porque o dia seguinte do matrimonio, que é a suprema aspiração das nossas patrias, constituem a data fatidica da quasi renuncia dos bens intellectuaes adquiridos; o amor mata á minerva. A renuncia seria sobre a louvabilissima se não fosse anti-economica e prejudicial á educação dos futuros filhos. A dedicacão materna brasileira pelos pimpolhos é exaltada, como já foi referido. Deste exaggero nasce a morte da flor espirital e ás vezes da propria damaria ou galanteia. A noiva chique romantica e premdada de hontem e a esposa despretenciosa, modesta, caseira e ás vezes, um pouco abandonada de hoje; as transmutações operam-se ás vezes, em menos de um ou dois annos; e causam espanto as diferenças de moço galante noivando e os senhores apurados, e a esposa placida, meio abandonada das garrições passadas. A continuidade da cultura mental, o apuro da linha delgada do corpo e do espirito, a belidade da educação, tornam um lar feliz e perfumoso. A mulher deve ter em mente ser sempre a matriç e não a escrava, embora o marido tenha ares ou tendencia a súbito. Tudo ella conseguirá com a bondade intelligente.

V

QUALIDADES UTEIS FEMININAS — CARENÇA DE ALGUMAS DELLAS NAS BRASILEIRAS

As qualidades que devem predominar no caracter da mulher nacional devem ser: religião, amor, justiça, patria e humanidade. A religião incensa o lar e purifica a alma dos filhos. A casa que se desenvolve sob o idealismo do affecto é feliz. Esse sentimento predomina no perfil moral das nossas bondosas patrias. O amor deve constituir o eixo da acção humana, pois é o elo maior da nossa solidariedade no mundo. Nasce do seio da mulher, que recebe o osculo do homem e transforma-o no verbo mysterioso da maternidade, que representa a synthese do amor, a força imperiosa da fortuna humana, a pia das unções mortaes e dos respectos sinceros. O amor deve ser a propria mulher, que pressa ao homem para o filho ou esposo, os dirige para o bem e para a virtude, como a estrela do Pastor guiou os Magos. Amor, sentimento e mulher devem ser synonymos e constituir a grande força do bem, da rectidão e da justiça.

Para quasi todos os philosophos a justiça parece resumir o maximo do aperfeiçoamento da ethica e como consequencia ser a divindade da terra, o dogma da perfeitibilidade humana e do sentimento, porque só se faz a justiça em beneficio de quem sofre e de quem a reclama. Irradia naturalmente do amor dos homens e do respeito á verdade. A justiça é a aspiração da moral, o facto luminoso dos ideaes da civilisação. Com ella nasce o bem e a resignação, e della emana a coragem que ensina o caminho da felicidade. Todo homem que pensar no direito humano uma vez por dia tem ganho indulgencias para o seu eu, para a sua consciencia. Pois bem: a mulher deveria estar reservado o aprendizado da justiça do lar.

Não sei se o affecto excessivo das nossas patrias vedalhes um um pouco o espirito com sacrificar o caracter immutavel em principio e choramingas muita vez preparada argamassa do edificio do futuro do meu cidadão, mas devem ellas sempre cultivar o espirito de justiça diante do filho porque agricultarão a verdade,

que é o melhor espelho, no qual se poderão mirar e a-formesearem as almas ingenuas dos rapazolas. Agostinho de Campos na sobriedade elegante do seu estylo, mostra que o lar é a boa escola do caracter de filho. O tecto é o "rainado" materno.

Dissemos que no apuro da ethica, é a justiça, entre os homens, a maior virtude; corre como dogma que os povos se contam adiantados segundo o gráo de justiça que praticam; e vice-versa, quanto mais grandes ou menos bem constituídos, socialmente falando, menos a exercem, no valor rigoroso do termo. O maior embaraço para a sua pratica é o coração, humano, symbolo do bem, de amor, do sentimento, da caridade, da benevolencia, que também das paixões, odios, vinganças e sentimentos ruins. Se o sentimentalismo é a caracteristica do caracter da mulher brasileira, como se haverá ella no exercicio da justiça? Como esposa, mãe, noivas, filhas poderão comprehender o valor da justiça? A mulher brasileira, é como toda a mulher, vencida pelos sentimentos, pelas grandes paixões. Como, desejaria eu que a nossa bondosa patria fugisse sempre do seu coração quando julgasse os filhos, quando os educasse, quando os guiasse na vida!

Cabe á mulher educar o sentimento dos filhos e esposos; cumpre-lhe dar-nos conselhos para a vida, porque são inspirados no verdadeiro amor. O homem aconselha pelo raciocinio; a mulher, faz-o pelo sentimento. Qualquer idea que tenha no contendo um sentimento, é como já disse em inicio, mais forte do que a que tem raizes exclusivas no pensamento. A razão quando faz symbolos com o coração é mais forte do que quando se acha isolada. O bem nasce do pensamento amalgamado ao sentimento; é o grande consolo da vida, porque trescala perfumes salutareis á moral. O bem origina-se da mulher, que é o anjo dos lares.

Della o homem espera sempre a benção ou o amor, isto é, as forças para as peregrinações da existencia, para as aventuras da boa fortuna. A mulher é real e symbolica.

Aunque nobremente o homem a auxilia-a na actividade material da existencia; não é só a sua metade; é mais do que isto, porque é o proprio homem, pois sem ella, nada se faria socialmente, tirante mesmo a parte biologica da especie.

O bem que surge da acção educadora materna é enorme. O chefe da familia possui as redes do governo dos lares; porém, quasi sempre, as faculdades dos filhos derivam de ramo materno, e ha, por natural assimilação moral, mais união das mães nos filhos e dos paes ás filhas. E' lei quasi indelictavel, e os pólos contrarios, atrahe-nos e os de igual electricidade não se identificam tanto, na questão do amor paternal materno e filial. Não cabe, e sei bem disto, toda a responsabilidade ás mães e esposas; não são ellas familias; isto é sabido. Porém, são tantos os deveres e proceppados do homem, que mais por exemplo que por conselhos influirá na directriz educadora da familia.

Para os esposos e para os paes, não são ellas direitos a rigores, nem mesmo a justiça, com os filhos; deveriam ser boas e fortes e inocular-lhes sempre a noção do dever, que resume a noção do trabalho, da verdade e da justiça, a trilogia moral do bom cidadão. O bello coroa-ria a trilogia acima, como conquistista da suprema fortuna na existencia. O dever surge como a synthese da vida; é a propria existencia, a verdadeira felicidade o grande prazer. Deveria ser sempre indicado pelas mães e mães, pois só ellas poderiam guiar bem os homens no aprendizado civico. Quando uma mãe mostra ao filho o caminho do dever, planta na alma humana uma arvore fecunda. Quando a mesma genetriz releva faldas dos filhos, fomenta-lhes a maganagem quando os perdoe frequentemente os crimes de excessivos carinhos, e sem querer, faz matar a planta virtuosa do bem social, e deixa germinarem tufos de vegetaes daminhos, onde a mentira, a preguica, a covardia, os descanços de caracteres de quines, mais tarde, vão formar a personalidade do homem.

Segundo o meu espirito critico, são duas as falhas que encontro no caracter das nossas patrias; o excesso de carinho e o abandono das coisas economicas. Mal concededoras dos seus direitos, confiam egamente na tyrannia da fazenda paterna e marital e a consequencia não se faz esperar.

Não conheço noção mais urgente e necessaria ao espirito da senhora, entre nós, do que a economia. Typo novo, aventureiro, mergulhador, combativo, não affeito á miseria, indifferente á grandeza, o brasileiro é o molde acabado da imprevidencia monetaria. "Avós ricos, filhos remediados, netos esmolados". Se ha exaggero na manobra popular é pequeno, pois o povo quando formula conceitos, quasi sempre acerta". E' este o melhor bosquejo do nosso caracter economico.

A mulher, segundo as pegadas, ora por inercia, ora por passividade a que se affaz ao lado do homem, ora por educação, ora por indolência, não indaga do valor real do dinheiro. Ser rico ou ser pobre é uma questão á parte; ser económico, porém, é dever urgente de todos. Creio que a mulher brasileira deve estar reservada a obrigação de inculcar ao filho, não só boas palavras, mas também por acção o respeito á moeda, que é um symbolo, o resumo de muitas vidas, de muitas dores, de muito trabalho e de angustiosos snores. A mulher nacional é habitualmente avessa aos numeroes economicos; a noção de capital, de juros dos interesses, de proporções, é-lhe quasi indifferente.

O aprendizado economico deve nascer do lar, rico ou pobre, pouco importa, e a visitante delle que é a esposa ou a mãe, cumpre interessar-se sempre pela questão monetaria da familia. A cegueira feminina entre nós, neste particular, é lastimosa.

As senhoras por extrema bondade e grande confiança, menos prezam este aspecto da vida, e a consequencia é que quando perdem o chefe da familia, por causa da grande dor, e pela carencia de açoes em que vivem acerca do assumpto, deixam-se ingenuamente explorar por advogados, irmãos, filhos e conselheiros, em questões commerciaes, heranças, rendas, etc., e a triste resultante é a miúdo a ruína da lareira que deveria ser rica ou remedialda.

As pobres brasileiras, pela modestia, humilde e paciência, pela sua religiosidade doce do character, affazem-se resignadamente á subita transição da abastança á pobreza com serenidade verdadeiramente christã. Esta doce passividade orienta toda a familia á resignação que, ás vezes, é um mal, no conceito atthico, mas que não faz desgradar a energia, a coragem para a luta e para o dever.

As mulheres poderiam, entre nós, educar o espirito nas questões economicas, de juros, rendas, titulos, negocios, porque muitas, quando tocadas pelas necessidades occasionaes, denotam para energia, sabedoria financeira admiravel, verdadeiras pequenas estadistas da familia.

A mulher é quasi sempre, ponderada, conselheira. Conheci um notavel advogado do norte que sempre dizia: "Da mulher o repente, isto é, toda vez que o conselho feminino apparece, é bom". Esta formula pittoresca, resume o inicio da boa orientação que possuem as esposas e mães na resolução dos problemas moraes e sociaes que atormentam os homens.

Quantas vezes dellas recebemos a solução exacta, quando a nossa obsessão ou obstinação nos impede o bom raciocínio e a boa estrada?

Haverá pagina mais grandiosa de um coração de mãe! Nascentes mães brasileiras deste tronco heroico, sois delle pois legítimo avator.

Nos momentos das vossas angustias lide os conselhos consoladores de São Francisco de Sales, mas não procureis inculcar no animo de vossos filhos o medo ou a covardia, pelo justo egoismo do vosso amor!

Orá, a mulher, é a fonte da vida e do espirito masculinos, é a Castalia do sentimento viril, e a nutriz deve fornecer ás aguas todas as suas qualidades, para que o resultado seja bom e util á collectividade. O individualismo nas sociedades é cancro corrosivo; cumpre sejam todos a propria collectividade, e a força do lar, deve dirigir a vida do homem, pois ella trará para o bem commum a maior, a mais justa e util coadjuvação.

Todos nós em principio somos contra a guerra, como sou contra o crime, o assassinio; mas se o inimigo arrogante nos ameaçar, devemos ter a coragem de combater, até o extremo. Amemos o proximo desde que este proximo seja digno do nosso amor, derubemol-o quando filioso, mendaz, prepotente e felonico.

Não é da noite para o dia que se eria uma Esparta, e o amor á Patria deve ser amadurecido na escola e no lar. O fraco e o poltrão são parasitas agostias da sociedade. Toda idea de justiça e de paz deve ter seu ponto inicial de civilização no denodo e na coragem.

"Si vis pacem, para pacem, ed para bellum", modifiquemos o aphorismo classico dos sociologistas. A guerra é o melhor dos grandes males humanos, por que é com o sangue dos homens que se constroem os edificios do direito; pois, a humanidade assim quer, assim se faça. Em these, a guerra é molesta grave; mas para não nos sobornarmos, devemos fazer-lhe a prophylaxia, cujas bases estão no amor extremo á patria e na coragem pessoal. Os ideaes e calma passiva são indicio de covardia das nações; Deus quer a guerra porque a fez; os homens que se apercebem da vontade divina, e previnam-se contra os males, contra se acoutelem contra a peste, a colera, as inundações e as impiedades caniculares. A guerra é o transbordamento da força; contra ellas precisamos dos diques, das boas organizações militares, e estas convicções devem partir da escola primaria, e da mulher, conselheira suave e animosa, o estímullo sagrado do character do futuro homem. E' pois, da mulher que a patria brasileira muito espera, da mestra e mãe, da educadora de moral e de amor.

Outra necessidade imprescindivel ao character feminino brasileiro é o amor á patria, á nacionalidade, não só para as proprias convicções, mas, sobretudo, para inculcar no animo dos filhos a coragem varonil, para de-

fender o torrão natal quando ameaçado de vida ou na sua integridade.

O filho que se educa, bafejado pelo amor materno que lhe innocua todo dia na alma o dever de cidadão e a coragem para a luta, será semente fecunda para a grandeza de um paiz. Quanto valor os ensinamentos constantes, diarios que a mãe pôde inculcar no espirito do filho acerca do denodo, do amor á patria, á verdade, á justiça, á liberdade, á economia, enfim ao dever! E' o velho rifão latino do "guta cavat lapidem", pois a acção da gota d'agua é tremenda em sua constancia.

O tecto familiar é uma escola, cuja autoridade maior esta na mãe ou esposa. O homem pouco pôde fazer, pois, preso aos interesses profissionais, arrastados nos vortices da vida intensa da cidade e nas preoccupações, não pode ter segura vigilância do lar.

A mulher é a sua zeladora nata e sublime. O filho educado no caminho da justiça, do dever, e da serenidade, quasi sempre vem a ser um bom cidadão.

Alguns mães carinhosas, quando eu lhes falava de guerra, lastimavam-se, condemnavam o governo por causa do serviço militar obrigatorio.

Penalizou-me o assistir mães pedirem a medicos (e eu fui um delles) attestados mendicatórios para isenção do serviço militar, porque era barbaridade os rapazes fazerem exercicios ás 4 horas da madrugada! Amargou-me o coração o ouvir de mães, em extremo amor egoistico, ser intilidade o Brasil pronunciar-se no momento crucial para que os seus filhos não fossem para a luta; dou-me o sentimento ao escutar dellas a depreciação do gesto cavalheiresco do Brazil no conflicto europeu; fere-me angustiosamente os timpanos, o perceber de algumas senhoras o memoreio das coisas brasileiras em abono de paizes estrangeiros.

Permitti, mães, se me ouvis, transcrever da conferencia de Eduardo Schwabach acerca de mulher portugueza, a carta que D. Joanna de Avelar escreveu á regente:

"Senhora! Acabo de perder dois filhos: um que ficou na guerra do Mazagão, outro na guerra da India. Resta-lhe só este terceiro, o mais novo, ainda não soldado e que é o portador desta carta. Offereço-o á vossa alteza, para seguir o exemplo que seus irmãos lhe deram."

Ella é a empresa dos deveres mais graves do homem, da formação do character masculino, porque della proviemos physiologicamente, e muito a ella deveremos psychologicamente.

Quanto aprendizado pôde sair do fogão familiar? As noções altruisticas aperfeiçoadas da razão, da justiça, da coragem, do amor, do trabalho, da luta e da verdade.

Quão seria util á alma dos filhos se as mães lhes pregassem as doutrinas sadias do desprezo á fatalidade, do desamor á felicidade idealistica, da energia physica, do amor, enfim, á vida. Quanto lucaria o brasileiro se a sua educação sentimental materna fosse sempre acompanhada por grandes verdades que fazem do homem um homem, por principios simples, sinceros, esclarecedores das condições das lutas sociaes para a realização dos anhelos humanos!

A religiosidade, que é uma das essencias da alma da mulher, deveria ser feita dos principios sadios da creança e não do fetichismo da confiança, na acção humana, embora amparada pela vontade divina; porque entregar tudo ás mãos de Deus, é matar um pouco a iniciativa, é apadrihar-se de mais com a fatalidade, é crer na infelicidade ou na fortuna como acaso e não como acção individual.

A caridade deve ser largamente pregada no solar pela mulher; não a esmola pessoal e sim a colectiva. Quanto pôde entre nós fazer a mulher em beneficio dos desgraçados. A esportula aos mendigos de rua é em geral contraproducente, pois fomenta a malandragem e mata o estímullo de quem poderia trabalhar.

O trabalho é evidentemente a maior garantia da vida quasi sempre viciados ou suicidas; o cansaço profissional, é o mais seguro caminho da felicidade. Os inactivos são quasi sempre viciados ou suicidas; o cansaço profissional um venenoso hecathia de honra. A preguiça é erro de refração dos olhos da alma que se sitam na inactividade, julgando-a fortuna.

A cooperação feminina na assistência aos desgraçados tem produzido no mundo inteiro os melhores resultados; é a acção altruistica de mais alta moral.

(Continúa no proximo numero)

MARAVILHA DA TOILETTE

MARCA REGISTRADA

O ENCANTO DAS DAMAS

Hygiene, Conservação e embelezamento da pelle

NAS DROGARIAS, PHARMACIAS E PERFUMARIAS

DEPOTIC GERAL

LABORATORIO PAULISTA DE HOMEOPATHIA

30, Rua Marechal Deodoro, 30 - Telef. Centr. 2198 - S. PAULO

Consultorio Medico gratuito

DA "REVISTA FEMININA"

M. L. B. Garanhuns — Conforme seu pedido seguiu resposta por carta.

R. S. — S. Paulo — As sardas são melhoradas pelo uso constante da pomada seguinte, applicada á noite:

Bichloreto de hydrargirio	0,10
Oxido de zinco	5,00
Lanolina	15,00

Faça uma applicação todas as noites, na manhã seguinte lave o rosto com agua morna e sabonete, durante o dia applique AGUA DA BELLEZA.

Marina, Nesta.— Os vomitos da gravidez têm differentes origens; o mais das vezes são, ou phenomenos de intoxicação materna pelo feto, ou o resultado de uma insufficiencia hepatica ou supra-renal.

Quando esses phenomenos se accentuam e os vomitos se tornam incoerciveis pondo em perigo o organismo materno o unico remedio consiste na provocação do aborto após um laudo unanime de diversos profissionais.

Na maioria das vezes se obtém resultados bons, com o uso da seguinte formula:

Estovaina	0,30
Sulfato de atropina	0,01
Sol. de adrenalina Davis	
Agua chloroformada	10,00
Tome cinco gottas cada tres horas.	

Wallace — Juiz de Fóra — Quer V. S. uma formula que combata seu rheumatismo sem receio de tomar medicamentos que perturbem a gravidez; tome ás colheres, das de sopa, de trez em trez horas, o seguinte:

Salipirina	4,00
Sulfato de esparteina	0,05
Glycerina	20,00
Agua distillada	100,00

N. X. G. — Vargem Grande. — Poderia aconselhar-lhe tonicos diversos, entretanto a sua historia leva-me a pensar que o mal que a persegue é apenas, Opilação, ankylostomiasis: essas perturbações gastricas, falta

de appetite, anemia pronunciada e toda a symptomatologia que accusa pôde ser enquadra no mal que infelicita grande parte da população do interior do Brasil.

Verifique-se expontaneamente ou depois de um purgativo expelle alguns vermes pequenos, do tamanho approximado de um centimetro, se isso acontecer, tome em jejum:

Oleo essencial de chenopodio	15 gottas
Oleo de ricino	40 grammas

Se não encontrar ahi o que receitei tome um purgativo salino á noite, na manhã seguinte, cada cinco minutos uma capsula contendo uma gramma de thymol, até perfazer seis e duas horas depois outro purgativo salino.

Para combater a anemia propria da molestia aconselho-lhe o uso de GUDERIN ou PALATOL, duas colheres das de sopa por dia.

Branca L. — A proposito das enfermidades da pelle, o que ha de melhor, de mais completo, é a serie de artigos que estão sendo publicados nesta revista sob o titulo "Arte da belleza". No presente numero trata-se exactamente do assumpto que lhe interessa

A diversas consultas respondemos directamente, por carta.

Pedimos encarecidamente que as consultas venham com informações detalhadas, principalmente quando se trata de crianças é imprescindivel saber a idade, estado de saude dos paes, e irmãos para que

se não veja a braços com serias difficuldades o

DR. JOENFI.



Molestias genito-urinaes
— Partos —

Dr. F. A. Dellape

Res.: Tel. 2799-Cent.

Cons.: Rua S. Bento, 29-B - das 2 ás 5
Tel. 146-Cent.

JARDIM FECHADO

(Nesta secção publicaremos pequenas comunicações de nossos leitores, bem como produções literárias que não excedam de 60 linhas em prosa e de 14 em verso.)

E' o nosso intuito desenvolver assim o gosto litterario entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondencia util e interessante. As produções litterarias deverão ser assignadas, sem o que não serão publicadas).

QUERIDAS AMIGAS

Uma das gentis frequentadoras deste "Jardim" propoz uma enquete, que tem por fim saber em que consiste a felicidade. Para essa enquete, tão interessante, poucas respostas têm apparecido, e é pena.

Eu não que cada qual tem a sua maneira pessoal de julgar a felicidade.

Eu, por exemplo, que sou noiva, começo a sentir-me feliz, mas sinto que essa felicidade só pode ser completa quando eu realisar o meu ideal, que, por ventura minha, está bem proximo.

Meu, noivo, com quem troquei idéas a respeito deste questionario, pensa exactamente como eu. Somos, portanto, duas pessoas para as quaes a felicidade consiste no casamento.

Mas, para os casados, em que consistirá ella? Acho, pois, que essa pergunta não deve ser assim tão generalisada, mas restringida ao estado, á posicao, ao posto, á tenencia, á educação, á idade, ao sexo, á illustração, ao temperamento enfim de cada pessoa.

E' o que penso. Tenho ou não razão?

Botucatu — ZIZINHA

□ □

A' Nair Veiga envio o unico soneto de Gonçalves Dias o cantor dos "Tymbras".

Balzel veloz, que ao timido elemento
A voz do nauta experto, afoito entrega
Demora o curso teu, perto navega
Da terra, onde me fica o pensamento.

Emquanto vives cortando o salso argento,
Desta praia feliz não se despêga
Meus olhos, não, que amargo pranto os rega,
Minha alma sim, e o amor que é meu tormento

Balzel, que vais fugindo despedido,
Sem temor dos contrastes da procella,
Volta ao menos qual vais, tão apressado;

Encontre-a eu gentil, mimosa e bella
E o pranto que ora verto, amargurado,
Possa eu verter feliz no seio della.

Agradeço ás gentis amiguinhas as respostas que me deram sobre a maior felicidade. Essas respostas eu estou transportando para um album. Espero outras respostas. Entre as minhas amiguinhas do "Jardim" não existem algumas que façam collecção de sellos? Eu collecciono-as e desejava troca. Colleciono chromos, conchilhas e caracujos interessantes. Pago collecção de flores secas e peço muitos edelweiss candidos e lindos.

Envio ás amiguinhas os meus cumprimentos e votos de um feliz feriado.

Itapetininga — SERTANEJA.

□ □

Amiguinha Nair Veiga.

Si eu não estou enganada, é a gentil amiguinha uma graciosa colleccionadora de bellos sonetos da lingua portugueza. Tambem sou apreciadora dos quatorze versos de um sonetinho bem feito. A differença, porém, é que o meu gosto não seja, talvez, tão aprimorado como o seu.

Aqui, nesta deliciosa secção da "Revista Feminina", apparece, ás vezes, uma dessas maraviosas produções poeticas que lhe offerecem as gentis collaboradoras. Cabe-me, agora, a oportunidade de perguntar si a distincta amiguinha conhece os lindos sonetos "A cegonha" e "Irmãs de caridade", do saudoso poeta Annibal Theophilo. Não?

Si a amiguinha conscia tiver a gentileza de me responder pela negativa, terei eu o prazer de estampar, brevemente, aqui, os referidos sonetos.

Aguardo sua attenciosa resposta

D'ORINHA (Rio)

Bons dias boas amiguinhas.

Venho, por meio deste perfumado Jardim, pedir auxilio ás formosas florinhas, para me ajudarem a realisar uma idea que ha muito alimento

Eis o meu ideal. Desejaria colleccionar em um pequeno album os nomes dos mais celebres poetas, poetisas, e escriptores brasileiros, assim como localidade e anno em que nasceram; exemplo: Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de São Paulo a 12 de Setembro de 1821 e falleceu a 25 de Abril de 1852.

Se as amiguinhas subirem as suas principaes obras ainda mais agradecerei.

Approvamos as minhas gentis patrinhas? Assim espero. Envio um estinho repleto de bellos para ser espalhado neste encantador e amado "Jardim".

S. Paulo, Junho, 3 DEOLINDA MARTINS.

□ □

"Lilas" faz saber a todas as amiguinhas do "Jardim" que mudou o seu pseudonymo para o de "Lygia Maria".

Bravo, Potyguarina! ha muito já havia tambem pensado em reclamar da nossa estimada redactora uma secção musical!...

Vejo que a amiguinha muito concorda comigo no modo de pensar! Um abraço da Lygia Maria.

□ □

I. MINEIRA

As suas perguntas são realmente interessantes e como taes dignas de toda a attenção das caras amiguinhas do "Jardim".

1.ª Tenho um cerebro, porque naturalmente o tem todos os homens, e se o tenho é, certamente, porque o Creator, querendo elevar-me acima do irracional, escolheu o cerebro para nelle collocar as grandes faculdades de intelligencia, memoria e vontade. Pela faculdade da intelligencia não é que o homem se distingue dos irracionais? Estes sofrem, gozam, actuam mas não possuem a razão que é uma das principaes divisões da intelligencia. Não gozam da percepção interna e externa, não fruem do poder da comparação, da abstracção, da generalisação, do juizo e do raciocinio.

Onde se acham as faculdades de conservação, combinação, memoria e sobretudo da associação de idéas, grandes faculdades estas por meio das quaes o homem cria novas concepções?

Onde se aloja a razão, esta tão importante faculdade, que nos sobrepõe ao bruto? Este pôde recordar-se, pôde sentir a dor como a alegria, mas nunca saberá porque sofre, qual a causa da sua felicidade; porque só o homem julga, generalisa, forma raciocínios, e uma palavra porque só elle conhece o bello, o infinito, cousas essas que jámais poderão ser atingidas pelo irracional. A imaginação tão bem dominada "la folie da logia", auxiliada pela memoria, reinam impetivamente no cerebro, conjuncto sublimado de tudo o que a alma tem de nobre.

2.ª Creio, Mineira, que a mulher é mais sensível e mais casta do que o homem, devido a educação particular que elle e como verdadeiramente no cerebro, conjuncto sublimado de tudo o que a alma tem de nobre.

3.ª Creio, Mineira, que a mulher é mais sensível e mais casta do que o homem, devido a educação particular que elle e como verdadeiramente no cerebro, conjuncto sublimado de tudo o que a alma tem de nobre.

4.ª Sendo a constituição organica do homem em alguns pontos differente da da mulher, não resta duvida que o sexo macho seja mais pesado do que o fêmea.

5.ª Evoluiu mais aquelle que perdeu mais peso por conseguinte aquelle que apresenta meros densidade.

6.ª Creio não haver uma idade determinada em que a mulher pense em se casar. Deverá pensar em casamento aquella que se julga apta e com disposição para cumprir fielmente seus deveres conjugaes.

Aqui fica o meu parecer. Submetto-o a sua critica e abraço-a fraternalmente

LYGIA MARIA.

ESPERANÇA

A quem amo

Crepusculai!... No horizonte em brasa, vê-se o espaço cortado por aves que, saltando pílipos ternos, esvoaçam buscando ansiosas o ninho!

Pouco a pouco a noite torna-se silenciosa e grave e a lua cheia, magistosa e leve, envolta no seu manto argentino, despedia raios de prata pelas mansas águas do silencioso rio...

Espira, espira o esposo que não tardará a deixar seu assíduo trabalho para juntar-se à sua bem-amada!...

E a noite esplende e o céu azul resplandece de estrelas e a viração tão pura traz um frescor delicioso.

A esposa melga sobre o berço do inocente filhinho, embala atenta, e interrompendo a furto seus meigos carinhos, applica o ouvido! — Que faz?

E a esperançosa noiva, no vicejar ardente da louca mocidade, num longo frenesi, corre pelos toldados os azeites e delicados dedos, interrompendo uma peça, para recomenciar, tres vezes, somente porque deseja a visita de um terno amigo! Deseja somente?!...

Deseja, portanto esperar!

E o pobre mendigo, ao pé da estrada, extenuado de fadiga, que faz nesta hora tão silenciosa, entre o negro veu da noite que lentamente desce e o suspirar saudoso do dia que se evaa, contemplando o esvoaçar das aves notívagas, tão só?!...

Sem lar, expatriado, faminto!... Não teme por acaso os malefícios dentes da vibora, o punhal sedento dos malefícios, as inclemências da fria noite?!... Que cousa faz elle consolar que o põe tão confiante!... Qual a sua defesaa!... Mendiga noite e dia qual a sua divisa!...

— Esperar!... Oh! sublime e consoladora palavra!... Esperança! Pedra philosophal em cujo contacto os mais negros sonhos tornam-se brilhantes escudos contra os reveses da sorte! Esperança! Deusa consoladora, deidade symbolica em cujo seio tudo é alegria e prazer!... Vejo-te em sonhos, a fronte aureolada de esmeraldas rodeadas de esplendor divino, passar carinhosa, derramando nos teus corações o balsamo suavisador do teu sorriso!... Sem ti, que seria dos corações sonhadores! Corações que, ao verem frustrados seus sonhos, gottejam lagrimas de puro soffrimento que recolhes como amor para ornar tua brilhante coroa!...

LYGIA MARIA. (Minas)

□ □

A' Mlle. C. L.

Apezar de não ter gosto apurado para escolher taes presentes, principalmente para noivos, vou indicar-lhe dous: Talvez se agrade d'um e mais certo é, de nenhum.

Mas em todo o caso...

Em 1.º lugar: Eu offereceria um lindo "Pregador de Gravata". Sendo elle ornado somente com uma grande pedra de brilhante, e só. Não ficaria mal!

Em 2.º lugar: Bordar-lhe uma "pasta de cartas" chic.

A qual dos dous o noivo dará mais attenção? A meu ver, é a "pasta". Isso, por certo, terá mais valor do que um objecto comprado, não acha?

Eu tenho modelos bellos. Se quizer aproveitar (mas creio que não) estou as ordens de Mlle., pois sei quanto é embaraçoso fazer-se um tal presente!

Mas uma "pasta", sendo a capa de veludo de seda preta ou azul marinho, e o interior setim cor de rosa ou salmão, nada ha de mais delicado.

O mesmo pode-se fazer a capa de setim. Isto estará ao gosto de Mlle. Se Mlle. quizer aproveitar, responda pela revista, a Lygia Marquet, S. Maria.

□ □

Mlle. C. L.

Mademoiselle anda ansiosa porque se responde á questão que uma das collaboradoras desta secção aventou, e que é a seguinte: "Usa a noiva pede ás amiguinhas do "Jardim Fechado" para indicar-lhe qual o presente que se deve dar a um noivo, no dia do seu anniversario, sendo este um rapaz de apurado gosto e de fino trato".

Ea tambem li essa nota, publicada ha muito tempo nesta secção, e publicada ha tanto tempo, que é provavel que a tal noiva, cansada de esperar uma resposta, já se casou, sendo tambem provavel que se casou sem dar nenhum presente ao noivo.

Agora, instigada pela ingenua curiosidade de L. D., é que me occorre dizer alguma coisa. A questão é ingenua, tão ingenua, que só podia ser formulada por uma mocinha muito nova e inexperience. De facto, "um moço de apurado gosto e fino trato" constitue uma immensa generalidade. Mas, particularizando, poderia eu responder nas seguintes condições: Se é para um homem de letras, o melhor presente é um livro raro; se para um guarda-livros, uma caneta-tinteiro de ouro; se para um empregado de estrada de ferro, um relógio de vint e duas libras; se para um amante de negros, uma carteira; se para um musicista, uma partitura de Debussy; se para um jornalista, o dictionario Larousse; se para um elegante, meia dúzia de camisas de seda; se para um jogador, um par de d'vlos de marfim; se para um caricaturista, um album de honon d'Aschey; se para um athleta, uma collecção de halteres de ferro; se para um occultista, as obras de Eliphas Levy; se para um valetão, um aze de brilhante sobre platina; se para um bebedor, uma caixa de Pommeary; se para um "gouronnet", latinhas de "paté de foie gras"; se para um supersticioso, o livro dos sonhos; se para um namorado frivolo, o dictionario das flores; se para um noivo grave, uma carteira; se para um astronomico, um telescopio; se para um choramiga, uma duzia de lençóis; se para um pintor, uma palhetta; se para um poeta, um dictionario de rimas; se para um avarento, uma birra; se para um desperdicado, uma carteira rota; se para um valente, um cacetete; se para um tímido, um apito; se para um ladrão elegante, uma gazeta; e um pé de cabra; se para um fructivo, fructas; se para um carniuero, carnes em conserva; se para um anemico, vinhos quinaes; se para um sportman, uma collecção de "La vie au grand air"; se para um preguicoso, uma rede; se para um colleccionador, um objecto raro; se para um risinho, a collecção do "Don Quichote"; se para um melancolico, as poesias de Casimiro de Alencar.

A lista não tem fim.

Diga mlle. C. L. a qual destas coisas pertence o seu noivo, e eu lhe direi que presente lhe deve dar.

Corinna, S. Paulo.

□ □

NAIR VEIGA

Tenho acompanhado, com um interesse facil de imaginar, a enquete sobre sonetos brasileiros iniciada, já ha tempos, pela senhora, e que é, desde entao, umas das coisas mais curiosas que se lêem nesta esplendida revista. Muitos dos sonetos, escolhidos pelas collaboradoras da secção "Jardim Fechado", são lindissimos, alguns são fracos. Isso corre por conta do gosto de cada uma. O que me admira, o que me surpreende é que, tratando-se de uma collecção de sonetos brasileiros apontados como os melhores, nenhum ainda se lembra-se do mais bello, do mais popular, do mais encantador, singello, que tolo o mundo sabe de cor e que todo mundo, artistas ou leigos, está de accordo que é um dos mais perfectos da lingua. Refiro-me ao "As pombas", de Raymundo Corrêa. Não é mesmo extranhavel que até agora, depois de mais de um anno de contingentes de sonetos, nenhuma moça citasse essa pequena obra prima do grande poeta.

A injustiça é flagrante.

Pois aqui vae o soneto celebre:

Vae-se a primeira pomba despertada,
Vae-se outra mais, mais outra... emfim dezenas
De pombas vão-se do pombo, apenas
Raia, sanguinea e fresca, a madrugada.

A' tarde, quando a rigida noitada
Sopra, as pombas, de novo, ellas, serenas,
Rufando as azas, sacudindo as pennas,
Voltam todas em bando e em revoadas.

Tambem dos corações onde abotam
Os sonhos, um por um, cêreres voam,
Como voam as pombas dos pomboes;

No azul da adolescencia as azas toltam;
Fogem... Mas aos pomboes as pombas voltam,
E ellas aos corações não voltam mais.

Na verdade, não pôde haver composição poetica mais bella. Perto de dez que valem os sonetos "almofadinhas" que se fazem actualmente?

Enriqueça a sua preciosa collecção com mais este, graciosa Nair.

Fortaleza, Maio, 1920.

RITA RAMOS.

A'S MÃES — As mães não podem prescindir da "NOVA SEIVA", o magnifico livro de contos para creanças, devem compral-o para offerecer aos filhos. E' um presente encantador.

Tem centenas de gravuras lindissimas. E' uma edição de luxo que custa apenas \$5000. A' venda nesta redacção. Pelo correio sob registro enviamos por Rs. 6\$000. Pedidos á redacção da "Revista Feminina", Avenida São João, 87 — S. Paulo.

REVISTA FEMININA

LIVROS A VENDA NESTA REDACÇÃO

As nossas leitoras e assignatees não podem prescindir de um certo numero de obras que são necessarias na estante de uma senhora. Todas as que temos a venda, nesta redacção, são uteis, interessantes, curiosas, absolutamente moraes.

Nos preços marcados em cada um dos volumes está incluído o registo do correio.

Acceptamos, pois, pedidos das seguintes obras:

ESCRAVA OU RAINHA, lindo romance publicado nas paginas da "Revista Feminina", e que tanto está alcançando. E' edificante pela sua concepção altamente moral, e ao mesmo tempo delecta o espirito pela sensação, cada vez mais crescente, dos seus episodios. O entrecho desse magnifico romance, é tão bem vivido, que o leitor se deixa succumbente arrastar através das suas paginas, vivendo a vida dos seus personagens e transportando-se para o lugar onde a acção se passa. E' uma leitura que satisfaz a todos os gostos.

Um grosso volume nitidamente impresso. — Preço 45000.

ENTRE DUAS ALMAS, é um romance sensacional que tem feito um immenso successo em todo o mundo. Elle conta 12 traducções para quatro idiomas, a que pôde bem em evidencia o seu valor. E' um romance moral, e cujo curso decorre de uma maneira empolgante. Um volume, preço 45000.

COLLECÇÕES ENCADENADAS DA "REVISTA FEMININA", referentes aos annos de 1917, 1918 e 1919. As pessoas que não colleccionaram a nossa revista ou aquellas que têm curiosidade de conhecê-la, devem adquirir as nossas colleções, que formam grossos e luxuosos volumes encadeados em percaline e cores diversas, com dizes a letras douradas. Volumes proprios para presentes de anniversario e que devem ser conservados como livros de consulta, merecendo a sua variada e interessantissima leitura. — Preço 25000 cada collecção.

LES ROMANESQUES, comedia em verso do Ed. Rostand. Edição de luxo, com numerosas e lindissimas illustrações e em fino papel glacé. Volume encadernado proprio para presente. — Preço 150000.

FLORES DE SOMBRA, comedia de Claudio de Souza, uma das obras de maior exito no theatro nacional. — Preço 35000.

MANUAL PRATICO DE DACTYLOGRAPHIA, por Eunice Constantino. A obra mais pratica para os que desejam aprender e aperfeiçoar-se na escripta á machina, com quadros e desenhos elucidatorios, conselhos sobre exercicios e dechilhagem e tudo mais que diz respeito a essa arte. Ninguém se pode julgar um perfeito dactylographo se não conhece essa obra, que é a mais util de todas e a que maiores aperfeiçoamentos introduziu na manobra de machinas e o alphanetico. — Preço 75000.

ALBUM DE BRODERIE AU POINT DE CROIX, obra utilissima para as senhoras que se dedicam á arte do bordado. Edição elegante, com numerosas e minuciosas illustrações explicativas de cada passo do trabalho. — Preço 45000.

LA BRODERIE AU PASSE, lições deste bordado. Bonita edição, cheia de gravuras e texto claro. — Preço 45000.

NOVA SEIVA, o melhor livro de contos que ha para creanças. Contos instructivos, interessantes pelo curdo, e escriptos em linguagem simples, correcta, ao alcance das intelligencias infantis. Grande volume in-quarto, encadernado, com varias centenas de nitidas e graciosas gravuras. Edição lussuosa propria para presentes ou para premio ás creanças estudantes. — Preço 45000.

MADRE MARIA THEODORA, elegante e luxuosissima polyanthia offerecida á Superioria Provincial das "Irmãs de S. José de Chambray". Precioso volume, de cerca de seiscentas paginas, cheio de lindas gravuras e impresso em finissimo papel glacé. — Preço 135000.

CANTOS DE LUZ, grosso e luxuosissimo volume de poesia e musica, de collaboração de Luiz Guimarães Filho e Carlos de Campos. Uma das obras mais ricas, mais elegantes e mais artisticas que o mundo dos prelos nacionais. Edição de luxo em magnifico papel, com composições a duas cores, vihetas de arte e desenhos encantadores de Corria Dias. Fina encadernação. Obra propria para presente. — Preço 215000.

A LUA CRESCENTE, collecção dos famosos poemas do grande poeta indio Rabindranath Tagore, que, pelo seu alto valor, recebeu o premio Nobel, que o consagrou o maior poeta da sua raça e um dos maiores do mundo. A versão em prosa portugueza, de Plácido Barbosa, é excellent, dando bem idea da belleza original dos poemas. Quem não conhece a poesia oriental, tão suggestiva, tão profunda, tão original, deve ler esta collecção do poeta indio. — Preço 45000.

O TURBILHÃO, essa peça theatral de Claudio de Souza, que é uma das mais sensacionais creações do moderno theatro e que tanto exito tem alcançado, acaba de ser publicada numa elegantissima brochura e com uma formosa capa a cores. Vende-se nesta redacção a 35000 cada exemplar. — Pelo Correio, registado, 35500.

A DOR DE AMAR, um dos mais interessantes romances da vida actual. Narracção de amor, cheia de episodios sentimentaes e interessantes comoventes. O autor, neste romance, tem conceitos sobre a vida sentimental que impressiona pela sua justezza e verdade. — Preço 45000.

A ESTHETICA DO SILENCIO, obra de critica e psychologia de P. Leonardo Marcello. As que desejam iniciar-se em arte, não podem prescindir deste livro, que é precioso como analyse e critica dos grandes artistas e de todas as escolas litterarias. Um elegante volume em magnifico papel. — Preço 55000.

RECEITAS DE BELLEZA

PARA COLORIR OS CABELLOS

Desde os tempos mythologicos — com a magica Medea — o homem procurava, sem cessar, por meios artificiaes, aos estragos da idade, visando principalmente os cabellos brancos, que são os primeiros e os mais evidentes signaes da velhice.

Entre as tinturas usadas para, tal fim figuram as de saes de chumbo, de prata, de cobre, de mercúrio, de cal, de bismutho, de estanho e outras, que produzem sobre o organismo inteiro graves desordens que só muito tarde são percebidas. As tinturas americanas são a base de sulfato de cálcio e sulfato de amoníaco. São meios tóxicos, mas irritam o couro cabeludo e provoca a calvície rápida. As tinturas a base de nitrato de prata, tão espalhadas, são de acção tóxica, lenta e fatal. Ha, porém, alguns productos vegetaes inoffensivos que, infelizmente, dão uma coloração muito fraca e pouco duravel. A unica que se pôde recomendar sem receio e que dá resultados admiraveis, é a Petalina, com a qual se pôde obter, graças aos dozes, todos os tons, do castanho claro ao negro ginevise. Infelizmente esse producto é raro em nosso meio, sendo a única a Petalina, de onde actualmente só pôde vir com grande difficuldade.

A Empresa Feminina Brasileira acaba de receber uma pequena quantidade.

Podeu obtê-la por intermedio da nossa "Revista", enviando a importância de 105000 e mais 5500 para a remessa.

BELLEZA DAS UNHAS

Um dos peores vicios que se adquire na infancia é o de roer as unhas. E' um vicio de que o individuo difficilmente se corrige. O menor dos seus inconvenientes é o de deformar a ponta dos dedos trazendo-os sempre angustados. Esse é o menor, porque o maior dos seus inconvenientes é affectar a economia geral do organismo.

Corrêr-se algum desse vicio pela força de vontade é tão penoso, ou mais, como declarar de fumar.

O unico meio, o unico processo é usar a Onichophagina, que se applica com um pincel debaixo das unhas e se deixa secar. Se se trata de corrigir a creança desse vicio, deve-se renovar a applicação todas as vezes que elle lavar as mãos.

A Onichophagina vende-se a 55000 o frasco. Pedidos na "Revista Feminina".

NOS TOUCADORES ELEGANTES

Entre os productos que devem figurar no tocador de uma mulher elegante recomendamos muito especialmente o creme DERMINA, ultima palavra, em materia de creme para amaciar a pelle e para curar INFALIVELMENTE todas as erupções da pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções.

Chegam-nos diariamente attestados entusiasticos da sua effcacia. Podem-nos citar as nossas leitoras, por 58000 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importância, accrescida de 5500 reis para o porte do correio.

Avenida São João N.º 87 — São Paulo.

MARAVILHA DA TOILETTE

Este producto, preparado no Laboratorio Paulista de Homeopatia, dirigido pelo dr. Alberto Scarpa, é o que ha de mais fino e hygienico para a pelle, e tem a propriedade de alisar e amaciar a cutis, fazendo desaparecer as asperezas e má coloração. Não se trata de pintura propria para artificios, mas de um producto hygienico, de absoluta effcacia.

São duas as suas fórmulas: a n.º 1, apropriada para as senhoras que têm a pelle do rosto humida, gordurosa, com poros muito abertos, e a n.º 2, destinada, ao contrario, ás senhoras cuja pelle é secca e tem os poros fechados, com espinhas e borbulhas.

Endeamos nesta redacção. A 45000, pelo correio, registada, 55500.

CREME DE BEAUTE' ZABELLA E LOÇÕES

Preparado por Madame Zabella, directora do Consultorio Technico de Belleza, do Rio de Janeiro. Esse creme é usado como geralmente se usam todos os cremes. Engano os outros, porém, só servem para branquear a pelle e fazer a pele de Beauty. A Zabella, tem, além dessa utilidade, em que supera os melhores, a propriedade de curar todas as enfermidades da cutis, como manchas, boças, eczêlides, pannos, asperezas e outros defeitos, que tanto affeiam o rosto.

A sua effcacia é garantida. Ler no prospecto a maneira de usar. A venda nesta redacção, 85000, pelo correio, registado, 105000. PREPARADO N.º 1, loção adstringente para a cutis de transpiração gordurosa, para manchas, pontos negros e borbulhas. Humedece o rosto com este preparado, faz-se uma pequena massagem com o "Creme de Beauté Zabella". A cura é garantida das enfermidades da pelle. — Preço 35000, pelo correio, 40500.

PREPARADO N.º 2, loção emoliente para a cutis muito delicada. Esta loção, pelos seus componentes medicinaes e hygienicos, deve fazer parte daspaveas das coisas uteis e indispensaveis a todas as damas que prezam a sua belleza. Sua acção é extraordinaria contra as manchas de sol, as asperezas da pelle produzidas pelo frio e outras causas, tendo a propriedade de amaciar e branquear a cutis. Depois de usar, applicar-se o "Creme de Beauté Zabella". Preço 85000, pelo correio, 105000.



O MENU' DE MEU MARIDO

SOPA DE FARINHA DE ARROZ OU MAIZENA

Desmancha-se tres colheres de farinha de arroz ou maizena, em meio litro de caldo frio, indo depois ao fogo para cosinhar, mexendo-se com uma colher de pau para não encaroçar. Junta-se em seguida, um litro de caldo e deixa-se ferver. Desmancha-se na sopleira, quatro gemas de ovos, com tres colheres de caldo frio despeja-se a sopa, mexendo-se para ficar bem ligada com os ovos.

MOLHO PARA PEIXE ASSADO

Socca-se algumas cabeças, sem os olhos, de uns camarões, já cozidos; junta-se-lhes um pouco de agua ou leite e passa-se num passador muito fino; torra-se outra porção de cabeças, dellas se faz um pó bem fino. Deita-se azeite numa caçarola e quando estiver quente junta-se todos os temperos, um pouco de caldo de limão, bastantes tomates e uma colher de manteiga, depois de tudo bem refogado, junta-se o pó das cabeças e o mólho das outras. Engrossa-se com um pouco de farinha de trigo e quando esta estiver cosida, tira-se a caçarola para o lado do fogo e acrescenta-se duas gemas.

ESPARGOS COM QUEIJO PARMEZANO

Depois de cozidos ou esquentados, toma-se um prato que possa ir ao forno, deita-se-lhe um pouco de manteiga derretida, colloca-se sobre esta uma camada de espargos, polvilhos com queijo Parmezano ralado, outra de manteiga derretida, outra de espargos, outra de queijo e assim até acabarem os espargos, sendo a ultima de farinha de rosca que se rega com manteiga derretida. Vae ao forno quente para corar.

POMBOS ASSADOS NO ESPECTO

Depena-se, tira-se os intestinos e chamasca-se, os pombos. Toma-se uma tira delgada de toucinho gordo, colloca-se sobre o peito dos pombos, ligado com um barbante. Dá-se dois ou tres golpes sobre o toucinho, enfia-se os pombos no especto e põem-se a fogo vivo. No fim de meia hora devem estar assados; tiram-se do especto, corta-se o barbante que ligava o toucinho, conservando-se este. Collocam-se, os pombos, no prato e servem-se com um bom mólho.

CREME COM GOIABADA E SUSPIRO

Bate-se 5 gemas de ovos com 5 colheres de assucar, depois de bem batido junta-se um copo de leite, 1 colher de manteiga e 1/2 colherinha de canella. Vae ao forno quente em vasilha funda, estando assado espalha-se por cima uma camada de goiabada desmanchada em um pouco de agua e outra camada de suspiro. Volta ao fogo para secar a neve. Serve-se na mesma vasilha.

PUDIM DE ESPINAFRES

Torra-se um mago de espinafres, escolhe-se, lava-se bem e vae ao fogo para aferventar; feito isto lava-se de novo em agua fria e bate-se bem com uma faca de cosinha. Em uma vasilha deve estar de mólho em 1/2 garrafa de leite um pão de tóstão do qual se retirou toda a codêa com o qual faz-se uma massa bem fina, e deita-se dentro della o espinafre, 1 colher de manteiga, uma de queijo parmezão ralado e outra de farinha de trigo. Mistura-se bem e deita-se em uma fôrma untada e vae cosinhar em forno brando ou banho maria.

KOLA SOEL — ANEMIA, FRAQUEZA, RACHITISMO, MOLESTIAS do ESTOMAGO

UTIL NO CRESCIMENTO DAS CRIANÇAS



Vida feminina

Arte
Ciência
Letras

EMIGRAÇÃO DE MULHERES

O governo português, tendo observado que ha grande numero de mulheres, entre 16 e 20 annos de idade, que emigram para o Brazil, completamente desacompanhadas de pessoas da sua familia, acaba de tomar uma providencia no sentido de pôr cobro a esse lamentavel estado de coisas.

Assim: pois, o governo determinou que, enquanto se faz a remodelação do regulamento dos serviços de emigração, as mulheres solteiras, independentemente da exhibição do passaporte, apresentem a bordo, por cessação do seu embarque, aos funcionários daquelle serviço, attestado passado pelos agentes consulares de Portugal dos pontos para onde se destinam, em que se certifique acerca das pessoas a quem se dirigem e dos serviços em que vão ser occupadas.

A MULHER NO JORNALISMO

O primeiro jornal redigido por uma mulher remonta ao anno de 1818. Foi fundado por uma allemã, Luíza Otto, que o publicou em Berlim, com o titulo: "Mulheres, libertades!". Teve que sustentar luta implacavel com a policia, que fez cessar a sua publicação em 1853.

Todos os exemplares desse jornal foram então destruidos pela autoridade publica, e hoje seria impossivel obter-se um só dos numeros publicados. Entretanto de 1848 aos nossos dias deu o feminismo gizaeses passos.

Actualmente são innumeras as publicações feministas, as que combatem pelos direitos politicos da mulher, as que defendem os seus interesses profissionais, as que se occupam de modas, de hygiene, de casas, das crianças e da cozinha, etc.

De uma recente pesquisa resultou que um dos paizes onde as mulheres menos se occupam de jornalismo é a Alemanha, pois somente a 25 Por-nões ellas ahi prestam a sua actividade intellectual.

A RAINHA DE HESPAHIA

No dia de S. José, a rainha Victoria de Hespanha, tinha ido de manhã, bem cedo, ao hospital de Santa Adella, para commungar. De regresso ao Palacio, ao passar pelo bairro dos Quatro Caminhos, observou que da igreja de Nossa Senhora dos Anjos sahia o Santo Viatico para ser administrado a um operario. Immediatamente a soberana offereceu o seu automovel ao sacerdote e pediu a sua vela a uma das mulheres do povo que acompanhava a procissão, incorporando-se tambem a ella. O enfermo era um jovem e pobre estudante de 18 annos, victima de aguda tuberculose. A rainha entrou na alcova do doente, ajoelhou e rezou aos pés da sua ca-

ma, não accelerando o almofadão que lhe offereciam.

Depois de interessar-se carinhosamente pelo enfermo, voltou a acompanhar o Viatico até á matriz, onde permaneceu ajoelhada no meio da multidão. Entretanto, lá fora, espalhava-se a noticia do gesto da Rainha. O povo aclamava. Os pobres choravam de alegria, vendo a sua soberana, tão joven e formosa, confundida entre elles, naquella acto tão espiritual, tão solemne, tão hespanhol.

Momentos após, o chefe superior do palacio apresentava-se em casa do vigário com um valioso doativo em dinheiro, que a rainha Victoria mandava para o tuberculoso.

As mulheres politicas na Argentina

Os nossos vizinhos do Prata, em que pese o nosso sempre assanhado, porém impotente, patriotismo, estão, moral e praticamente, mais adelantados que nós, as nossas patriçias, por exemplo, enquanto se contentam com o seu professado publico e com um ou outro cargo no funcionalismo federal, deixam que as argentinas lhes tomem o passo em outras actividades mais serias, participando do proprio governo do paiz.

Ha dias travou-se na Argentina um renhido pleito, disputados por diversos partidos nacionaes. Votaram na Capital 161.411 electores.

A D^a Julieta Lanteri, candidata a deputado, que fez no ultimo trimestre 192 conferencias de propaganda de sua candidatura, declarou confiar em que para as proximas eleições sahirá victoriosa, obtendo facilmente 15.000 votos.

"La Nacion" publica noticias por-menorizadas sobre o ensaio do voto feminino no pleito de hontem, estampando varios clichés.

Em uma das circumscrições electorales votaram mais de 400 mulheres, notando-se a presença de mulheres de todos os partidos.

A Presidente de um dos comícios é entusiasta e duas outras presidentes tambem de comícios encontrando-se em uma das sessões electorales, abraçaram-se effusivamente ao sabermos que tinham obtido boa votação.

Em uma outra secção registou-se um incidente provocado pelo protesto de duas senhorinhas contra o voto feminino.

O UNIFORME DAS NORMALISTAS

A moralisação da "toilette" feminina já se estendem ás estudantes das Escolas Normaes de S. Paulo, por felizmente para a moral e infelizmente para muitas dellas, não podem mais acompanhar tão de perto as demandas da moda.

De occôrdo com o sr. secretario do Interior, o sr. Azevedo Antunes, director da Escola Normal da Praça da Republica, vae introduzir algumas modificações no uniforme das alumnas desse estabelecimento.

Actualmente, esse uniforme consiste em saia e casaco de paño azul, sobre blusa branca, podendo ser dispensado o casaco, como se dá em regra. Acompanhando a moda, não poucas moças usam a blusa decorada e de mangas curtas.

As modificações consistem exactamente na obrigatoriedade da gola e mangas compridas assim como na prohibição de tecidos transparentes.

Isto já accôrde com o uniforme das normalistas do Braz. Assim, as normalistas terão de desrepeitar a moda, se quiserem andar na linha...

Socialisação das mulheres

Pouco tempo depois de se ter conhecido que certos sovietes russos tinham estabelecido a socialisação da mulher, não faltou quem se apressasse a desmentir taes noticias, dando-se lizo uma invenção.

Tal não é, entretanto, a conclusão dos emissarios inglezes que andaram

Para todas as
Affecções
Pulmonares



Tome-se sempre a

Emulsão de Scott

Expectorante e Reconstituinte ao mesmo tempo.

por toda a Rússia, colhendo elementos para a elaboração de um relatório informativo sobre as condições de vida nesse país, sob o regime do bolchevismo. Tal não é, igualmente, a conclusão da observação do Sr. Perzky, que em nome da "Gazeta de Lauenburg" percorreu a Rússia e publicou a respeito de sua viagem notas das mais interessantes.

Em Kousnitzev, departamento de Volga, um grupo de comunistas decretou a associalização de todas as mulheres de 18 a 3 anos de idade.

Em Mourzilovka, 69 mulheres, entre as quais algumas de operários, foram requisitadas por ordem do soviet local de Briansk e entregues à divisão de artilharia.

Em Nicolievski o soviet local obrigou todas as mulheres da aldeia a se collocarem à disposição dos membros do poder.

No distrito de Wladimir, jovens mulheres foram castigadas a chicote por terem recusado a receber homens que vinham, entretanto, munidos de "bilhetes de amor", expedidos pelo soviet local.

Tais são as belezas desse regime incomparável...

A mentalidade da mulher

A propósito do livro que Moelhus escreveu, ha annos já, e em que tentou provar a inferioridade mental da mulher, a elegante escriptora Crysanthème bordou uns commentarios, que são muito opportunos. Eis o que diz a escriptora:

A mulher nunca foi, nem será nunca inferior, em mentalidade, ao homem: ella é simplesmente diversa, pela educação, pela instrução, pelo desenvolvimento que se lhe dá. Em vito Moebius procurou justificar-se, gritando que elle não quiz offender, mas sim analysar, a mulher. Parece que o fez mal pois que o bello sexo lhe guarda um rancor terrivel. Eu sempre achei engraçado conversar com um homem sobre religião e sobre mulher. Dessas duas theses, o homem nunca entendeu nada, sendo materias que o seu espirito rebalça ou eleva demais seguindo o ponto de vista por elle encarado.

Alguns sabios, através dos seus olhos enfumados decidiram que o cerebro feminino pesa menos que o masculino. Que importa isso, si os mais caros e deliciosos perfumes são os encerrados em pequenos e transparentes "fiscões"? Contam que Bischoff se deu ao trabalho de pesar innumerables cerebros de mulher, verificando sempre que estes eram mais leves do que os masculinos. Que prova esse exagerado peso cerebral do homem, meu Deus? Não o que vale, porque, em geral, a pedra pesa muito e é necessario muito bater sobre ella, para retirar-lhe alguma cousa que preste. Como se vê isso de um cerebro fazer pender a balança em mais uma ou duas grammas não prova matematicamente inferioridade, nem superioridade de ninguém. Mas, os sabios falam-na e só nos resta a inclinação do applauso ou da... incredulidade.

Entretanto, eu, mulher, sou contra a ardente campanha feminista do meu país, porque da dos outros não me occupo, sinto como "dilettante". Eu me sinto curiosa e curiosa sou pelo que pôde impulsionar para o bem e para o mal a minha linda patria; permitindo aos outros que façam o mesmo. Detesto as idéas ridículas que trazem para cá vestidos de vel-

ludo e "fourrures" espessas em pleno verão, porque em Paris a neve cai e o vento gela, assim como apparecem entre nós idéas nascidas em cerebros diversas das nossas, em temperamentos antagonicos aos dos brasileiros, em habitos que nada dizem com os nossos, formando-se portanto neste ambiente criaturas hybridas, energumenas desarrasazadas, caracteres sem fibra, nem bussola! Si continuarmos, nessa corda immoderada, atrás de direitos que não sabemos ainda bem quaes sejam, arriscamo-nos a ser "desnavegados": nem bem mulheres, nem inteiramente homens.

Não seremos nem mães nem esposas nem filhas, mas, sim, entes revoltados, rebeldes, que a graça feminina abandona e que a energia masculina não acarinha ainda. De toda essa mescla de qualidades embryonarias, de erros existentes, de ancelos colericos e de impulsos mal reprimidos, que restará da mulher graciosa, do ser delicado, da flor mimosa que ella representa? Não ha duvida que muitas mulheres necessitam do trabalho diario do esforço continuo como garantia da sua existencia. Eu não me dirijo a estas, verdadeiras heroínas, diante das quaes eu me curvo respeitosa e paternal. Eu me refiro ás outras, aquellas que abandonam a mãe doente, o filho pequeno, no desdem dos trabalhos caseiros, na ansia de ganharem, um homem, o dinheiro para o luxo, para a independencia, a licença para actos e gestos incompatíveis com a natureza e a dignidade da mulher. Para muitas das pertencentes ao sexo frágil, que quer ser forte sem discernimento e sem logica, o feminismo, na nossa terra, não tem passado de uma grande e generosa permissão para tudo, ouisar e tudo se permitir, certas de que a campanha feminista será sempre uma barreira erguida como uma defesa entre ellas e o julgamento social. Mas, Deus meu, nunca a mulher dementará a Moabins nem a outros do seu faez, si ella continuar nesse vóo de balão queimado através do espaço, iludindo-se, dirigindo-se. O throno a que ella quer subir necessita para ser occupado de espaços outros, de attitudes outras, de pensares outros. Os direitos que ella almeja com razão não podem ser adquiridos assim e a liberdade que ella reclama nunca será a de se portar mal ou de praticar actos que reprovamos nos homens.

Nesse "flan" feminino para a sua independencia, para o seu "crêdo" de equalidade com o homem, torna-se urgente evitar o ridiculo, o exaggero, o galope desenfreado, que desequilibra as idéas, transtorna o objectivo elevado, metamorphoseia a mulher num carro sem governo, que quebra e inutiliza tudo por onde passa. Até hoje, perdoem-me as senhoras feministas! até hoje as mais exaltadas desta aliás, linda campanha, adoptaram "um genero detestavel e ambiguo, que arripa e aterroriza as observadoras e calmas espectadoras dessa nova moda. Aos grupos, aos bandos, aos magotes, "les ovelles", "les feministes", aquellas que se querem egualar ao homem, percorrem as nossas avenidas, desde o raial do astro-rei, até ao se deitar no chão, para verem a caravana evoluir o ideal de trabalho, sempre irrealizado para ellas. Nessas largas pastas, rolam numa confusão perfumada o "ineffable", "les feministes", aquellas de "arroz", o "negro crayon", que sublinhará fadigas e langores. E em todos

os dias que Deus nos concede as mesmas scenas têm logar.

E eu me pergunto então, sem sorrir, ao vê-las assim evocar como uma nuvem de galvoas perturbadas, si não seria melhor para ellas abandonar a cartela masculina e apossar-se da cartela feminina? Ellas que não se enganam, essas levianas imitadoras do homem, o feminismo nunca foi isso e, destarte, ellas o estão estragando e ridicularizando sem piedade. Um desses dias, um outro Moabins apparecerá de novo no mundo das letras e, com a foice "tranchante" das suas phrasas, immolará, de uma vez para sempre, uma campanha cujas adeptas tão mal a comprehendem. E nessa onda, nessa catadupa, nessa vertigem, iremos envolvidas todas nós, até as que desejam de todo o seu coração ver engrandecido o papel da mulher no mundo. Quanto a mim, o respeito que me inspiram a verdade e a realidade é tal, que me sinto com forças para dizer as cousas pelo seu verdadeiro nome. O feminismo na nossa terra deve mudar de nome...

Congresso sufragista internacional

Mulheres vindas de 31 países e que assistiram ao Congresso sufragista Internacional, que se realizou em Bruxellas e que acaba de encerrar as suas sessões, approvaram uma moção declarando que nunca poderosa liga das nações reside a uma esperança de garantir a futura paz do mundo e appellando para todas as mulheres do mundo a fim de que empreguem a sua influencia em prol da Liga das Nações.

A sra. Carrie Chapman Catt, ex-presidente da dissolvida Associação Sufragista Nortie-Americana, disse que apparentemente só os homens vergiam sobre a importancia da Liga. Uma outra moção extremamente importante apresentada ao Congresso é a que pede um unico codigo moral, incluindo acção para eliminar o estigma de illegitimidade de creanças nascidas de paes desconhecidos, tornando, simultaneamente, os homens responsaveis com as mulheres por estes nascimentos.

A sra. Adele Schreiber, membro socialista do reichstag allemão, de Dresden, propoz uma moção, que foi approvada por unanimidade, pedindo auxilio para as mulheres que passam fome, pon-do em realce a verdade do ditado que as mães do mundo são responsaveis pelos filhos do mundo.

Varios dos mais importantes paizes latinos e orientales foram hoje admittidos á Aliança.

Num jantar officioso ás delegações anglo-americanas, a marquessa do Ter, da Hespanha, dirigindo-se a lady Astor, parlamentar feminina britannica, disse:

"O facto de 11 governos terem enviado delegações a este Congresso, prova a importancia do mesmo. Acreditto pessoalmente que as mulheres podem fazer muito sem se separarem, em seus esforços, dos homens, mas, ao contrario, juntando-se com elles, no movimento progressista."

A dra. Paulina Luisi, delegada do governo do Uruguay, declarou: — "E de summa importancia que esta alliança continue sob a chefia dos mais experientes chefes britannicos e da sra. Carrie Chapman Catt que foi reeleita por unanimidade, embora contra a sua vontade, alegando que já servira dezoito annos como presidente da Aliança Sufragista Internacional."

NOVA SEIVA

Este é o melhor livro de contos que ha para creanças. E' um grosso e grande volume, nitidamente impresso, em finissimo papel e ornado de varias centenas de illustrações, onde se bem magníficos contos, instructivos, moraes e interessantissimos como enredo, que farão a delicia das creanças e das pessoas adultas. Edição de luxo, propria para presente de anniversario. Vende-se nesta redacção. Preço: \$5000. Pelo correio, registrado, \$6000 em vale postal.

CONGRESSO FEMINISTA

Segundo um telegramma recente, causou grande entusiasmo no Congresso Internacional, reunido em Genebra, quando a sr. Devitt Schumberg, presidente da União Franceza do Suffragio Feminino, declarou que se as mulheres tivessem tido o direito de voto antes de 1914, a guerra mundial não se teria dado.

FEMINISMO

São da distinta escriptora portuguesa dr. Emilia de Souza Costa, estas idéas sobre o "feminismo":

... Tão confundidos andam os termos "feminista" e "masculinista" que os melhores intencionados grosseiramente os confundem.

Sim, porque "masculinista" é a designação que cabe ás viragoes esquecidas da grandiosidade, da delicadeza do seu sexo e que pretendem competir com os homens deducidos e imorais na pratica dos vicios, quando o seu dever seria trabalhar por attualisaes e extingui-los nas victimas actuaes.

Dahi o comprehensivel horror das senhoras timidas e incultas e dos homens ignorantes pela palavra "feminista" tão suave e tão bella na sua accepção propria, e que lhes são aos ouvidos como um termo do calão na bocca innocente duma criancinha.

Mas o que viu na escola infantil da nossa collectividade benemerita, essa senhora illustre, para se encantar o enthusiasmar?

Vinto e quatro criancinhas, nos seus bibes avos de neve, sentadas junto de pequenos solitarios brancos com flores, numa sala pobre, mas decorada com o carinho de quem ama os pequeninos, remendando e concertando velhas roupas, manufacturando enxovas para recomendas, aprendendo rendas, malhas, coser á machina, liçras noções de hygienagem, de cozinha e de outros pequenos serviços domesticos. Ella viu esses embriões de futuras mães portuguezas, depois da sua lição de letras, levantarem-se observando uma compostura cheia de graça, dedicando-se cada uma á tarefa que estava destinada nesse dia e executando conscienciosamente, sem trabalho, sem perder a sua alegria infantil e na facil naturalidade de quem cumpre um dever com gosto.

Ella viu as pequeninhas a quem incumbia servir á mesa, prender maternalmente os guardanapos ás condiscepulas de menos idade, e não ficarem de mau humor por serem as ultimas a servir-se e a tomar parte nos folgoes do recreio, retidas pela tarefa de lavar os copos e repor a sala de jantar na ordem habitual.

Ella soube ainda, que dentro daquela pobre casa, se tratava annualmente de proteger o futuro de centenas de raparigas, auxiliando-as para a conquista de um futuro honrado, se não tiverem um braço de homem a amparar-as, ou este não seja amparo effizaz. E' que as senhoras componentes do grupo da gerencia são na sua maioria profissionais, donas de casas cumpridoras da sua missão, mães devotissimas e que vão alli "gostar", trabalhando pelo futuro do seu sexo, quando as outras passassem, tomam chá nas casas elegantes e exhibem nas ruas o seu "doce far niente".

Por isso, ella exclamou na sua lingua expressiva e exuberante: "Em Portugal já se comprehende o verdadeiro "feminismo"!"

E de facto, minhas senhoras, esta instituição é uma obra feminista, porque representa a iniciativa dum grupo de mulheres que mais não pretendem

do que lançar no espirito publico a idéa nitida de quanto nós podemos conseguir, se quizermos ser uteis ao nosso sexo e á nossa patria.

A sympathia com que foi recebida por uma senhora estrangeira, será sem duvida, muito grata á todas as portuguezas.

Se nós não podemos ainda ser admitidas na gerarchia das "druidas" e usufruirmos as prerogativas de que se orgulhavam, ha seculos, as mulheres gauligas, não é graças a Deus? por nos faltarem as qualidades precisas, mas porque os homens não pretendem como os gauligos ser sabios, justos, bravos e religiosos, nem desejam ser condemnados ao esquecimento, como entre esse povo succedia, se na sua vida se não contasse uma acção de beneficencia ou utilidade publica.

Os homens portuguezes não querem que lhes ensinemos as virtudes de verbenha colhida no primeiro dia da Canicula, antes da aurora deixar os cumes das montanhas, para elles inundar a alma de paz e alegria e reconciliar os corações que a inimidade perturba e o rancoz entenebrece. Não nos permittem que, como as "druidas", exercemos o sacerdotio da justiça, em toda a sua magnitude, continuando como ellas a cuidar do lar e a ser modelares e dedicatissimas esposas.

Elles temem que não sejamos sufficientemente fortes, para resistirmos aos seus mais exemplos; como elles consideramos o nosso lar uma hospedaria, e lhes entreguemos os cuidados com os nossos filhos, receios que nunca manifestaram, quando virem a mulher deixar o lar pela fabrica, pela officina, pelo campo, pela casa extranha como costureira, criada, redeadora ou como bufarrineira ou carcejoa. Assim, em extirpações de legua e meio, tanto os extremistas retrocedem, como os avançados, só nos reconhecem antipathia para escravidão dos seus caprichos, brinques para os seus ventidos, moveis automaticos, que deslocam a vontade do dono, nas repartições publicas, em lozars de categoria infima, procuram perverter a mulher, cultivando a sua frivolidade, lisonjeando os seus baixos appetites. E em toda a parte aproveitam e exploram a sua actividade desprezando-a e collocando-a em subalternidade, qualquer que seja o seu merecimento comparado com o de homens que muitas vezes a não equivalem moral e intellectualmente.

Sejamos, pois, "feministas", minhas senhoras. Isto é: efforcemo-nos por equiparar-nos ao homem bom, justo, patriota, prudente e sabelor. Fajamos de imital-o nos seus defeitos e nos seus vicios e para isso desprezemos as modas que nos inferiorizam, quando pretendem igualar-nos a quem por natureza nunca poderemos ser iguaes.

Que importa sermos frageis? Não é tão linda a fragilidade, quando revestida de graça? Não são as nossas lagrimas encantadoras, quando traduzem a emotividade requintada das almas nobres?

Como o nosso sorriso é bello, quando duma hora de amargura consolamos a dor alheia, abalando a propria, e como elle perante os olhos dos superiores deve valer bem mais do que o fumo de um pacote de cigarrilhas chupados corajosamente pelas masculinistas na atmosphera perfumada dos salões.

Purifiquemo-nos e engrandecemos-nos. O homem embora proteste, acabará por admitir-nos ao seu lado, com respeito e consideração, e chegará a reconhecer-se de que não queríamos, nem mesmo sendo possível, abdicar da nossa tarefa principal, só jubilosamente

acceita e cumprida quando comprehendemos como ella é sublime. Para isso é preciso ser "feminista", sinceramente "feminista"...

Festa das damas em Bruxellas

Celebra-se annualmente, no dia 31 de Janeiro, em Bruxellas, a festa das damas.

Em homenagem ás damas, os sinos das egrejas de Nossa Senhora, de Santa Gudula e de São Miguel tangerão sonoramente.

A origem desta festa é lendaria. Ella vem do tempo em que um exercito estrangeiro sitiou Bruxellas, depois de heroicas e cruentas combates com os belgas. O commandante do exercito sitiado, seus officiaes e soldados fizeram este juramento:

"Tomamos Deus por testemunha, e a nossos filhos como emblema; juramos defender a cidade até a ultima gotta de sangue das nossas veias!"

Hastearam a bandeira nacional nos muros de murtas e esperaram resignados o ataque do inimigo. Poucos minutos decorreram quando foi avisado um parlamentar, que amparado de saciadora branca ponde ser recebido com as honras dos estylos da guerra.

Elle era portador de uma mensagem do seu Sogro, o embaixador que dizia:

"Senhoras da cidade! — Convencido do inutil sacrificio da população feminina e inimigo do derramamento de sangue, não desdendo a remoriar em minha consciencia de pac de familia e de homem honrado — conviúdo respectivamente a abandonar a cidade, permitindo-vos conduir a que tiverem mais preloso, em affeição de mães e esposas. Só vos concedo um prazo de seis horas improrrogaveis, e vencido este, as tropas de meu commando de sciencia branca ponde retirar-se ao assual-a."

Beijo respectivamente vossas mãos com toda affabilidade.

As damas reuniram-se em conselho plenario e deliberaram acerca do que se devia entender por "thesouros mais preloso", para salvamento.

Por unanimidade ficou resolvido retirarem os seus maridos.

Vencido o prazo do armisticio, as damas deixaram a cidade carregando os nos braços.

O principe Sigismundo achou original e espirituosa a lembrança das damas de Bruxellas, deu immediatamente ordem de suspender o sitio, e retirou-se com o seu exercito para outro ponto.

Os mais notaveis poetas e prosadores belgas têm celebrado este episodio, que não deixa de ser humano e ga-lante.

As modas femininas e o custo da vida

Dos Estados Unidos chega-nos, a proposito da modas para as senhoras, uma noticia verdadeiramente sensacional, sob o ponto de vista feminino. O governo americano está na firme convicção de que são as modas excessivamente luxuosas uma das causas do elevado custo da vida.

Por isso propo-se dedicar-se a uma campanha, para tentar convencer as mulheres, da necessidade de abandonarem os seus gostos extravagantes, segundo J. C. Wertherly, assistente do procuro-geral da Republica, que chegou a taes conclusões em uma conferencia que realisoou perante os fabricantes de roupas, pediu-lhes para prestarem todo o auxilio de que são capazes, affim de cooperarem com o governo na tarefa de convencer as mulheres de que, para fazerem sobreabrir toda a sua bolsa, não são necessarios os atavios extravagantes de que com-munmente lançam mão.

TOUQUÉ

TOSSE, BRONCHITES, ASTHMA, MOLESTIAS DO PEITO B. GARGANTA. VENDESE EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

ENTRE DUAS ALMAS

Continuação do numero anterior

— E si eu prevenisse a Elias? Poderiam regressar a Arnellas...

— Não, porque incommodá-lo? Esperarei muito bem aqui, no sossego e pouca luz desta saleta.

— Oh! quer-me parecer que não se demorará muito! disse o conde, com um sorriso de familiar malícia. E vou, de facto, preveni-lo, porque as suas feições traem visivelmente o cansaço.

— Não, Carlos, não!

Mas, sem attender-lhe a negativa, o conde Serbeck retirou-se do salão.

Valderez aproximou-se de uma janella, que abriu, oferecendo o rosto ardente ao ar fresco de fóra.

— A senhora é muito imprudente! Deseja então morrer como a mãe de Guilhermina?

A moça voltou-se ao som dessa voz cantante e ironica. A senhora de Brayles estava de pé, à entrada do salão.

— Ignoro como ella morreu, disse friamente Valderez.

— Ah! sim?

Roberta avançou, indo collocar-se ao lado da joven marquez. Esta deu de frente com as pupilas cambiantes que despediam de si um brilho mau.

— ... Oh! não ha nada de extraordinario no modo por que morreu! Em uma *matinée* na embaixada de Espanha, depois de muito ter dançado, e sentido muito calor, collocou-se Fernanda imprudentemente ao pé de uma janella aberta, com a animação da conversa, não attendeu na imprudencia; ninguém dos que a cercavam percebeu o perigo que ella corria... Nem sequer o marido, que estava aliás a pouca distancia. Alguns dias depois, uma congestão pulmonar arrebatava a pobre Fernanda. Como vê, não ha nada de mais simples...

Muito simples, realmente, mas tambem muito triste, porque essa pobre moça deixava no mundo uma filha.

— Sim, e com um pai que com ella se preocupava muito menos que com o seu cão favorito... Posso merecer-lhe o favor de fechar essa janella, senhora? Essa correntezinha de ar causa-me arrepios. E' que eu não tenho absolutamente desejo de acabar como Fernanda! Aliás, talvez a pobre coitada não se tenha lamentado! Volvera-se-lhe a saude tão debil com todos os cuidados domesticos que lhe saíram em sorte desde o dia do casamento! E ella devia de certo ter-se capacitado de que jamais seria possível a união entre o seu e o caracter de Elias.

— Evidentemente, era impossivel, corroborou a fidalga marquez, que até então permanecera calada. A pobre Fernanda era absolutamente incapaz de lhe inspirar sequer a affeição esphemera que elle poderia conceder a uma outra mulher, mais intelligente a esperta.

— E por isso é que boqui-jaram esse rumor estúpido, inverosimil...

A senhora de Ghiliac impertigou-se, subito, na poltrona.

— Cale-se, Roberta! Não recorde essa odiosa intriga de salão!

Os labios de Roberta crispavam-se nesse movimento particular dos felinos, que se aprestam a devorar a presa palpitante, e enviou um olhar á bella Valderez, que se voltara contra ella, de cabeça erguida, como a testemunhar-lhe a sua desapprovação quanto ao rumo em que derivava a conversa.

— Sim, uma intriga ridicula! Ninguém lhe deu ouvidos. Veja a senhora o que é o mundo! Bastou que conhecessem a desunião existente entre o senhor de Ghiliac e Fernanda, para que logo, partida não sei de onde, se espalhasse a atoarda de que... só elle pecebera o perigo a que expozera a mulher.

Valderez teve um movimento rapido, e o olhar, activo e ansioso a um tempo, cravou-se na jovem viuva.

— Eu não comprehendo a razão por que a senhora repete em minha presença esses boatos!

— De certo, simples boatos, que não diminuirão de nada a consideração feiticista que cerca o senhor de Ghiliac. Parece que o facto de permanecer algum mudo e impassivel ao ver uma corrente de ar, mais ou menos mortal, acariar as espaldas humidas de uma moça cuja saude é delicada, não entra absolutamente, na categoria das faltas imperdoaveis.

— Roberta, cale-se! intimou, quasi violentamente a senhora de Ghiliac.

Sim, cale-se, senhora! reforçou Valderez, num tom de altiva autoridade. A mais elemental delicadeza impôr-lhe-a o dever de não repetir essa calumnia deante da mãe e da mulher do marquez de Ghiliac.

Uma onda de rubor subiu ás faces de Roberta, e no olhar com que frechou Valderez chispava um odio retinçado que fez estremecer a moça.

— A senhora tambem não o acredita? E' o seu dever, e todos sabemos como para a senhora o dever, está acima de tudo. A senhora é a mulher modelo, ornada de todas as perfeições...

— Mas, realmente, Roberta, a senhora está de veia, esta noite, para os cumprimentos! exclamou, ironico, o senhor de Ghiliac, que acabava de entrar a saleta, ao mesmo tempo que o olhar penetrante buscava ler na physionomia contrariada da mãe, na da senhora de Brayles, escarlate e animada, no semblante commovido de Valderez.

Roberta, perturbada por essa subita apparição, balbuciou algumas palavras, desviando o olhar contrafeito. Elias aproximou-se da mulher, dizendo-lhe numa voz que, logo, se mudou em vibrção singularmente doce:

— Carlos acaba de dizer-me que a senhora se sente fatigada, e vejo bem que não se illudi. Augmentou a sua enxaqueca?

— Sim (muito. Sinto-me realmente indisposta.

E estremeceu, num arrepio que lhe correu pelas espaldas.

— Então, retiremo-nos depressa. Já mo deveria ter communicado. O calor destes salões causa dór de cabeça até aos que a isso não são affeitos.

— Eu não queria incommodá-lo...

— Ora essa! Preoccupo-me lá com festas disse elle, com um gesto de desdem para os salões, de onde vinham os sons de uma ária hugara, muito em voga nesse anno.

Despediu-se rapidamente da mãe cumprimentou com um movimento de cabeça, cortez mas altivo, a senhora de Brayles, que ainda se não fizera de animo, e retirou-se do salão com a mulher.

Roberta, levando aos labios o tencinho guarnecido de rendas, mordeu-o com raiva.

— Ah! sim! Não se preoccupa! murmurou ella entre den-



ELIXIR DE NOGUEIRA — Grande depurativo do sangue

tes. Só ella o preoccupa! Para elle, só existe ella no mundo. Os demais debalde lhe mendigam uma parcella de affecto. Para essas não na nada, nada para ellas... nem tão pouco para a senhora sua mãe! Ella é tudo elle, é a sua affeição unica.

A senhora de Ghilic, contrahindo o semblante, voltou-lhe sem responder a cabeça, absorveu-se num doloroso scisamar, em quanto defronte della Roberta torcia machinalmente entre os dedos a mimosa baptista do lenço.

Ao partir da Voglerie, o senhor de Ghilic gritava para o choíer: "Depressa, Theobaldo!" Valdez, apenas entrara na carruagem, deixara-se tomar de um como torpôr. Parecia-lhe que era perseguida por um olhar ansioso que a seguia sempre, buscando-lhe a menor contracção do pallido semblante: sentia somente a impressão vaga, mas suavemente doce, de estar sendo cercada de vigilante solicitude, sentindo ás vezes uma mão carinhosa conchegando-lhe a coberta que a trepidação do automovel fazia resvalar. Apoderava-se della um imperioso desejo de repouso, de solidão: parecia-lhe que o circulo que lhe apertava as fontes, adôr lançando-lhe a marteleta o crânio desapareceria em tanto como por encanto.

Afinal, chegaram a Arnellas. Pelo braço do senhor de Ghilic, Valdez alcançou os seus aposentos, onde a aguardava a camareira.

— Traga-me depressa uma bebida quente! ordenou Elias. E a senhora, Valdez, recolha-se já e já ao leito. Deve ter um pouco de febre, pois que tem as mãos ardentes e os olhos brilhantes. Vou mandar chamar o doutor Vangue...

— Está graçaando, Elias? Uma simples dôr de cabeça! Uma noite de repouso é o sufficiente para curá-la completamente. Amanhã já estarei boa.

E tentava sorrir, mas o soffrimento era tão punjente que revia claro no sorriso doloroso que esboçou.

— Está bem. Mas ponha-se depressa á vontade, despen-te-se quanto antes, que esses magníficos cabellos devem pesar muito sobre essa fronte fatigada.

Tinha nas suas as mãos de Valdez, a qual sentia envolvê-la a ardente carícia do olhar do marido. Subito veio-lhe a idea de como seria bom apoiar a fronte dolorida ao hombro delle, e dizer-lhe tudo o que a atormentava... e ouvir-lhe tambem o que elle tinha que lhe dizer...

Não! Nessa noite, não! Ella soffria muito, as idéas se lhe confundiam. Amanhã sim... Urgia que tudo se esclarecesse. Tinha a intuição de que, agora, Elias se explicaria.

— Boa noite, Elias! disse ella, febrilmente.

Glicia inclinando-se, beijou-lhe demoradamente as duas mãozinhas que estremecia entre as suas. Ao erguer-se dessa postura, os olhares de ambos se encontraram.

— Até amanhã, disse elle docemente.

— Até amanhã, repetiu ella, retirando lentamente as mãos. E o seu olhar, velado pelo soffrimento, illuminou-se um instante á chamma ardente dos olhos de Elias.

XIX

Sentada ao pé de uma das janellas do salão que procedia a sua camara, Valdez devaneava, os olhos perdidos na folhagem brunida das arvores do parque, que, lá em baixo se estendiam até as lindas dos jardins.

O mal-estar da véspera deixara-lhe apenas um pouco de cansaço. O senhor de Ghilic, tendo vindo pela manhã ver a mulher, instara contudo por que ella almocasse em seus aposentos, afim de refazer completamente as forças. E esse homem tão friamente pessoal, no dizer das senhoras de Ghilic e de Brayles, esse marido que descurara com tanta desenvoltura a sua primeira mulher, quando enferma, permanecera longamente ao pé de Valdez, distraindo-a com a sua conversação, informando-se de tudo o que ella podia desejar, e dando elle proprio as instruções ao mestre-cosinheiro, afim de que fosse servido á senhora uma refeição, á um tempo, leve e substancial.

Nenhuma allusão havia ainda sido feita ao que se passara na saleta da Voglerie. Entretanto, Valdez, estava convencida que o marido adivinhara qualquer coisa, e lhe exigira explicações a respeito. Era seu direito, e ella tinha o

dever de lhas dar. Estava, por conseguinte, prompta a responder logo que fosse inquirida sobre isso.

As perdidas palavras da senhora de Brayles, passado o primeiro abalo, não haviam deixado nenhuma impressão em Valdez. Elias podia ter graves defeitos, mas quanto a, ser culpado desse crime, nunca! Que odiosa criatura seria então essa mulher, que lhe ousava falar assim do marido, insinuando-lhe tão miseraveis calumnias?

Mas Valdez, desde havia algum tempo, perguntava a si mesma si uma outra mulher não se valera, a seu respeito, de uma perfidia analogia, desvendando-lhe de ante-mão, o exagerando-lhe, os defeitos de Elias e as suas incompatibilidades com a primeira esposa...

Aguardava, pois, o marido. Elle lhe havia dito que voltaria após o almoço, logo que os seus deveres de dono de casa o deixassem livre. E uma commoção, a um tempo, de receio e confiança, fazia desconspassar o coração a Valdez á idea dessa entrevista.

Sinão quando, ei-lo que entra e vai apressadamente ao seu encontro, como um homem a quem houvessem retido por muito tempo...

Esse tagarella de lord Germaun prendeu-me infinitamente no fumatorio! E eu que estava ansioso por vir saber como está passando!

— Afianço-lhe que me sinto perfeitamente bem! Podia até ter descido para o almoço.

Elle sentou-se ao pé della, no mesmo canapé, e, tomando-lhe a mão, envolveu a moça nesse olhar tão profundo e tão terno com que, havia algum tempo, a contemplava.

— Não: seria preferível que refizesse completamente as suas forças. Esta existencia, a que não está habituada, fatiga-a sobre posse, e eu quero antes de tudo que tenha cuidado com a saúde. A sociedade não paga a pena de adoecer por ella. Agora vou dizer-lhe uma coisa que lhe causará prazer. Tive hoje pela manhã uma longa conversa com seu pai. Reprimendi-o, e elle prometteu-me não pegar mais em cartas. Esta promessa, eu lha recordo de si em tempo e lugar convenientes. E obteve igualmente,

"LACTIFERO"

O específico ideal das mães

Preciosa descoberta da pharmaceutica

JOANNA STAMATO BERGAMO

O LEITE MATERNO é o unico e verdadeiro alimento da criança, qualquer outra alimentação traz perigos alarmantes, da vez, fáties, A criança necessita de leite e de calor materno para crescer e prosperar.

Se a senhora não tem leite ou tem leite fraco ou de qualidade inferior, use o LACTIFERO, porque além de estimular a secreção das glandulas mamarias produzindo um leite sadio e abundante, exerce tambem um effeito surpreendente, quer na saúde das mães, quer nas dos filhos. Poderoso fortificante e regenerador organico, restabelece a circulação e produz uma nova energia vital. Muito util ainda durante a gravidez, depois do parto e contra o rachitismo das crianças.



Marca registrada

A' venda em todas as pharmacias e drogarias e no deposito geral:

PHARMACIA BERGAMO

Rua Conselheiro Furtado n. 111 — S. PAULO — Telephone, 1108, Central

Preço de 1 vidro 6\$500—Para porto mais 2\$300

sem grandes dificuldades, que deixasse o Orlando seguir a sua vocação.

— Ah! consegui isso? Oh! como vai ficar contente o meu querido Orlandinho! Como posso agradecer-lhe, Elias?

— Vou dizer-lhe, Valdez, continuou ele, com ternura. Hontem, quando entrei na saleta onde a senhora estava com minha mãe e Roberta, compreendi logo, vendo-lhe a physionomia, que acabavam de lhe dizer alguma coisa de grave... contra mim, provavelmente. Ora, o que eu lhe peço é que me testemunhe uma inteira confiança, scientificando-me do que me accusava, porquanto eu tenho o direito de defender-me.

— Tem razão, e eu também devo dizer-lhe o que se passou. A senhora de Brayles acabava de me contar os boatos odiosos que vogaram... acerca da morte de sua primeira mulher... conciliou Valdez, baixando instintivamente a voz.

— E que pensou sobre isso?

— E, inclinando-se um pouco, mergulhou o olhar firme e recto, algo ansioso contudo, nos grandes olhos castanhos da mulher.

— Oh! eu não o acreditei sequer por um instante! Nunca, Elias! Isso, nunca!

E a sinceridade do protesto revia-lhe da voz, do fremito de toda a sua pessoa.

A physionomia de Elias illuminou-se subito. Incinouse ainda mais, tocando com os lábios a fronte aureolada de ouro carregado.

— Obrigado, meu amor! disse elle, apaixonado. Eu supportaria tudo, menos o vê-la duvidar por um instante da minha honestidade. Diga-me, porém, uma palavra... uma palavra só! Valdez, pode dizer-me: "Eu te amo"?

Ante a immensa ternura do olhar que a implorava, dissiparam-se-lhe as derradeiras brumas da vida. A encantadora cabeça pendeu para o hombro de Ghilac, e Valdez murmurou: "Sim, eu te amo, meu Elias!"

Permaneceram assim por longo tempo, na embriaguez de sua felicidade. São profundas e silenciosas as grandes alegrias. E os beijos de Elias tinham mais eloquencia que as palavras, nesses primeiros instantes, em que elles sentiram emfim bater isochronos os corações de ambos.

— Sómente de alguns dias para cá é que me tens deixado ler um pouco nesses bellos olhos, murmurou emfim Elias. Antes disso, eu ignorava si tinha afinal a felicidade de ter conquistado o teu affecto.

— Tu já o tinhas ha muito tempo... desde o começo, creio. Mas... Oh! diz-me, Elias, por que tiveste essa attitude, porque me falaste assim no dia do nosso casamento? Bem sei que andei mal nesse dia; que, com certeza te offendi. Mas si tivesses pensado na minha pouca idade, na minha inexperiencia...

— Sim, fui eu o culpado, o unico culpado, minha querida! O meu orgulho revoltou-se nesse momento, e affogou o grito de amor... por que eu já te amava, Valdez, e devia dizer-t'o nesse dia. Depois, foi ainda o orgulho que ditou o meu odioso proceder para contigo, nos primeiros mezes do nosso casamento. Não, não protestes! Foi realmente odioso o separar-me de ti, tão jovem, e fazer-te soffrir, simplesmente porque o meu amor-proprio masculino não queria dobrar-se a pedir-te uma explicação e dar-te a conhecer que eras amada. Compreendi, afinal, os meus erros, e tornei para ao pé de ti, resolvido a conquistar o teu affecto, mostrando-te que posso ser, que sou realmente, um pouco mais serio e grave do que o fazem crer as apparencias... e que tenho um coração, — o de que talvez duvidasses também, Valdez...

— Sim, duvidei algum tempo, Elias, confesso-to francamente.

— Dei razão para que assim procedesses. Mas estarei enganado, pensando que houve ainda outras razões?... Não estarias tu prevenida contra mim?

— A moça côrou, mas não desviou o olhar do de Elias.

— Sim, houve quem te representasse aos meus olhos sob as cores mais negras, sob o aspecto mais egoista, incapaz do menor affecto, considerando-me sómente como um *détaché*, que em mim apenas visse um curioso objecto de estudo psychologico...

Os braços de Elias enlaçaram mais estreitamente a moça, que viu nos olhos do marido um fulgor de irracional profunda.

— Ousaram dizer-te isso? Ah! querida, compreendo agora o terror, a desconfiança que eu te inspirava! Mas quem foi o miseravel autor dessa perfidia?...

Valdez côrou ainda mais, e murmurou:

— Supplico-te, Elias, que não me perguntes isso! Eu não to poderia dizer...

Os olhos de Elias chisparam de novo.

— Não, eu não quero que mo digas... Eu já o advinhei, disse elle a meia voz.

(Continua no proximo numero).

PARFUMERIE IDEAL ::

EMILE HAMEL

Praça da Republica N. 31 — SÃO PAULO

Telephone Cidade, 5029

Qual é o maior desejo das senhoras? — E' de ter uma cutis sempre fresca e macia.

Tereis pleno resultado e o vosso desejo será satisfeito, empregando o

CREME NINON

Tendo a vantagem de não ser gorduroso e tornando-se indispensavel para a adherencia do pó de arroz.

E preservando a cutis do sol e do vento que tanto prejudicam as cutis delicadas.

Empregae de preferencia o pó de arroz Ninon.

PO' DE ARROZ NINON perfumado de um perfume suave, impalpavel, invisivel, sem rival, dando ao rosto a transparencia e o avelludado ideal.

ROUGE NINON em pasta para o rosto. Muito recommendado, invisivel na sua applicação, tornando sob a influencia do ar, o tom rosado natural, dos mais seduzentes.

BRANCO PEROLA NINON, igualmente indispensavel, para obter um decolte, basta empregar por meio de um pouco de algodão uma pequena quantidade deste liquido e obterá um bello decolte. Alvo e de uma fineza invejavel.

Produtos igualmente recommendados da PARFUMERIE IDEAL

Agua de Colonia e loção para cabellos e productos para unhas, sendo: Esmalte Ninon, Ongline em pó, Creme Ongline esc.

NOTA: Os productos da PARFUMERIE IDEAL vendem-se em todas as boas casas

COUPON BRINDE

Toda moça ou senhora que nos remetter o coupon abaixo com 400 rs. em sellos do correio receberá um potinho de Creme Ninon.

Nome _____
Rua _____
Localidade _____
Correio _____
Estado _____

A BELLEZA ARTIFICIAL

O mundo feminino começa a agitar-se, ao saber de uma descoberta de grande importância, sobretudo para as damas elegantes e para as melindrosas.

O ar viciado das cidades, as noites perdidas em bailes e theatros, a vida artificial que leva a gente da alta roda fazem que os organismos se depurem. E, por isso, não é muito comum encontrar jovens cidadãs com o vigor e a beleza sã da mulher rústica. O "maquillage" torna-se, pois, indispensável, porque a cutis perde o roseo natural.

E as nossas elegantes são desse modo obrigadas a perder grande tempo supprindo com a arte inteligente o que lhes agostou a natureza...

Como descolorir a belleza eterna, a eterna mocidade, que foge tão rapidamente nos mecos civilizados de vida intensa?

Os cientistas, parece, mostram-se vencidos, sentindo-se incapazes de descolorir o elixir da longa vida. Ainda assim, um norte-americano já resolveu em parte o problema da conservação da belleza. Pelos seus processos, a mulher — ou o homem que tiver inclinação pelas vaidades feminis — poderá perpetuar em suas faces um roseo delicado, mais ou menos carregado, conforme o seu gosto.

Antes de chegar à Europa, essa novidade, já uma casa produtora de artigos electricos de Londres annunciara um invento semelhante ao norte-americano — uma pequena machina de tatuagem, por meio da qual se poderia injectar na cutis uma variedade de cores.

Ha muito, entretanto, vinham os norte-americanos applicando a descoberta, aliás muito mais simples do que a britannica. Os "yankees" não prepararamapparelos complicados para tal fim. O que ha em Nova York, já um tanto popularizado, é uma machina electrica, munhada por um especialista.

Um jornalista visitou ultimamente um desses especialistas.

— Não ha novidade alguma nessa descoberta annunciada em Londres — disse o especialista, interrogado pelo "reporter". Eu mesmo venho effectuando esse trabalho de tão permanente todos os dias, aqui em Nova York. Trata-se, sem duvida, de uma coisa frívola.

mas que a clientela exige... Na minha opinião, o trabalho mais serio nesse sentido é o de disfarçar os defectos do rosto, fazer desaparecer cicatrizes, tatuar cores apropriadas onde a cutis tem manchas indeleveis. Tudo isso constitue um trabalho importante, que merece attenção. A nesceia vaidade humana, porém, deve ser igualmente satisfeita, e assim fazemos cutis rosadas e labios de carmin quando nos pedem.

— Mas — interrogou o jornalista — não dá essa operação, nem ha perigo de envenenamento pelas tintas empregadas?

— Não; quando se effectua o trabalho como deve ser elle effectua-se, não ha absolutamente perigo algum. Não se experimenta dor, nem pouco. Tem-se apenas a sensação de dormencia, o que passa immediatamente após a operação. Uma cuidadosa esterilização da agulha e o uso de tintas especialmente escolhidas evitam qualquer irritação da pelle e não fazem mal algum ao sangue. Em meus trinta annos de pratica, não conheci jamais um caso em que da tatuagem bem empregada resultassem effectos perniciosos. Anticamente, esse trabalho constituia uma demorada e difficil operação, frequentemente acompanhada de graves dores. Isso desapareceu completamente com a invenção da agulha electrica e a descoberta de tintas inoffensivas.

E tomando nos dedos a agulha com que, minutos antes, havia proporcionado a uma joven cliente labios de um eterno rubro, de uma belleza tentadora, provocante, continuou o especialista:

Esta pequena, porém, maravilhosa descoberta tem revolucionado a arte de "maquillage" permanente.

Quando a pintura tinha de ser feita já não era impossivel gradual a necessaria penetração na cutis, resultando que o hem a agulha era empurrada demasiadamente, causando dor e quick perigo de envenenamento do sangue, ao se se introduzia o sufficiente para assegurar a permanencia da materia corante. Ao contrario, com a agulha electrica pôde-se regular no minimo e no maximo attingivel. O grão de

penetração necessaria varia segundo o caracter da pelle em que se opera. A cutis fresca e delicada de uma menina, por exemplo, não precisa ser feita tão profundamente como a pelle mais grossa, mais consistente de uma mulher avancada em annos.

Essa operação, com a agulha, que pôde picar cerca de 5.000 vezes por minuto, é feita em menos de uma hora.

Houve um tempo em que se acreditava indeleveis a tatuagem. A sciencia, porém, descobriu já innumeros processos para fazer desaparecer sem dores as manchas tatuadas.

As mulheres de Londres, no entanto, vão além das newyorkinas. Não se limitam a fazer o "maquillage" eterno.

E' moda, é "chic", actualmente, a tatuagem mais approximada das dos barbaros e selvagens. O decote excessivo da "toilette" parece ter suggerido uma tentadora tela acastanhada, para desenhos de fantasia, para a decoração dos collos chermis. E tanto é assim que a "smart set" feminino da sociedade londrina se apresenta nos bailes e na opera com insectos, rosas e toda a sorte de animaes pintados, a varias cores, nos braços, nos hombros, nas espaldas das damas elegantes. Não são apenas as mulheres de theatro e as cortezãs que ostentam desenhos na sua pelle degnada, cada qual mais extravagante, segundo o gosto dos excentricos britannicos. As senhoras de distintas familias, como a esposa de um official da marinha inglesa, filio unico do fallecido politico, "sir" Herbert e de "lady" Carduff, são conhecidas em Londres pelos desenhos que têm no collo, nos braços, nas espaldas...

A nossa gente, inquestionavel por rufão, apparecerá brevemente, talvez na proxima temporada lyrica, mostrando nos hombros nús desenhos estrambolicos.

Lembramos desde já que "ano é de bom tom" como li dizem os chronicistas mundanos, não é de bom tom o desenho de ratos, baratas, asnos, cavallos, porcos ou bovinos, muito embora tenha "miss" Penty Greenough mostrado as suas costas, no Baile da Victoria, em Londres, com uma gata pintada no hombro...

PENNAS E PENAS

Pennas que o vento leva pelo espaço

Dos leões passarinhos!!

Vós que roídes, às vezes, nos caminhos

E de leve tanguis pelo vento,

Pennas mais subis

Que as outras pennas,

Subis, subis,

As alturas de Deus,

Onde sómente, atinge o pensamento

Das almas puras dos celestes seus...

Vós, que nasceis, bem como as folhas nascem,

— Ellas nos galhos, ao calor do sol,

Quer faça a luz da aurora ou do crepúsculo,

— Vós sobre os ramos, ao calor dos ninhos

As azas enfeitando aos passarinhos;

Bem diferentes sois das penas da alma

Que é possessora também, pois tuameis vós,

E pelos Céus um dia, azas espalma

E canticos entoa.

Quanta amargura exprime

Um (n) nê que se supprime

Da pena que se alça de momento,

E' o vôo, a carícia, o murmur de arminho

Que se transforma em espinho,

Que se faz soffrimento.

Diferença pequena.

Um capricho, qualquer, da orographia

Da lingua portugueza.

Mas que a força contem de mulher *penna*

Em *pena*, alegria em tristeza.

Quanta ventura morta

Na letra que se curta:

Goso que se desfaz...

À menos um sorriso uma tortura a mais.

E no espaço que fica devoluto

Corre de magoa um rio ininterrupto

De lagrimas, de dor,

E' o pranto da vida, o desengano,

E' a chuva do amor,

E' o inverno, sem fim, do coração humano,

Agua que faz bratar do seu travar.

Na immensa solidão

— Uma só flor — a saudade!

Ai, como nos mazagom seus espinhos

Por mais que as illusões brotam serenas...

Quem nem dera trocar as minhas *penas*

Pelas *pennas* das tuas passarinhos!

Natal, Rio Grande do Norte — Maio, 920

PALMYRA WANDERLEY

Conselhos Medicos

Um dos tonicos mais preconizados que ha, em todo o mundo, é o óleo de fígado de bacalhão. Essa reputação de que goza, é realmente, justa, porque elle não é apenas um reconstituinte de primeira ordem, mas um alimento. Entretanto, o óleo de fígado de bacalhão é aconselhavel aos convalescentes e enfermos que habitam as regiões frias, não o é aos que vivem nas regiões tropicaes. O seu uso, entre nós, não deve ser aconselhado, devido aos seus numerosos inconvenientes. A sua digestão é penosa, seja

qual for a forma sob que elle se apresente, quer misturado com outras substancias aromaticas, quer como emulso. A sua ingestão produz, não raro, perturbações gastricas, que agravam ainda mais o estado do enfermo. Verdade é que ha pessoas que o suportam e se dão bem com elle durante os primeiros mezes de uso; mas é verdade tambem que, com a sua continuação, perdem o appetite. Ora, é sabido que uma boa digestão é o melhor auxilio no tratamento de um organismo deprimido.

Met, a que deve o óleo de fígado de bacalhão as suas qualidades como reconstituinte? Ao todo é ao phosphoro que nelle se contem. O pharmaceutico, sr. Francisco Giffoni con-

segua associar esse dois poderosos agentes, em doses therapeuticas, num producto que reúne todas as qualidades do óleo de fígado sem os seus inconvenientes. Esse producto é a "Iuglandina", um xarope iodo-tanico phosphato.

Use, se, pois, o "Iuglandina" em todos os casos em que é aconselhavel o óleo de fígado de bacalhão. São bem conhecidas as suas virtudes tonicas, digestivas e antiscrophilicas. A sua acção é notoriamente efficaz contra o lymphatismo, rachiismo, anemia, cereophlegmas, pericardite, diarrheas infecciosas, affecções pulmonares, aneurismos, phthisia, albuminuria, rheumatismo, syphilis, certas doenças da pelle, etc.

Côrte e envie sem demôra
este coupon á redacção
da Revista Feminina

de de 192

SR. JOÃO SALLES DIRECTOR DA "REVISTA FEMININA"

AVENIDA S. JOÃO 87-1.º ANDAR — S. PAULO

Peço-lhe inscrever-me como assignante da Revista Feminina, por um anno, a começar em

de 192 e a terminar em de 192

para cujo pagamento encontrará annexa a importancia de Rs. 15\$000 caso prefira receber a Revista registrada deveis enviar mais cinco mil réis ou sejam 20\$000 (em dinheiro, cheque, ordem ou sellos).

As cartas com as importancias devem vir sob o registro e valor declarado

Endereço

Logar

Estado

Observações



LYOPTONA

GOTTAS de VICENTE WERNECK

CURA Anemia - Lymphatismo - Rachitismo

Escrophulose - Neurasthenia - Fadiga -

Phosphaturia - EMPREGADA NO DEBILITAMENTO

CONSECUTIVO A EXCESSO DE TRABALHO INTELLECTUAL

E NAS CONVALESCENCIAS DAS MOLESTIAS GRAVES.

COMPOSTA DE IODO-PEPTONA GLYCERO-PHOSPHATOS DE SODIO, MAGNESIO E POTASSIO, NUCLEATO DE SODIO, ARREZINAL GUARANA E MARAPURANA

Deposito: Pharmacia Werneck

5-7 RUA dos OLIVEIS 5-7 RIO

NOVA SEIVA

Um livro interessante que acaba de apparecer - A Moral na Arte

CONTOS

COMEDIAS

MONOLOGOS

RECITATIVOS

E' o mais interessante, é o mais util, é o mais instructivo dos livros destinados ás nossas escolas.

"Nova Seiva", que acaba de ser publicado, é uma linda collecção de novellas moraes e recreativas, é a seiva da alegria que trará á alma da nossa mocidade.

Podemos affirmar sem temor de engano nem medo de sermos immodestos, que a "Nova Seiva" é um livro unico no genero, tendo sómente como emulos esses bellos livros que se publicam na Hespanha e na Italia, e que jámais tiveram similares no paiz.

A litteratura infantil, sadia, moral, instructiva, resentia-se da falta de um trabalho bem feito, bem impresso, ricamente illustrado, que levasse á cultura da nossa mocidade, além dos ensinamentos de honra e de bondade, o gosto pela belleza e pela arte. Um preceito moral escripto em lingua defeituosa, se insinua a rectidão do character, perverte a arte da linguagem. E os brasileiros devem zelar contemporaneamente do seu espirito e do seu idioma.

A influencia que os contos têm produzido na formação do espirito da mocidade é tão grande que os governos têm cuidado, pelo seus pedagogos, da organização de livros da especie deste que hoje annunciamos; entre nós esse cuidado falhou e é por isso que nos nossos lares, o que se lê, são lamentaveis historias da "Carochinha", quando não são os "Testamentos dos Bichos" e outras leituras desse jaez.

Aleitada com taes trabalhos, a infancia, perde ella o gosto pela belleza. Demais, as edições desses livros lamentaveis eram feitos em papel de embrulho, onde as gravuras, pessimamente executados, mais pareciam garranchos e borrões.

"Nova Seiva" é um livro conscientemente escripto, enriquecido por gravuras magnificas, traçadas pelo pincel e pelo lapis dos maiores artistas do mundo. Os contos cuidadosamente escriptos são altamente moraes, tendo vinhetas magistralmente gravadas. A capa, desenhada por Paím, é uma esplendida trichromia, executada por mão de mestre.

Além de contos e novellas, contém o livro monologos, pequenas comedias e recitativos proprios para serões. Imagine-se o prazer de uma mamãe amorosa, ao vêr o seu terno filhinho, ensaiado por seu carinho, recitar ao papá, bellas historias, com sua vozinha clara e ingenua; o bem que d'ahi resulta é enorme. Prepara na creança o dom da oratoria e da palestra, cultiva-lhe a memoria e a imaginação.

Se os contos da "Nova Seiva" são dedicados á mocidade brasileira, tão bem feitos são elles, tão artisticamente concebidos e escriptos, que a sua leitura é um regalo mesmo para os adultos.

A edição é da "Revista Feminina", que se esmerou em apresentar ás suas leitoras um trabalho digno da attenção que sempre lhes tem merecido.

De resto "Nova Seiva", pela correccção da linguagem, pelo interesse que despertam os seus contos e novellas, pela graça das suas narrações, pelos ensinamentos que contém, é um livro que pôde ser lido, com encanto, pelos proprios adultos, principalmente moças e mães de familia.

Preço: 5\$000 — Correio, registrado, mais 1\$000

Peçam á "Revista Feminina" a "Nova Seiva". Ella, como a seiva nova para as plantas, ha de trazer alegria ao vosso lar.

Unicos depositarios para o
Brasil:
Empreza Feminina
Brasileira
Praça Antonio Prado
S. PAULO



(TRICALCISTAS)

Antes do mais:

As pastilhas Americanas Tricalceias do Dr. Malcolm não são uma panacéia. Trata-se de um producto chimico definido cujos elementos principais assim se decompõem (Ph H2 O2) Ca x (Ph 04 2 Ca 3 adicionados de seivas vegetaes, estimulantes da funcção histologica e que lhe fornecem em outro elemento (Fe C3 x 4 H 2 O) vegetal e facilmente assimilavel, constituído a fórma global, além de principios aromaticos e fibrinosos com (Ph H2 O2) Ca x (Ph 04) 2 Ca 3 x (Fe C3 x H2 O).

E' uma fórma de calcificação intensa do organismo com absorção facilitada pela vehiculação das seivas vegetaes. Trata-se portanto de um medicamento de reas resultados em todos os vicios da nutrição.

(Relatorio dos Drs. FOX e CHAMPBELL)

A cura tricalceia do Dr. Malcolm deve durar pelo menos dois mezes e por este motivo que as suas pastilhas são entregues ao publico em tubos de 50 ou 100, o que naturalmente lhe eleva um pouco o preço, mas em compensação faz-se a cura sem necessidade de estar repetindo os pedidos de medicamentos.

Ha outros preparados que custam aparentemente menos; são porém vendidos muito de industria em pequenos vidros, que obrigam o doente a repetir a despesa cada semana. Demais as Pastilhas Malcolm não são um producto commercial no qual se sacrificam as vezes certas exigencias de technica, para diminuir o preço.

Trata-se de um producto medico, preparado com todo o escrupulo e que da resultado.

Em todas as molestias de nutrição as nossas pastilhas deverão ser empregadas: Rachitismo, má dentição de creanças, pernas tortas (das creanças) quasi sempre devido a fraqueza dos ossos, escrupulas, lymphatismo, etc.

Para o desenvolvimento dos seios as PASTILHAS MALCOLM são extraordinarias e temos em nosso poder centenas de attestados de senhoras que no cabo de dois mezes de tratamento tiveram resultados completo.

Muito uteis na convalescença das molestias debilitantes e para uso continuo das pessoas que se entregam a trabalhos cerebraes exaurientes e que necessitam de phosphoro, bem como, para a fraqueza de qualquer orgão.

Durante o aleitamento as Pastilhas Malcolm são indispensaveis. Fornecem ao leite materno todos os elementos calcicos necessarios á formação do esqueleto da criança.

Preço: Tubo de 100 pastilhas . . . 20\$000

DOSE: -- PARA ADULTOS. Começar por duas pastilhas em cada refeição durante a primeira semana e augmentar em seguida para tres. Para casos simples taes como cansaço cerebral, fraqueza dos membros é bastante metade da dose acima.
PARA CRIANÇAS. Uma pastilha ca a refeição; augmentar para duas ao fim de uma semana.
Para criança de menos de 4 annos começar por 1 2 pastilha e continuar por uma.

Pedidos á Revista Feminina
Avenida S. João, 87 - sobrado

S. P. Mfg. Druggs Co.



